



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

FABIANO BARAÚNA BENTES

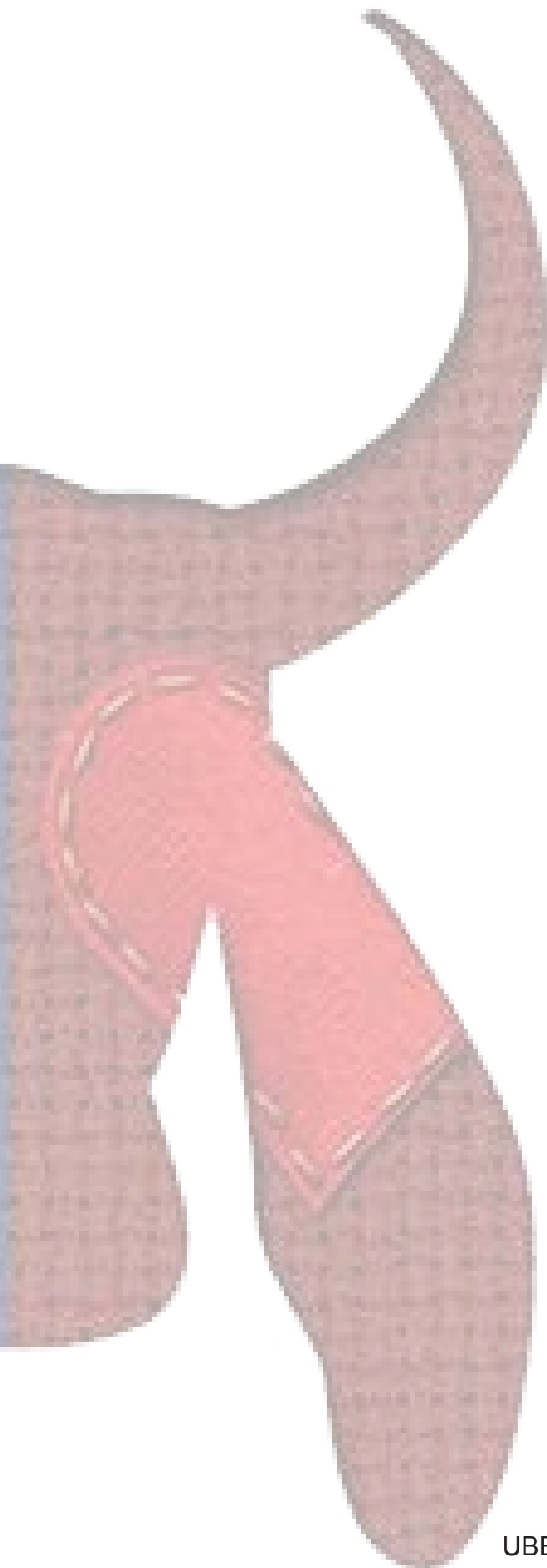
**A Teatralidade no Festival Folclórico de Parintins:**  
O Jogo dos Brincantes dos Bois-Bumbás

UBERLÂNDIA – MG  
2018





FABIANO BARAÚNA BENTES



Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Artes Cênicas, do Instituto de Artes (IARTE), da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência para a obtenção do título de Mestre em Artes Cênicas.

**Área de concentração:** Artes Cênicas.

**Linha de Pesquisa:** Conhecimentos e Interfaces da Cena

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Pacheco Carneiro.



UBERLÂNDIA - MG  
2018





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

B475t Bentes, Fabiano Baraúna, 1982-  
2018 A teatralidade no Festival Folclórico de Parintins [recurso eletrônico] : o Jogo dos Brincantes dos Bois-Bumbás / Fabiano Baraúna Bentes. - 2018.

Orientadora: Ana Maria Pacheco Carneiro.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas.  
Modo de acesso: Internet.  
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.1420>  
Inclui bibliografia.  
Inclui ilustrações.

1. Artes cênicas. 2. Teatralidade. 3. Boi-Bumbá de Parintins. 4. Festas folclóricas. 5. Brincadeiras. 6. Festas populares - Parintins (AM).  
I. Carneiro, Ana Maria Pacheco (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. III. Título.

---

CDU: 792

Rejâne Maria da Silva – CRB6/1925





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS



Orientador(a)

A Teatralidade no Festival Folclórico de Parintins: O Jogo dos Brincantes  
dos Bois-BumBás

Dissertação defendida em 22 de Junho de 2018.

Profa. Dra. Ana Maria Pacheco Carneiro – UFU - Orientador(a)

Profa. Dra. Profa. Dra. Renata Bittencourt Meira - UFU

Profa. Dra. Vanja Poty Sandes Gomes Menezes – ESAT/TEATRO - UEA





# SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| Introdução   | 14         |
| O olhar de um curumim                                  | 14         |
| Conta um pesquisador                                   | 17         |
| <b>1. Parintins uma Cidade de Cores</b>                | <b>24</b>  |
| 1.1. Parintins de muitos povos                         | 28         |
| 1.2. Os Bois de Parintins                              | 30         |
| 1.2.1. Caprichoso, uma paixão azulada                  | 38         |
| 1.2.2. Garantido, o coração encarnado                  | 43         |
| 1.3. A estrutura e organização dos Bois-Bumbás         | 47         |
| 1.3.1. A organização                                   | 47         |
| 1.3.2. O Regulamento                                   | 48         |
| 1.3.3. O Bumbódromo                                    | 50         |
| 1.3.4. Os brincantes locais                            | 51         |
| 1.3.4.1. Por trás das cores                            | 52         |
| 1.3.5. Torcidas organizadas                            | 56         |
| 1.3.6. Os personagens: os 21 itens do Boi de Parintins | 59         |
| 1.3.7. As toadas                                       | 68         |
| 1.3.8. A passagem técnica na arena                     | 68         |
| <b>2. Parintins e suas Teatralidades</b>               | <b>71</b>  |
| 2.1. O alçar das velas                                 | 78         |
| 2.2. Em solo tupinambá                                 | 84         |
| 2.2.1. O jogo dos brincantes/locais                    | 85         |
| 2.3. O espetáculo acontece                             | 90         |
| 2.4. A saga de um canoeiro                             | 92         |
| 2.5. Garantido em festa                                | 104        |
| <b>3. Conclusão da festa na festa da vitória</b>       | <b>124</b> |
| Referências  | 131        |
| Anexos   | 141        |



# DEDICATÓRIA

À Jaci – minha lua  
Às minhas duas Cunhantães:  
Letícia e Vitória





Agradeço a **Tupã**, “O Espírito do Trovão”, pelos rios que me conduziram até aqui. As mãos amigas que me ajudaram a remar e a conduzir minha canoa nos mais turbulentos banheiros dessa jornada de mais de dois anos. Obrigado a todos que fizeram parte deste trabalho, ele também é seu.

A minha orientadora Profa. Dra. Ana Maria Pacheco Carneiro, que acolheu este trabalho e me fez compreender e refletir os meus passos nesta pesquisa.

Ao PPGAC – UFU, que me proporcionou conhecer e aprender com profissionais tão especiais e comprometidos com a arte.

Ao Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), onde tudo começou. Ao Corpo Docente e Discente do curso.

Aos professores e amigos, Carol e Jhon Castro (família anda junto), obrigado por estarem presentes, por me apresentarem esse desafio, enfrentado com muita dedicação e clareza.

Ao professor Luiz Davi pelas provocações e reflexões sobre a arte como pesquisa.

A Minha querida e admirável Profa. Vanja Poty, falo para todos que sou vanjiano, sua condução durante os quatro anos que estive na graduação reverberam até hoje em meus processos criativos.

Ao Grupo de Teatro UlhaJá!, Robson, Emerson, Saile, Dani e Ismael, pela incrível parceria, e também, pela paciência e compreensão. Estou chegando.

A Ana Oliveira pela visualidade e vida que deu a este trabalho e ao meu querido Frank Kitzinger pelas ilustrações tão belas.

Ao meu grande amigo, irmão camarada Ismael Farias, por fazer parte da minha jornada artística e acadêmica, por me apresentar a Rua como palco, e comprar as minhas ideias, mesmo, às vezes, sendo contra a performatividade que cada processo artístico está mais intrínseco.

A Daniely Peinado, por me presentear com sua amizade, pelas suas provocações os quais geraram conteúdos férteis para este trabalho e pela sua companhia nos cafés vespertinos.

Ao Capitão Paulo Padilha, comandante da Companhia Independente de Policiamento com Cães da Polícia Militar do Estado do Amazonas, o qual sempre esteve disposto a contribuir no processo deste pesquisador e militar.

Aos Bois-Bumbás Caprichoso e Garantido, através dos membros do Conselho e Comissão de arte: Ericky Nakanome, Fred Góes, Chico Cardoso, Juarez Lima, os quais tiveram uma grande importância para este trabalho.

Por fim, a minha mãe, meu porto seguro. Ao meu irmão Max, pelos bate-papos nos bares da ilha de Parintins nos mais de vinte anos que brincamos de Boi-Bumbá.

E a todos os brincantes desta festa que contribuíram de alguma forma para concretizar esta pesquisa

## RESUMO



Este trabalho é uma reflexão, é o meu caminhar, é onde me encontro, um aprendizado do novo, uma leitura que navega por conhecimentos e curiosidades, envolvendo organicidade e resignificados. Relaciono nesta pesquisa manifestações populares, jogo, teatralidade e histórias, de cantos e encantos, de mitos e ritos, de superstições e paixões, mais especificamente a paixão de um povo que toma para si o folclore, dividindo-se em sentimentos coloridos, entre vermelho do Garantido e azul do Caprichoso. Dessa forma, direciono o meu olhar para a teatralidade intrínseca no Festival Folclórico de Parintins e reflito sobre o ato teatral existente nas encenações dentro da arena, na cidade e na viagem feita pelos brincantes dos Boi-Bumbás.

### **Palavras-chave**

Boi-Bumbá de Parintins, teatralidade, brincantes.

# ABSTRACT



This project is a reflection, it is my walk, it is where I find myself, a new learning, a reading that navigates through knowledge and curiosities, around organicity and resignification. I connect in this research popular manifestations, play, theatricality and stories, of songs and charms, of myths and rites, of superstitions and passions, and specifically the passion of a people who dive in the folklore, splitting into colorful feelings, between red for Garantido and Blue for Caprichoso. Thus, I turn my attention to the intrinsic theatricality at the Parintins Folklore Festival and reflect on the theatrical act of the performances inside the arena, in the city and in the journey made by the Boi-Bumbás “brincantes”.

## **Key-words**

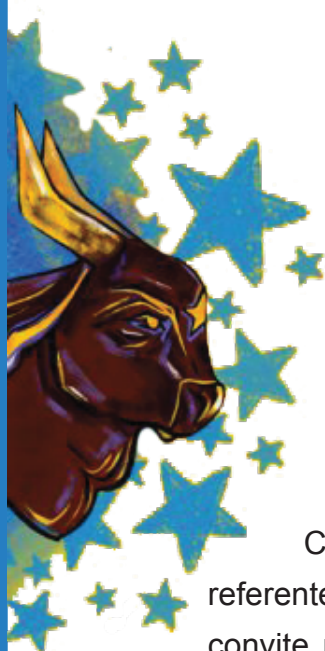
Boi-Bumbá from Parintins, theatricality, “brincantes”.



# LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Cunhatães e seu boneco
- Figura 2** – Arquibancada Boi Caprichoso
- Figura 3** – Bumbódromo
- Figura 4** – Boi de Rua Caprichoso
- Figura 5** – Galera Vermelha
- Figura 6** – Galera Azulada
- Figura 7** – Apresentador
- Figura 8** – Levantador de Toadas
- Figura 9** – Ritmistas
- Figura 10** – Ritual
- Figura 11** – Porta Estandarte
- Figura 12** – Amo do Boi Caprichoso
- Figura 13** – Sinhazinha
- Figura 14** – Rainha do Folclore
- Figura 15** – Cunhã Poranga
- Figura 16** – Boi-Bumbá Caprichoso
- Figura 17** – Pajé Caprichoso
- Figura 18** – Tribos
- Figura 19**– Tuxaua
- Figura 20** – Alegoria
- Figura 21** – Lenda Amazônica
- Figura 22** – Vaqueirada Azul
- Figura 23** – Vaqueirada Vermelha
- Figura 24** – Galera
- Figura 25** – Galera
- Figura 26** – Coreografia
- Figura 27** – Brincante em Viagem
- Figura 28** – Brincante em Viagem
- Figura 29** – Orla de Parintins
- Figura 30** – Triciclo ornamentado de vermelho
- Figura 31** – Fila para entrar no Bumbódromo
- Figura 32** – Fila para entrar no Bumbódromo

- Figura 33** – A entrada do Apresentador do Boi Caprichoso
- Figura 34** – Nas Mão de Honorato
- Figura 35** – Lenda Amazônica Templo de Ouro
- Figura 36** – Exaltação Folclórica: Dom Sebastião
- Figura 37** – O Vaqueiro da Várzea
- Figura 38** – Calafate
- Figura 39** – Ritual Pressagio
- Figura 40** – Blocos Alegóricos
- Figura 41** – Garantido no Coração da Amazônia
- Figura 42** – Nosoken, a floresta encantada
- Figura 43** – Ritual de Escarificação
- Figura 44** – Apresentador sentado no meio da arena
- Figura 45** – Caboclo Ribeirinho
- Figura 46** – Rainha do Folclore carregada pela Yara
- Figura 47** – Tuxaua
- Figura 48** – A Fera Kanaimã
- Figura 49** – Galera tremulando sua bandeira
- Figura 50** – Boi Beleção
- Figura 51** – O Auto do Boi Parintinense
- Figura 52** – Pajé no Ritual Pajé dos Pajés
- Figura 53** – Galera vermelha, eufórica
- Figura 54** – Ypupiara, bicho do fundo
- Figura 55** – Cunhã Poranga carregada por Ypupiara
- Figura 56** – Ceramista da Amazônia
- Figura 57** – Brincante na encenação
- Figura 58** – Ritual indígena O Eldorado
- Figura 59** – Galera do Boi Garantido na Apuração das notas no Bumbódromo
- Figura 60** – Galera do Boi Caprichoso no momento que anunciaram a vitória
- Figura 61** – Diretoria do Boi Caprichoso nas ruas
- Figura 62** – Diretoria no Cortejo
- Figura 63** – Boi Caprichoso nos Braços da Galera
- Figura 64** – Brincantes em frente à Catedral Nossa Senhora do Carmo, comemorando a vitória
- Figura 65** - Brincantes em frente à Catedral Nossa Senhora do Carmo, comemorando a vitória



# CONVITE



Como narrador deste trabalho que irá tratar de aspectos referentes ao Festival Folclórico de Parintins, faço aqui o meu convite para que o leitor adentre na arena onde revelo a imaginação adjetivada deste apresentador, que se utiliza de metáforas para descrever a Amazônia Cabocla.

Convido-o para mergulhar no folguedo parintinense, na terra do BOI-BUMBÁ, onde o azul e o vermelho o seduz e o conduz sobre os fios de encanto e magia.

Desvencilhe-se dos afazeres cotidianos, e conheça a “Ilha de Parintins, nascida sob a magia das estrelas”<sup>1</sup> que revela sentidos e tradições, que inspira a poesia, a dança, a alegria, a esperança.

Germina do solo amazônico a arte de cores, de línguas, de fábulas, de cantigas, de vida sofrida, moldada por índios, brancos e negros que derrama sobre seu chão a herança cultural evelada, cantada, encenada.

Parintins, Ilha onde mão habilidosas tecem suas malha-deiras<sup>2</sup> de caminhos, dialogando com os mistérios que os cingem, transitando pelo limiar da criatividade e de suas teceduras mágicas.

Ilha de sangue, de orgulho, de identidade cabocla, de fé, de promessa, de humanidade, ilha do folclore, âmago da Amazônia, onde as fronteiras das metáforas se inter cruzam com delírios infinitos na terra do bumbá.

Ilha de medos, crenças, cheiros, costumes, hábitos, falas, saberes e anseios. Ilha do imaginário, do devaneio, da materialização, e do mergulho no universo miscigenado.

Dos rios: a lara, a cobra grande, o boto encantado traduzem o mistério;

Dos igapós: a Vitória Régia e sua singela beleza encanta o ribeirão;

<sup>1</sup> Trecho do apresentador do Boi Caprichoso, 2016.

<sup>2</sup> Rede de pesca.



Dos terreiros: o assobio perturbador de Matinta Pereira assusta os curumins maluvidos<sup>3</sup>;

Das matas: o Murupiara, o Uirapuru e o Mapinguari revelam medo e encanto;

Tudo isso são fendas do imaginário caboclo por onde transpiram o encantamento e o temor, entrelaçando sentimentos e conhecimentos construídos pelo mundo a sua volta, um mundo de sensibilidade, de cores, de cheiros, sons, cinestesia e calores, um mundo de quem respeita e agradece, usufrui e compartilha, sente e sagra.

Parintins, que por três noites, geralmente no último final de semana do mês de junho, recebe o encanto da Amazônia, dentro de uma arena intitulada de Bumbódromo, onde uma verdadeira batalha artística é travada por dois Bois-bumbás – **GARANTIDO** e **CAPRICHOSO** – conduzindo um teatro a céu aberto para o mundo, revelando sua fauna e flora, seus desejos e anseios, suas místicas e míticas para os olhos atônitos de quem vê.

Imaginário encenado, brincado e jogado entre os brincantes que fazem, na arena ou na arquibancada, o festival acontecer. Visitantes, participantes, diretoria e artistas tornam-se um corpo no folguedo do Boi-Bumbá.

<sup>3</sup> Malcomportados (FREIRE, 2012, p. 85).

SEJAM BEM VINDOS AO TEATRO POPULAR DE PARINTINS!







# INTRODUÇÃO

## O Olhar de um curumim

Parintins me seduziu e me conduziu, faz parte da minha vida, mais precisamente, desde 1996 quando, ainda curumim<sup>5</sup> - com 15 anos de idade -, minha mãe, neta de etnia Mura<sup>6</sup>, me leva pela primeira vez a Ilha dos Tupinambás<sup>7</sup>, pois trabalhávamos com vendas de comidas típicas da região em uma barraca alugada pela prefeitura do município. Lembro-me que, ao acordar, com as conversas e risadas dos primeiros clientes, já sentia o cheiro gostoso do café, das pupunhas<sup>8</sup> cozidas, do saboroso tucumã<sup>9</sup> enrolado nas tapióquinhos com queijo coalho e das variadas sopas preparadas antes do sol despertar, – e que, amenizando a ressaca de muitos, eram o cardápio da manhã. Tudo próximo ao Rio Amazonas, que corria atrás da nossa barraca, em direção ao Oceano Atlântico, um fenômeno maravilhoso.



*"Foi assim a minha vida no "tinheiro"<sup>4</sup>  
quando curumim, me escondia do  
velho no "porão" descobri a poesia  
ritmada que morava em mim colorindo  
de azul meu coração"  
Caprichoso, 2016a.*

<sup>4</sup> Local onde as embarcações recebem reformas – estaleiro.

<sup>5</sup> Palavra de origem tupi (Kurumí) - kuru: corpo, e mí: pequeno. Designa, de modo geral, as crianças indígenas (SOUZA, 2012, p. 69).

<sup>6</sup> Os Mura ocupam vastas áreas no complexo hídrico dos rios Madeira, Amazonas e Purus. Vivem tanto em Terras Indígenas, quanto nos centros urbanos regionais, como Manaus, Autazes e Borba.

<sup>7</sup> Nome pelo qual é conhecido, também, o município de Parintins – AM.

<sup>8</sup> Do Tupi: mpu + mpu) Fruto da pupunheira, palmeira alta com o tronco armado de espinho dispostos em anéis regularmente espaçados, de frutos vermelhos ou amarelos, ovais ou arredondados, com mesocarpo carnoso, amiláceo, comestível após cozimentos das amêndoas, que também fornece um óleo comestível. Os indígenas utilizam sua madeira para confecções de arcos, pontas de flechas etc. (SOUZA, 2012, p. 314).

<sup>9</sup> Do Tupi: Tuku'ma. Planta da família palmae, gênero *Astrocaryum*, espécie tucuma, tucumanzeiro (SOUZA, 2012, p. 332).

FIGURA 1 – Cunhatã e seu boneco – Fonte: O autor



No almoço, além dos espetinhos assados, variados tipos de peixes, marca registrada da culinária parintinense, consumidos com abundância, como a tradicional caldeirada de acari-bodó<sup>10</sup> e o delicioso tambaqui<sup>11</sup> na brasa, iguarias fixadas e latentes na minha memória e em meu paladar.

Descrever esses sabores me leva a dialogar com minha memória, a transformar lembranças adormecidas em saberes. Sem eles – sabores e memórias –, segundo Barthes (2008), se perde a ideia do inteiro, pois são parte do tecido que completa meu caminho. E, como tal, me auxiliam a estabelecer o jogo da sedução entre minha narrativa e o leitor.

Com o pôr do sol mergulhando nas águas ao leste da ilha, o movimento frenético na orla da cidade migra para a Avenida Amazonas<sup>12</sup>, enquanto outras pessoas já estão nas filas, desde as primeiras horas do dia, para adentrar ao Bumbódromo<sup>13</sup>. A noite cai, é hora de descansar e se preparar para o próximo dia de muita agitação. Minha mãe preferia repousar a se juntar aos brincantes nas noites de festas. As redes eram amarradas na própria barraca utilizada durante o dia nas vendas. Os barraqueiros vizinhos eram, eles próprios, os seguranças uns dos outros, e com isso, as noites seguiam sem transtorno.

Ainda muito jovem, não tinha ideia e tampouco interesse de estar naquela comunidade, mas mesmo a trabalho, arrumava um tempo para me divertir nas correntezas do rio. Entre um barco e outro, sem ideia do perigo que corria, saltava da proa das embarcações com os outros curumins. Brincávamos sem medo e preocupação. O grito da minha mãe determinava o momento de parar; saía na carreira para atender: assar churrasco, carregar água para lavar os pratos sujos, comprar algo de urgência, enfim, fazer meu trabalho enquanto ajudante.

No terceiro dia das apresentações, lembro-me muito bem, era meio dia, a cidade estava fervilhando, as pessoas dançavam, cantavam e bebiam, na rua do Bar Chapão<sup>14</sup>. Em um palco montado apenas na época do festival, vários artistas se apresentavam na ventilada Parintins. Por alguns segundos a banda para e com o silêncio momentâneo um convite do cantor: “O Boi Caprichoso convida rapazes que queiram compor uma tribo para se apresentar nesta noite no Bumbódromo. Às 14 horas no QG do Boi Azul<sup>15</sup> haverá um ensaio com todos e a entrega da fantasia”. Nesse momento, não estava ligando para a chamada. Minha mãe me perguntou se eu queria ir, na hora falei que sim. E assim aconteceu meu primeiro contato com a festa, com o boi, com a magia.

Ensaíamos por duas horas. Às 18 horas, recebemos as fantasias e seguimos a pé para o Bumbódromo. Caminhamos mais de uma hora fantasiados e pintados até o local da concentração, onde esperamos por mais cinco horas até o boi entrar na arena. Uma verdadeira peregrinação!

<sup>10</sup> Peixe cascudo, bom para caldeirada (FREIRE, 2017, p. 38). <sup>11</sup> Do Tupi “tāba’ki – Designação comum aos peixes teleósteos [...] ao atingir os três anos, chega a ter cinco kg, e mede de 50 a 55 cm de largura, na região ventral (SOUZA, 2012, p. 326).

<sup>12</sup> Uma das vias principais da cidade de Parintins, nela, acontece o maior encontro dos brincantes durante a noite, principalmente após as apresentações no Bumbódromo.

<sup>13</sup> Local onde acontece o Festival Folclore de Parintins – AM.

<sup>14</sup> Bar tradicional de Parintins, onde se reúnem, na época do festival, os simpatizantes do Boi Azul.

<sup>15</sup> Quartel General do Boi Caprichoso, onde são confeccionadas as alegorias e fantasias do boi.

O espetáculo inicia; sinto-me tenso e maravilhado com tantos fogos, com os módulos alegóricos entrando e saindo, um verdadeiro quebra cabeça montado diante dos olhos atônitos de jurados, visitantes, imprensa e autoridades. Ainda fora da arena, ouço os gritos de alegria da Galera, o Item 19<sup>16</sup>. Meu sangue ferve, o nervosismo espreita. O apresentador vai preparando o espectador e as encenações vão evoluindo. Assustado, deixei meu corpo ser levado. A cada grupo de brincantes na arena, gritos de emoção são disparados.

No ritmo da Marujada, salto no vazio, um vazio cheio de cores, emoções, sensações e principalmente repleto de paixão. Paixão gerada pelo encanto apoteótico do ritual, fazendo-se e desfazendo-se no folclore parintinense, vivendo o brinquedo, vivendo a imaginação concreta e viva de cada apresentação, da evolução dos itens. Eu era aquilo, eu era o índio pintado para guerra, eu era o folguedo, eu era o brincante do Boi-Bumbá Caprichoso.

Coreografias eram executadas e, por imitação, eu acompanhava. Dois-pra-lá e dois-pra-cá<sup>17</sup>. As lindas cunhãs<sup>18</sup> passavam diante dos meus olhos e os mais variados figurinos das guerreiras representavam a vida Amazônica. O bailado gingado da Sinhazinha do meu Boi deixava o brincante extasiado; o fervor da Porta Estandarte trazia força para as tribos sustentarem as duas horas e meia de apresentação. A Rainha do Folclore encantava com suas cores vivas; a Cunhã-Poranga<sup>19</sup> revelava a coragem e o encanto. O Pajé<sup>20</sup> bebia diante de mim, na “cuia sagrada de seus ancestrais” (CAPRICHOSO, 1996), o sapó – bebida feita da semente do guaraná, ralada na língua do pirarucu e diluída em água – e a poesia da evolução do Boi Caprichoso encantava todos os presentes naquele espetáculo florestal.

Cantávamos e dançávamos freneticamente ao redor da fogueira, já nos momentos finais da apresentação. As tribos se misturavam em uma grande dança para Tupã<sup>21</sup>. Nesse momento, o show pirotécnico fazia o seu papel, complementando a imaginação. Eu não sentia mais o peso da fantasia, fazia parte de mim, minha pele. Era a noite ritualística<sup>22</sup>. Caveiras por todos os lados na arena, velas de todas as cores (menos vermelhas)<sup>23</sup> eram acessas. Na arquibancada, a galera fazia a sua encenação. Os olhos brilhantes dos monstros ferozes, bonecos alegóricos que compunham o cenário, tentavam atacar as tribos e, em transe xamânica<sup>24</sup>, o pajé combatia os seres oriundos do subterrâneo. Vitória na certa e festa na taba<sup>25</sup>.

16 No primeiro capítulo será explicitado o termo “galera”, assim como todos os demais itens que fazem parte da competição do Festival Folclórico de Parintins.

17 Ritmo tradicional e cadenciado do boi-bumbá.

18 Do Tupi kuiã: mulher (SOUZA, 2012, p. 68)

19 Do Tupi kuiã: mulher + puranga = bonita – mulher bonita. Item incorporado ao contexto do Festival Folclórico de Parintins (<http://www.boicaprichoso.com/glossario.asp>. Acessado em 21 de janeiro de 2018).

20 Ou paié – o pajé é o médico, o conselheiro da tribo, o padre, o feiticeiro, o depositário autorizado da ciência tradicional (CASCUDO, 2000, p. 468).

21 Ou tupana, um deus criado pela catequese católica no século XVI, cujo nome foi imposto pelo hábito às crianças e aos catecúmenos (CASCUDO, 2000, p. 702).

22 O Festival Folclórico de Parintins é encenado em três noites. Há um tema central que subdividem-se em três temas diferentes, que serão explicados no segundo capítulo.

23 As cores do boi contrário não podem ser usadas pelo boi que está se apresentando.

24 De Xamanismo, sistema religioso de certos povos e tribos baseado na crença nos espíritos, no culto da natureza e em práticas terapêuticas ou de adivinhação, tais como o transe e o êxtase (<http://www.boicaprichoso.com/player>. Acessado em Dez de 2017).

25 Do Tupi: taua – o mesmo que aldeia indígena (SOUZA, 2012, p. 322).

Deixamos a encenação, corremos para fora do Bumbódromo e ao passar do portão, me bateu um sentimento de falta, um vazio cheio de alegria e satisfação. Conheci o Touro Negro da América e me encantei. Hoje o azul abrilhanta o meu folclore nas noites juninas, influenciando minhas escolhas em outras festividades pelo Amazonas<sup>26</sup>.

## **Conta um pesquisador**

É importante para este trabalho deixar registrado que foi mais precisamente em 2011, com a minha entrada no Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, que o meu interesse pelo Festival Folclórico de Parintins, antes uma apreciação da festa em si (torcedor do seu boi), passou a ter um olhar diferente, ou seja, durante os quatro anos no curso fui desenvolvendo trabalhos em programas de iniciação científica, projetos das diferentes disciplinas, trabalho de conclusão de curso e incentivos de alguns professores, que foram fundamentais para a escolha deste processo pesquisado.

Durante o levantamento bibliográfico para realizar esses trabalhos, percebi a escassez de referências que apresentassem um olhar teatral. No entanto, hoje é possível obter pesquisas nas diferentes áreas sobre o boi-bumbá de Parintins, sua festa e sua cultura; trabalhos desenvolvidos por músicos, dançarinos, antropólogos, historiadores, geógrafos, artistas plásticos, jornalistas e muitos outros. Porém, até esse momento nas minhas investigações, não achei nenhum material que contemplasse esse olhar que desenvolvi a partir do curso de teatro, ou melhor, um olhar que revelasse a direção, a interpretação, a sonoplastia, a iluminação e outras características cênicas inerentes de um espetáculo que considero puramente teatral, que é o Festival Folclórico de Parintins.

Portanto, diante da ausência desses olhares, ao fazer parte do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênica – PPGAC-UFU, em 2016, me aproximo do universo do boi-bumbá de Parintins e seus artistas, tanto por meio das pesquisas teóricas quanto das pesquisas de campo, direciono minhas energias a investigar e compreender, através da teatralidade (assunto abordado mais a frente), as pessoas que fazem acontecer esse espetáculo, pessoas que idealizam e concretizam os espetáculos nos barracões dos bois e pessoas que esperam a chegada desse grandioso evento para lucrarem em seus comércios, pessoas que se deslocam das suas cidades para assistir o evento, enfim, pessoas que chamarei de brincantes do boi-bumbá e como elas se comportam perante essa estimada festa.

Dessa forma, utilizo-me de materiais e métodos que envolveram levantamento

<sup>26</sup> Refiro-me aqui ao fato de que em outras festividades existentes em outros municípios, como: a Festa dos Bois em Maués, o Festival dos Peixes ornamentais em Barcelos, a Festa da Onça em Tabatinga, eu sempre escolher como meu favorito o grupo que tenha a mesma cor azul do Boi Caprichoso.



bibliográfico, anotações, observação participante, entrevistas, histórias contadas por brincantes, registro imagético através de vídeos DVDs, CDs e fotografias. Tudo isso, me auxiliou a planejar e a confeccionar a estrutura desta pesquisa.

Percebo que me encontro enredado com tantas imagens do evento assistido, o que gera um desafio ao transcrevê-las para esta pesquisa, pois sei que por mais que todos os detalhes dos acontecimentos sejam expostos aqui, a descrição não terá o mesmo sentido apoteótico de quando se vê, vive e sente na arquibancada.

Debruço-me em minhas memórias e “deixo meu corpo seguir suas próprias ideias, pois ele não tem a mesma ideia que eu” (BARTHES, 2008). E me reviro em lembranças, que sempre vem com mais força quando paro para contemplar os vídeos e músicas que marcaram momentos únicos nas apresentações de 2017.

Dialogar neste trabalho com as cenas apresentadas nas três noites é trazer para o leitor o olhar teatral deste pesquisador, como registrado acima. É apontar, na minha perspectiva, os elementos visuais que contemplem essa arte - a qual escolhi para fazer parte da minha formação -, presentes no Boi de Parintins.

Nesse sentido, tento buscar uma narrativa mais poética, de modo a trazer esse mundo caboclo para minha escrita – o que inclui a valorização da linguagem e das expressões desse caboclo, tão comum na cidade e tão ligado aos fenômenos da natureza, aos costumes e à fé de seu povo – na esperança de que isso possibilite sustentar um diálogo mais próximo do parintinense.

A pesquisa intitulada “A Teatralidade no Festival Folclórico de Parintins”, exige deste pesquisador uma imersão na etnografia parintinense, no brincar do boi-bumbá, descrevendo antes, durante e depois do Festival, as impressões dos brincantes no espetáculo encenado.

Como Funes, o memorioso<sup>27</sup>, mas não tão preciso, resgato memórias que possam contribuir para o trabalho, nas quais “cada imagem visual est[á] ligada a sensações musculares” (BORGES, 2008, p. 105) sentidas e vividas ao longo dos 21 anos em que participo como brincante do Festival Folclórico de Parintins.

Com isso, os cantos e encantos, mitos e ritos, superstições e paixões são registrados como em devaneios nesta pesquisa, com base no pensamento do filósofo Gaston Bachelard. Fantasia espetacularizada e ingerida a partir da criação do parintinense, mais especificamente de um povo que tem o folclore como sua paixão.

No primeiro capítulo, Parintins uma cidade de cores, a partir de extenso estudo bibliográfico relaciono pesquisadores que dialogam com o folclore e festas populares específicos e genuínos de cada povo, como Câmara Cascudo (1984), e com a cultura popular, como Cleber Sanches (2012), os quais foram determinantes na reflexão de assuntos tão intrínsecos da cultura parintinense

<sup>27</sup> Refiro-me aqui ao personagem de Jorge Luis Borges, no livro *Ficções*, 2008.

Recorro ainda a autores que contribuíram e contribuem para a história do Amazonas, como Raimundo Filho (2011), essencial para compreender a ligação tão viva com a cultura nordestina presente no boi-bumbá de Parintins. E a pesquisadores, autores, poetas e compositores que descrevem em suas pesquisas o brincar de boi, como: Tonzinho Saunier (2003), Basílio Tenório (2016), Ivan Braga (2002), Andrea Valentin e Paulo Cunha (1998, 1999), João Suzano (2006), Allan Rodrigues (2006), Nilza Megale (2000) os quais, entre outros, colaboraram na construção científica e artística deste pesquisador.

Com eles, levo o leitor a explorar a Ilha de Parintins, seu povo, sua cultura e sua fé, conhecer o festival e sua dinâmica, os brincantes do boi, além das reflexões sobre o Festival obtidas por meio de entrevistas, que ao longo do ano de 2017 foram se sistematizando<sup>28</sup>.

Assim, o folclore parintinense o conduzirá ao encontro da imaginação, dos mistérios e sorrisos de um povo amável e sereno. Neste mesmo caminho, curiosidades interessantes da história da Ilha de Parintins surgem como suporte e como fator que ajudam a compreender o devaneio do artista parintinense, uma vez que o mesmo mergulha na credence de seu povo e a transforma em arte.

O segundo capítulo, Parintins e suas Teatralidades, aborda a Teatralidade de acordo com Josette Féral (2015), Silvia Fernandes (2010), Suzana Thomas e outros, o que me leva a refletir e a descrever, no percurso traçado pelos brincantes e suas ações na cidade e no Bumbódromo, a importância da relação que o brincante tem com o festival e a situação de jogo em que a teatralidade o coloca, segundo Féral (2015).

Relato nesse ponto minhas observações como brincante participativo no 52º Festival Folclórico de Parintins, realizado nos dias 30 de junho, 01 e 02 de julho do ano de 2017. Tal relato envolverá as impressões e inquietações observadas durante a viagem, que tem como partida o Porto da Escadaria Manaus Moderna (Manaus –AM), a recepção ainda dentro da embarcação e a locomoção na cidade de Parintins e nos barracões. Os ensaios nos currais, a espetacularização, dentro e fora do Bumbódromo, foram pontos cruciais para o desenvolvimento deste trabalho.

E concluo, com a festa da vitória, minhas considerações finais. Momento que os brincantes retornam à tradição de outrora, quando convidavam as famílias a sair das suas casas para brincar de boi, sem a preocupação das complexas tecnologias de som e iluminação, por exemplo. Apenas o boneco de pano e seus brincantes, dançando ao redor das fogueiras acesas nas ruas ou nos quintais, para iluminar o folguedo vivo e verdadeiro.

Posso dizer que esta pesquisa ocorreu em três etapas. A primeira foi desenvolvida no mês de junho de 2016, pois foi o ano em que me apresentei como pesquisador aos

<sup>28</sup> Apesar da maioria das entrevistas serem do ano desta pesquisa, é importante deixar claro que venho colecionando, informalmente, conversas, bate-papo, com amigos, brincantes e artistas dos bois.



diretores dos Bois-Bumbás Caprichoso e Garantido, informando-os que queria conhecer, conversar e saber sobre a dinâmica interna do processo criativo, interagir com as pessoas da cidade, ter acesso ao bumbódromo nas noites de espetáculos, enfim, começar a recolher materiais para dar início a construção dos meus pensamentos e sistematizá-los mais adiante. Paralelamente foram realizadas as investigações bibliográficas e os encaminhamentos da orientadora.

No ano de 2016, conversei com Chico Cardoso, diretor teatral e membro do Conselho de Arte do Boi Caprichoso, pela rede social ainda em Manaus – AM. Falei sobre minha pesquisa e o quanto sua experiência poderia ser significativa para o meu trabalho. Em junho viajei para Parintins, dez dias antes do festival de 2016. Fui ao barracão do Boi Caprichoso onde fui recebido pelo diretor, conversamos por horas, e na medida que o mesmo ia respondendo a entrevista semiestruturada, atendia diversos artistas que entravam na sala da diretoria, com dúvidas sobre assuntos referentes a carros alegóricos, a indumentárias, reuniões que iriam acontecer, artistas que estavam chegando e iam sentando ao nosso redor, mas com toda educação de não atrapalhar a entrevista que estava acontecendo, enfim. No término da nossa conversa, o diretor me presenteou com um passaporte para a arena do bumbódromo para as três noites de espetáculos daquele ano.

Na mesma semana fui ao curral do Boi Garantido, tentar conversar com alguns dos diretores, e encontrei um dos membros da comissão de artes do boi vermelho, Fred Góes, que prontamente me recebeu e ali mesmo, na sala da recepção começamos a conversar. Góes falou sobre o trabalho que desenvolve no boi, o processo de criação e como se reúnem para essas escolhas.

Em 2017, após a qualificação da pesquisa, inicia-se a segunda etapa, referente aos acontecimentos na arena e na cidade no 52º Festival Folclórico de Parintins. Considero essa etapa da pesquisa o momento mais complexo. O Boi Caprichoso veio de uma derrota o que levou muitos artistas (dos barracões) a se fecharem na semana que antecede o festival, justamente os dias que eu tinha para realizar a pesquisa de campo, como será explanado mais à frente. Portanto, essa etapa da pesquisa se resumiu a observações dentro e fora da arena e nas conversas informais com brincantes visitantes e locais, gerando um material bastante expressivo sobre o significado desse evento para eles.

A complexidade de aproximação dos artistas dos bois na segunda etapa da pesquisa me levou a uma terceira etapa. Retornei um mês depois do festival - Caprichoso agora é campeão - e permaneci por uma semana. Esse momento foram os mais proveitosos, pois encontrei os artistas desarmados, abertos, sorridentes e talvez conformados. As entrevistas foram eficientes, houve diálogos francos e relevantes que contribuíram de forma significativa para este trabalho.

Além de conseguir entrevistar alguns brincantes, como batuqueiros e coreógrafos, por exemplo, esses foram os momentos que tive para me aproximar dos diretores de artes dos bois, como Ercy Nakanome, que me recebeu na sala dos professores da universidade em que leciona e contou sobre a metodologia adotada para o boi azul e como eles se organizaram para vencer o festival de 2017.

Também nessa terceira etapa, retomo a conversa com Fred Góes, agora, na beira do rio Amazonas, pescando peixe liso e tomando uma cerveja. E sob a luz do sol no horizonte do rio, ele me revela assuntos interessantes e valiosos, como sua satisfação com o resultado na arena e que o Garantido, naquele momento, já iniciou sua caminhada rumo à vitória de 2018.

O parintinense é assim mesmo, desconfiado no festival, mas acolhedor, sorridente que só!

Assim, busco revelar nesta pesquisa, com o sorriso caboclo, o percurso dos brincantes no 52º Festival Folclórico de Parintins, com a narração desse trajeto feito por mim e outros, sustentado pela teatralidade que permite dialogar com o evento e suas especificidades.



## Amazônia nas Cores do Brasil

Vou chamar a terra do samba e pandeiro  
Carnaval olha a mulata!  
E o povo da terra da garoa a cidade que não para  
Vaneirão, folia de reis fandango e também procissão  
E da terra dos pampas “guri bah”  
Traz o chimarrão  
Tem mineiro minério de minas  
De serras tão lindas “uai”  
É festa de laço, reisado linda congada que faz a ginga  
Tem frevo, caatinga tem bumba meu boi  
“arraiar” no sertão  
Forró, zabumba, casório maria bonita e lampião  
Esse país, de amor e paixão  
É a terra folclore que faz o mundo balançar  
Vai fazer levantar a poeira roda capoeira guerreiro de ogum  
Do pai oxalá de norte a sul cultura popular  
E aqui na amazônia vai ter boi bumbá  
Ciranda, çairé, carimbó ciriá  
É mistura de gente feliz  
Todos vão se encontrar na festa dos parintintin  
Brasil, brasileiro! Brasil milagreiro!  
Brasil, cancionero e festeiro afro-euro-ameríndio do tronco tupi!  
Chimbaba, saci, fogo de boitatá neguinho do campo, yara a cantar  
É homem, é boto vem todo de branco  
Cuidado com a cuca te benze ao entrar  
Boneca de pano, pião, manja esconde  
Bolinha de gude, caroço a rolar  
É dança, é música, é crença é paixão  
Brincadeira, costume, e adivinhação  
Viva luiz da câmara cascudo!  
Viva o boi de parintins!  
Viva a terra folclore!  
(CAPRICHOSO, 2015a)





John F. Kennedy



# 1. Parintins uma cidade de cores

Viva a terra do folclore, viva a terra da magia, onde a Amazônia canta preservação e convida para brincar de boi-bumbá. Parintins, terra de Monnan<sup>29</sup>, nutrida pelos rios, paranás, lagos, enseadas e igapós, impulsos precisos da terra parideira dos tuxauas<sup>30</sup>, pajés e lindas cunhãs, parintinenses ávidos na arte de criar, sentir e sonhar.

Chão de caboclo acolhedor que conta em contos no palco da floresta amazônica – o Bumbódromo –, diante dos olhos curiosos dos brincantes, um espetáculo de fantasia que se faz no rebojo de realidade e rivalidade, e que envolve artistas, vaqueiros, donas de casa, pescadores, ruralistas, costureiras, professores, entre outras tantas profissões, que no mês de junho são atraídos pelo folguedo parintinense da estrela azulada e do coração encarnado. Como poetiza a canção<sup>31</sup> do compositor Adriano Aguiar:

Quando a toada toca o mundo para de girar  
O relógio não existe e a tristeza desistiu  
E nessa festa o estresse pediu a conta  
E a solidão tirou férias desse lugar  
É só vestir essa camisa e vem com a gente balançar  
Balançar, balançar  
Isso aqui tá muito bom  
Quem quiser vem conhecer  
Boi bumbá é o nosso som  
Qualquer um pode aprender  
(CAPRICHOSO, 2014)

A alegria faz parte soberanamente desse canto do Brasil, o Norte, lugar onde a Amazônia se deleita com seus fazedores de sonhos, brincantes da Ilha de Parintins, “parte maior de um arquipélago circundado pelo barrento das águas do já então Rio Amazonas, avolumados pelas tingidas águas do Rio Negro e emoldurado pelas exuberantes paisagens de um verde incomparável” (SUZANO, 2006, p. 13).

Essa é a Amazônia. Com suas múltiplas correntes culturais, possui, além das suas tradições e costumes, peculiaridades de outras regiões que enriquece sua identidade.

No município de Parintins essas manifestações culturais culminaram com a realização de festas populares, religiosas ou profanas, que ao longo do tempo integraram-se à manifestação do boi-bumbá.

E é esta festa popular que molda o calendário cultural e turístico do município, atraindo multidões, pelo fascínio, pela religiosidade ou apenas pela oportunidade de diversão. Pois “nas festas, por alguns momentos, os indivíduos têm acesso a uma vida ‘menos tensa, mais livre’, a um mundo onde ‘sua imaginação está mais à vontade’” (DUR-

<sup>29</sup> Monnan - Deus da bondade (<http://www.boicaprichoso.com/player>. Acesso em: dezembro de 2017).

<sup>30</sup> Chefe da tribo, cacique ou morubixaba (<http://www.boicaprichoso.com/player>. Acesso em: dezembro de 2017).

<sup>31</sup> É importante comunicar ao leitor que as letras das toadas integram aquilo a que venho definindo como a teatralidade do Boi, e por isso são trazidas para esta escrita. Enfatizo também que como as toadas criadas em um Boi-Bumbá pertencem a ele, as citações das toadas terão o nome do Boi, e o ano referente ao lançamento da toada.

KHEIM 1968, p. 543-547 apud AMARAL, 1998, p. 27), esquecendo a rotina do dia-a-dia do trabalho e se entregando ao deslumbramento do evento. Amaral ainda complementa em sua pesquisa intitulada de “Festa à Brasileira”, que:



Pode se dizer que a festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento de mediações da humanidade. Ela busca recuperar a imanência entre criador e criaturas, natureza e cultura, tempo e eternidade, vida e morte, ser e não ser. A presença da música, alimentação, dança, mitos e máscaras atesta com veemência esta proposição. A festa é ainda mediadora entre os anseios individuais e os coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros, por isso mesmo revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura, mediando ainda os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis (AMARAL, 1998, p. 52).

Mas isso, e aqui refiro-me à festa de Parintins de hoje, foi o resultado, na visão de Nogueira, “de um longo processo de confronto entre o modo de produção capitalista e a produção simbólica local, territorializada e marcada socialmente pelo controle de grupos tradicionais” (2008, p. 38). Portanto, para que o festival chegasse a essa expressividade que hoje possui, teve que ceder ao mercado como por exemplo: mudar de data (último final de semana do mês de junho), hora da apresentação (devidos a exigência da emissora de TV), construir camarotes que atendessem os patrocinadores, entre outros. “No mercado, as festas são feitas para ser consumidas como entretenimento, posição social ou identidade cultural” (NOGUEIRA, 2008, p. 38).

Mas, devido a imposição do mercado, a fidelidade com a tradição, com o folclore, ainda existe?

Amaral diz que “nas festas as trocas culturais, sob suas diversas faces, acontecem em diferentes sentidos. Aparecem na arte, na estética, na música, na religião” (1998, p. 88). Portanto, baseado no que Amaral afirma, e no que é apresentado na arena, nos espetáculos, que trazem, por exemplo, ressignificações de lendas que muitas vezes saem de histórias contadas por pescadores e concretizadas a partir do imaginário de artistas, posso afirmar que SIM, o festival de Parintins possui uma fidelidade com o folclore. Esse folclore que Megale assegura que:




Ajuda-nos a compreender [e refletir] [...] os acontecimentos aceitos por nossos antepassados e transmitidos às gerações modernas. Fiel ao passado, mais alertas às solicitações da hora presente, o folclore preserva e sedimenta os principais distintivos de cada povo (1999, p. 14).

A autora ainda continua: o folclore “apesar de basear-se no passado, está sempre se acomodando à mentalidade e às reivindicações do presente” (1999, p. 13).


Não é propósito desta pesquisa conceituar o termo folclore, mas é significativo pontuar a importância que essa ciência tem para o processo da festa de Parintins, pois ela “é a cultura mais antiga da humanidade, mais velha do que a história [...] acompanha a nossa

existência e tem grande influência na nossa maneira de pensar, sentir e agir” (MEGALE, 1999, p. 12), e isso é nítido e perceptível no parintinense. Exemplo disso é revelado na fala do Diretor de Arte, Ercy Nakanome, em entrevista, quando perguntado sobre o processo da sua poética artística e afirma que:



Não existe uma escola do boi, existe uma vivência artística e essa vivência eu fiz parte dela, de uma maneira que só quem fez parte foi as pessoas da minha geração, geração essa que cresce junto com a década de 90. Não vi o boi tradicional nas ruas, pois o boi tradicional já tinha morrido (NAKANOME, 2017).

E é isso que Megale afirma, sobre essas influências que estão enraizadas em cada um de nós, que perpassaram pelo diretor de arte e sua geração, quando o mesmo fala sobre sua vivência. Cleber Sanches complementa o pensamento da autora Megale, afirmando que:




Não existe uma escola do boi, existe uma vivência artística e essa vivência eu estudar o folclore é a própria gênese cultural de um grupo social ou de um povo. É entender as razões do ser, os sentimentos, as angústias, as alegrias, os anseios, os medos, os acontecimentos históricos que não foram registrados. [...] É conhecer a essência, o significado da existência de um povo, com suas realidades reais e imaginárias (SANCHES, 2012, p. 23).

A professora e antropóloga Maria Cavalcanti reconhece e colabora com o autor acima quando garante que a festa de Parintins “valoriza as raízes regionais indígenas, afirmando uma verdadeira identidade cultural cabocla” (2000, p. 16), identidade que se reflete no devaneio dos artistas parintinenses ao confeccionarem suas obras para o festival.

E essa identidade, pontuada pela autora, começa lá atrás, com as brincadeiras no terreiro, conquistando e dividindo o ardor de um povo, inevitavelmente se transformando e se metamorfoseando, também através do mercado, como já pontuado por Nogueira.

Para Márcio Souza, o Festival Folclórico de Parintins:




[...] faz anualmente a revisão orgulhosa do imaginário amazônico, seduzindo a todos os brasileiros. E se ainda conserva fragmentos de um mundo rústico em aparente processo irreversível de extinção, o que se vê é um espetáculo que clama a plenos pulmões a vontade de um povo. Estamos diante de uma ousadia (SOUZA apud CAVALCANTI, 2000, p. 09).

Ousadia revelada pelo diretor teatral amazonense e membro do Conselho de Artes do Boi Caprichoso, Chico Cardoso, o qual relatou em uma entrevista que “brincadeira que não se sustenta, desaparece; se a sociedade muda, temos que mudar também” (CARDOSO, 2016)<sup>32</sup>. Foram inevitáveis ao longo dos anos, as transformações que os Bois-Bumbás sofreram.


<sup>32</sup> Entrevista realizada com o Diretor Teatral e membro do Conselho de Arte do Boi-Bumbá Caprichoso, Chico Cardoso em 2016.

Para compreender uma brincadeira que estrutura e organiza uma festa que todos os anos ganha um novo significado nas suas apresentações, é importante pontuar que a sociedade parintinense está totalmente ligada na criação e manutenção do legado do seu povo, o folclore parintinense, “pois ele resume as tradições e esperança das coletividades” (MEGALE, 1999, p. 13). O folclore e a cultura popular são conceitos vivos no Festival Folclórico de Parintins. Portanto, para maior clareza, o pesquisador Carlos Rodrigues Brandão afirma que:



De um ponto de vista rigoroso, são propriamente folclóricas as toadas, cantos, lendas, mitos, saberes, processos tecnológicos que, no correr de sua própria reprodução de pessoa a pessoa, de geração a geração, foram incorporados ao modo de vida e ao repertório coletivo da cultura de uma fração específica do povo: pescadores, camponeses, lavradores, boias-frias, gente da periferia da cidade. Mas, de um ponto de vista mais dinâmico, o folclore pode abrir-se a campos mais amplos da cultura popular (a cultura feita e praticada no cotidiano e nos momentos cerimoniais da vida do povo, ou dos diferentes povos que há no povo) e incorpora aquilo que, sendo ainda de autor conhecido, já foi coletivizado, incluindo no “vivido e pensado” do povo, às vezes até de todos nós, gente “erudita” cuja vida e pensamento estão, no entanto, tão profundamente mergulhados nesse ancestral anônimo que nos invade o mundo de crenças, saberes, falares e modos de viver (BRANDÃO, 1982, p. 35-36).

“O folclore vive da coletivização anônima do que se cria, conhece e reproduz, ainda que durante algum tempo os autores possam ser conhecidos” (BRANDÃO, 1982, p. 34). Em Parintins, o boi-bumbá e sua reprodução ao longo do tempo se coletivizou, e sua autoria tornou-se do parintinense, processo que, segundo Brandão (1982), é natural do folclore. E que Tonzinho Saunier faz questão de salientar:



O folclore de Parintins, atravessa mais de 3 séculos, desde as primeiras notícias da existência de criaturas humanas em nossa ilha, que datam de 1669, quando o frade alemão João Felipe Bettendorf, fundou o nosso povoado no dia 29 de Setembro, com o nome de São Miguel das Tupinambaranas. Naturalmente, o nosso folclore passou por transformações, quando incorporou outras tradições e sabedorias populares dos portugueses, dos africanos e até dos gregos, como é o caso do Boto. O nosso verdadeiro folclore está nas lendas, mitos, crendices e canções dos índios que habitavam a nossa região [...] deve ter iniciado com as festas indígenas dos habitantes da Ilha Tupinambarana, como a Dança ou Festa da Tocandira ou Tocandeira [...] é sabido que o folclore indígena decantava a natureza e tudo que ela criou: os pássaros, os animais, as árvores... e a imaginação nos legou os monstros das florestas e das águas: Juruparí, Juma, Mapinguarí, Curupira, Acãuera de Fogo, Cobra Grande, Iara, Tapirayauara, Bôto e tantos outros seres e misteriosos e encantados (SAUNIER, 2003, p. 14).

Concordando com Saunier, a relevância que os povos e nações tiveram para o município, reverberam nas apresentações na arena. Ritos, magias, costumes e linguagens perpassam pelo artista que por sua vez concretiza tudo isso em arte, vista e vivida pelos brincantes.



## 1.1 Parintins de muitos povos

Falar de Parintins é desaguar em terras perenes de encantos, sonhos e mistérios, construídos ao longo dos séculos por povos como os “Maué, Mundurucu, Parauenis, Parintim, Parintintim, Patuaruana, Paraviana, Sapopé, Tupinambarana, Tupinambá e Uapixana” (SAUNIER, 2003). Certamente, estes foram os primeiros a contribuir para esse folclore, cada tribo com sua especificidade, deixando impregnadas nesse solo sagrado ricas informações que reverberam em cada poema materializado nas toadas<sup>33</sup> entoadas, nos bailados dos figurinos, nas alegorias, enfim, um verdadeiro orgulho para o caboclo parintinense, revelado nas representações singulares dos Bois e sua criatividade. Destaca Valentin:



Parintins é uma cidade de povo afável, criativo e bem-humorado, características essas que acompanham sua sagacidade e inteligência, gerando o orgulho, tão necessário para firmar uma identidade própria e duradoura. Ao indagar de onde vinham essas qualidades, talvez únicas da região, ouvi de inúmeros informantes que tamanha fartura de talento e dons artísticos, concentrada num lugar tão pequeno e ermo como Parintins, teria origem divina, vinha dos antepassados, “da raiz mesmo”, da natureza, “da força das águas” e que se renova, todos os anos, com a cheia do rio Amazonas, “vindo das montanhas dos Andes” (VALENTIN. 2005, p. 80).

Antes de ser denominada Parintins, a cidade teve outros nomes conforme descrito abaixo:



Francisco Orellana, navegando o Paranatinga (rio Amazonas) rumo ao Atlântico, com o cronista Gaspar de Carvajal, chamou-a de “Las Picotas”, em virtude de ter visto várias cabeças secas de índios, espetadas em lanças. Em 1669, quando o Pe. João Felipe Bettendorff fundou Parintins, deu-lhe o nome de “São Miguel dos Tupinambarana”, pois a fundou a 29 de setembro, que é consagrado a São Miguel. Segundo o relato do missionário Manuel dos Reis, em 1723, o nome mudou para São Francisco Xavier dos Tupinambarana. José Pedro Cordovil, transformando o sítio em sua propriedade, denominou-a “Tupinambarana”. Quando missão, em 1803, recebeu o nome de “Vila Nova da Rainha”. Em 1837, quando elevada à Freguesia, recebeu outra vez o nome de Tupinambarana. Elevada à categoria de vila a município, seu nome foi mudado para “Vila Bela da Imperatriz”, em 1852, e quando elevada à categoria de cidade, em 1880, recebeu definitivamente o nome de “Parintins”, em homenagem aos Parintintim, indígenas que habitavam a Serra de Parintins. (SAUNIER, 2003, p. 55).

Segundo Nogueira (2003) os Parintintim causavam tremor nos inimigos e eram apaixonados cortadores de cabeças. Tal particularidade é assumida como motivo de pavulagem<sup>34</sup> pelos parintinenses.

A cidade possui 7.069 Km<sup>2</sup> de superfície, banhada pelos rios Paraná do Limão, Aninga, Redondo, Francesa, Parapanema e Lago do Maracurany, limita-se ao norte com

<sup>33</sup> Cantiga, canção, cantilena, soada; solfa, a melodia nos versos para cantar (CASCUDO, 2000, p. 684).

<sup>34</sup> Empáfia, abestalhamento, orgulho besta (FREIRE, 2017, p. 97).

o Município de Nhamundá, ao sul com o município de Barreirinha, a Oeste com o município de Urucurituba e ao leste com o Estado do Pará e 370 km, em linha reta, da capital do Estado do Amazonas, Manaus. Há duas maneiras de se chegar a Parintins a partir de Manaus: via aérea (370 km), com o tempo de viagem de 45 minutos, e fluvial (420 km), que dura cerca de 18 horas<sup>35</sup> em embarcações tradicionais (barco de recreio) e Lanchas “Ajatos”, com tempo reduzido para 6 a 8 horas<sup>36</sup>, graças à grande potência de seus motores.

Em 2016, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população de Parintins era estimada em 112.716 habitantes, sendo o segundo município mais populoso do estado do Amazonas.

Além das atividades artísticas, orgulho do povo parintinense, a cidade possui também uma atividade de grande peso no setor primário (plantio de abacate, banana, juta e outros), tendo sua economia praticamente, junto com a pecuária, fundamentada neste setor. E já possuiu o título de maior rebanho bovino e bubalino (búfalos) do Estado. Como confirma Lemos:



A produção econômica é, no entanto, historicamente centralizada. Até o início da década de 80, predominava na economia do município a produção de juta. Dela aproveitavam-se os fios que serviam de matéria-prima para indústria. Com a falência da produção da juta no município, restaram apenas os barracões em que funcionaram as fábricas que, além de serem utilizados atualmente para outras atividades, tornaram-se referência para a memória de uma época, lembrada hoje pela população local como o tempo da fartura (LEMOS, 2005, p. 40).

É nesses barracões que os bois literalmente escondem o que hoje é considerado “o segundo maior Festival Folclórico do mundo, perdendo apenas para a festa do Dragão Chinês (na China)” (RODRIGUES, 2006, p. 79), atraindo, segundo a Secretaria Estadual de Turismo do Amazonas, perto de 60 mil turistas para a ilha. Além de atingir centenas de milhares de telespectadores nas três noites de apresentações, por meio das transmissões ao vivo, enquanto mais de 45 mil pessoas, extasiadas lotam as arquibancadas, cadeiras e camarotes do Bumbódromo.


A história do Boi-Bumbá na cidade de Parintins converge com a história do Amazonas no período áureo da borracha e relacionar estes fatos se faz importante para compreender sua chegada e os elementos deste folguedo no rito atual.

Com a invenção da bicicleta e do automóvel, surgiu uma grande demanda para produtos pneumáticos, transformando a região amazônica na principal exportadora mundial de borracha. A larga escala exigiu mão-de-obra para a extração do látex, e assim o governo brasileiro e os empreendedores estimularam a migração para a Amazônia.

Afirma Ponte Filho:


<sup>35</sup> Subindo o rio, o retorno dura mais de 30 horas.

<sup>36</sup> Pois o período da vazante e cheia influenciam na velocidade das lanchas.



Impelidos pela violenta seca, que se abateu nos diversos Estados do Nordeste, eliminando quase que inteiramente todo o rebanho da região, de 1877 a 1880, os nordestinos viram-se forçados a migrar para a Amazônia. Calcula-se que cerca de 300 mil migrantes teriam provindo do Nordeste entre 1870 e 1920, em diferentes momentos. A princípio ter-se-iam dirigido para a região, os emigrantes vindos, sobretudo, do Ceará e Maranhão, Rio Grande do Norte e, em seguida, de outros estados (FILHO, 2011, p. 164).

O apogeu da borracha durou pouco, devido a biopirataria<sup>37</sup>. A Ásia tirou o monopólio da borracha da Amazônia. As firmas locais foram à falência e as estrangeiras partiram para os países asiáticos. Com isso, o desemprego tomou conta do estado, e muitos nordestinos não tiveram condições de voltar para os seus estados. Abandonados nas periferias das cidades, passaram a dividir palhoças com índios destribalizados e caboclos. Rodrigues ainda diz que:



Foram nesses guetos com pessoas de diferentes culturas, reproduzidos em menor escala em cidades do interior, que, pouco a pouco, aconteceu a miscigenação cultural entre os nordestinos e os povos da Amazônia. Naquele caldeirão de cultura, o bumba-meu-boi, originário do Maranhão, emergiu como boi-bumbá, uma manifestação folclórica distinta, que nasceu da fusão dos folguedos nordestinos com aspectos do *ethos cultural*<sup>38</sup> da região, com a valorização na natureza, elementos míticos dos povos indígenas e os usos, costumes e credences dos caboclos da Amazônia (RODRIGUES, 2006, p. 57).

## 1.2 Os Bois de Parintins




Emilio Vieira - "Este ano se cuide que eu vou caprichar no meu boi"

Lindolfo Monteverde - "Pois capriche no seu, que garanto no meu"<sup>39</sup>



A primeira vez que o boi foi citado como folguedo no Brasil, foi em 1840, numa referência ao bumba-meu-boi, em Recife, "pelo frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, o Padre Carapuceiro que dá nome a rua no bairro de Boa Viagem" (PATRÍCIO, 2007, p. 38). Anos mais tarde (1859), o boi foi referenciado pela primeira vez em Manaus – AM pelo "médico-viajante Avé-Lallemant sobre um bumbá presenciado naquela cidade, um "cortejo pagão" introduzido na "festa católica" em homenagem a São Pedro e São Paulo" (CAVALCANTI, 2000, p. 16).

O Boi se apresenta com variados nomes, de acordo com o local em que se manifesta:



No Maranhão elas são chamadas de Bumba-meu-boi; no Piauí<sup>40</sup>, essa brincadeira ganha o nome de boi mamão; no Amazonas, ela é conhecida como boi bumbá de Parintins; boi Calemba, no Rio Grande do Norte; Bumba-boi-de-reis ou Reis-de-boi, no Espírito Santo e Boi Pintadinho, no Rio de Janeiro, entre outros (VIANA apud TEIXEIRA 2008, p. 27).

<sup>37</sup> Em 1876, um inglês chamado Henry Wickham deu início à derrocada da economia da borracha cometendo o ato de biopirataria mais nocivo à região Amazônica de que se tem registro. Wickham coletou setenta mil sementes da Hevea brasiliensis, nome científico da Seringueira, e levou-as clandestinamente para o jardim de Kew, na Inglaterra, de onde depois foi transplantada para o Ceilão, conhecida hoje como Sri Lanka (RODRIGUES, 2006, p. 56).

<sup>38</sup> O antropólogo Darcy Ribeiro define *ethos cultural* como a expressão da cultura e da identidade de um povo. (RODRIGUES, p. 57).

<sup>39</sup> Umas das especulações em relação aos nomes dos Bois-Bumbás Garantido e Caprichoso. (RODRIGUES, 2006, p. 62)

É importante destacar a contribuição que Santos traz para esse termo:



O Bumba-meu-Boi, Bumbá, ou simplesmente, o Boi, destaca-se como um dos principais autos populares brasileiros, juntamente com o Fandango ou Marujada, Chegança, Congos ou Congada, todos apresentando elementos europeus, principalmente no aspecto relativo à música. Boi-Bumbá é nome utilizado pelos Estados do Norte. Pereira da Costa (1937, p. 128) registra: “Bumba, abreviatura do Bumba-meu-boi. Bumba é do congolês, significando pancada, golpe, batida. Bumba-meu-Boi será um hibridismo, bate meu boi! Relativamente às chifradas e arremessos” (SANTOS, 2012, p. 132).

O Bumba-meu-Boi corria pelas periferias da Ilha Tupinambarana, muito antes dos Bois Caprichoso e Garantido manifestarem seus bailados e conquistarem a preferência do parintinense. Basílio Tenório descreve em seu livro “A Cultura do boi-bumbá em Parintins”, que:



A história da cultura do boi-bumbá em Parintins não teve início na cidade, mas nos extremos oeste e sul da ilha onde se ergue a referida cidade, embora se ouça falar do boi Taruna, fundado pelo mestre Marçal, em 1913, que viveu apenas a temporada junina daquele ano. No extremo oeste da ilha em pauta, entre as regiões de Aninga e de Parananema. No extremo sul, região de Macurany. Em ambos locais prevalecia o bumba-meu-boi. No Aninga, os bumba-meu-boi tinham sempre os nomes de fita e cor: Boi Fita Roxa, Boi Fita Amarela, Boi Fita Preta e assim por diante. No Parananema no Macurany eles tinham, entre outros, os nomes de cartas de baralhos: Boi Dois de Copas, Boi Dois de Ouro, Boi Dois de Paus, Boi Três de Espada. Há registros de outras denominações como: Boi Vencedor, Boi Luz de Guerra, nomes raramente contemplados pelos promesseiros da época [...]. Mas ainda assim o bumba-meu-boi prevaleceria em Parintins até os primeiros anos do século XX, ou seja, até a chegada e consolidação do Boi-bumbá (2016, p. 65).

Cavalcanti vem a contribuir com a observação de que:



É um processo ritual amplo, articulando diferentes níveis de dimensões de cultura e acompanhando no tempo o movimento da sociedade que o promove. Formas artísticas, grupos e camadas sociais diferenciados nele interagem. É mais um dos fascinantes lugares de tensas e intensas trocas culturais, tão característicos da cultura brasileira (CAVALCANTI, 2000, p. 15).

No contexto parintinense, de todos os Bumbás que apareceram na ilha apenas dois deles, segundo Rodrigues (2006), conseguiram resistir ao processo de globalização: Caprichoso e Garantido. Folgado de São João, com mais de 100 anos<sup>41</sup> de brincadeira e rivalidade, conquista a cada ano mais adeptos para compor o cenário da espetacularização.

Autores e pesquisadores afirmam que não há registros fiéis que comprovem o surgimento desses Bois. Porém, existem pesquisas que afirmam que a brincadeira dos bois, após o seu surgimento, foi ganhando a simpatia do parintinense, chegando ao ponto de serem convidados a dançar nos quintais das casas, nas festas juninas.

<sup>40</sup> Na citação colhida em Teixeira (2008), encontramos a localização do boi mamão no Piauí. Entretanto, de acordo com Cabral, 1954, Sayão, 2004 e Soares, 2006, o boi de mamão se realiza em Santa Catarina, ao sul do país, para onde foi levado o bumba-meu-boi por pessoas do nordeste brasileiro que para lá emigraram e onde ganha esse nome pelo fato de, em algum momento, a máscara do boi ter sido feita com um mamão.

<sup>41</sup> Referência feita a partir da criação dos bois, 1913, segundo a Associação de cada Boi.

Sob a luz das porongas<sup>42</sup> e fogueiras, os bois realizavam seus festejos domésticos, “no início nas ruas, com a perseverança de pescadores, estivadores, vaqueiros e pessoas da classe mais humilde da cidade” (RODRIGUES, 2006, p. 79). Recebiam como pagamento, iguarias juninas como: bolo de macaxeira, tacacá, cachaça e, outros, às vezes dinheiro.

Rodrigues descreve que:



Nas primeiras décadas do século XX, como relata Tonzinho Saunier, vários bumbás em Parintins se apresentavam em frente às casas dos cidadãos mais abastados, que pagavam uma quantia aos líderes dos bois para o custeio das apresentações e a compra de comida e bebida para os brincantes. Existia também a figura do dono do Boi, na maioria das vezes um comerciante, político ou pecuarista contagiado pelo folguedo, que se dispunha a financiar as apresentações em frente à sua casa ou no terreiro do quintal. Donos famosos como Luiz Gonzaga, do Caprichoso, ofereciam jantares no quintal de sua casa nos ensaios do seu boi, ocasiões em que mandava cavar valas para servirem de fogueiros para preparar assados de peixes, cozidões e sobremesas como arroz-doce e mungunzá. Na Baixa do São José, reduto do Garantido, Lindolfo Monteverde reunia seus vaqueiros, versadores e amigos no terreiro em frente à sua casa para também comer e beber durante o ensaio. Raimundo Muniz, que viria a criar o Festival Folclórico de Parintins mais tarde, foi um dos vários curumins que esperavam ansiosos as festas juninas para brincar de porta em porta junto com os bumbás (RODRIGUES, 2006, p. 80).

Após se apresentarem, tomavam as ruas em cortejo, cantando e desafiando o contrário com os seus versos, batuques, danças e toadas. Conta Tenório (2016) que certa vez, o Boi Galante (antecede o Boi Caprichoso) e o Boi Garantido, marcaram um encontro e, nessa briga, o Galante perde a cabeça, “Emídio Vieira, criador do Galante, responsabiliza os irmãos de Mundico Cid pelo acontecido. No bairro de São José, Lindolfo Monteverde, passava a hostilizar o Boi Galante. Foi quando as citações: “contrário”, “boi contrário” passaram a soar entre os grupos sociais vinculados ao boi-bumbá em Parintins” (2016, p. 86).

Foi só a partir dos anos 60 que os Bois ganharam um olhar de responsabilidade, por um grupo de jovens da Juventude Atlético Católica (JAC), o qual teve a ideia de montar o primeiro Festival Folclórico da cidade devido à violência que crescia entre os brincantes quando estes se encontravam pelas ruas. Como afirma Rodrigues:



Liderados por Raimundo Muniz, Xisto Pereira e Lucinor de Souza Barros, tiveram a iniciativa de promover um festival folclórico que reunisse o maior número de folguedos possível. Em 1965, nascia o Festival Folclórico de Parintins, que iniciava no dia 12 de junho e se estendia até o final do mês, reunindo todos os tipos de danças folclóricas existente na ilha. No primeiro ano de realização do festival, não houve disputa, os bumbás e outras brincadeiras apresentaram-se apenas com caráter participativo (RODRIGUES, 2006, p. 83).

<sup>42</sup> Luminárias feitas de latas e que tem como combustível o querosene.



Foi a partir desse momento que houve uma evolução, os bois se reinventaram e se inovaram. No ano seguinte começa uma organização mais apurada, com jurados e regras, fato novo e aceito no festival.

As preferências pelos bois logo foram surgindo. Garantido e Caprichoso surpreendem a população e tem um crescimento notório. Afirmo Fred Góes, brincante e artista do Boi Garantido: “era o início de sua espetacularização, abrindo-lhe as portas da criatividade, para extravasar a sua tradicional rivalidade, não mais nos conflitos físicos dos encontros de ruas, mas através da expressão artística” (VALENTIM, 2005, p. 19).

Devido ao crescimento da festa, logo o espaço da JAC não era suficiente para comportar tamanha grandeza que crescia dentro da alma do parintinense e necessitava de um local mais amplo.



Nessa época (1975) os festivais se realizaram, sucessivamente, na quadra de esporte da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, no estádio Tupy Catanhede e no assim chamado Tabladão, construído no terreno vazio do antigo aeroporto da cidade, onde hoje se ergue o Bumbódromo. Em todos eles, eram montadas arquibancadas para separar as torcidas que brigavam por seus Bois. Chegava junho, a cidade se mobilizava em função do Boi, para prestigiar a festa que agora acontecia, sempre, nas noites de 28, 29 e 30 (VALENTIM, 2005, p. 20).

E “em 1980, a Prefeitura de Parintins assumiu a organização do Festival, dando assim caráter oficial, época que os Bois se organizaram como entidades de direito público e formaram suas respectivas Associações Folclóricas” (VALENTIM, 2005, p. 20).

No dia 28 de junho de 1988, o Bumbódromo é inaugurado, os olhos se voltam para Parintins. Um espaço próprio para as apresentações surgia, uma nova etapa começa.

A adaptação ao espaço, a superação da criatividade do caboclo parintinense, o diálogo com o público, as disposições dos jurados, tudo novo e aceito como desafio para ambos os Bois, uma verdadeira superação e inovação da representatividade em cena. Chegou o mês de junho, a poronga não pode apagar.

É importante ressaltar que a evolução do Festival, desde o tempo da JAC, atrai a atenção das redes midiáticas, de início com reportagens direcionadas. Isso vai despertando interesses e ganhando espaço nas grandes potências das redes televisivas, até que a primeira transmissão realizada por um canal de TV é realizada pela TV Bandeirante.



Somente a partir de 1990, quando se consolida como expressão da cultura amazônica, é que os bois-bumbás e seus produtos ganham atenção da mídia nacional. Em 1977 e 1978, por exemplo, os CDs oficiais dos bois-bumbás foram gravados e distribuídos em nível nacional pelo consórcio Globo/Polydor/Polygran. Na mesma década, iniciaram-se as transmissões ao vivo de TV para cidades do Amazonas e, no período de 2008 a 2012, para todo o Brasil, por meio da TV Band (NOGUEIRA, 2013, p. 26).

Segundo o mesmo autor, a TV Bandeirante teria desistido da transmissão em razão do desinteresse do telespectador pelo espetáculo do Boi-Bumbá de Parintins. Hoje a transmissão do Festival Folclórico é disputada pelas redes regionais, TV Amazonas e TV A Crítica.

As transmissões, desde a TV Bandeirante, causaram influências que modificaram as datas das apresentações dos Festivais, pois antes, os dias 28, 29 e 30 de junho eram tradicionais, como especifica Valentim no texto citado mais acima, e agora, devido à interferência dos patrocinadores, ele acontece sempre no último final de semana do mês de junho, independentemente da data do mês.

O apoteótico Festival da cidade de Parintins é responsável, todos os anos, por arrastar uma imensidão de brincantes que por três noites se defrontam na arena do Centro Cultural e Desportivo de Parintins, o popular Bumbódromo. Apaixonados e divididos, rigorosamente, entre os partidários do Boi Caprichoso, de cores azul e branca, e o Boi Garantido, de cores vermelha e branca.

Música, dança, teatro, história, contos e causos se complementam e se tornam o sabor dos olhos imaginativos do espectador, que se lança nos corredores infinitos das poesias libertadas do imaginário do caboclo, transformando a festa-ritual em um gigantesco espetáculo possível e imaginável.



Essa Festa já garantiu à cidade e suas personalidades títulos honorários como de “capital da cultura e do folclore do Amazonas” e a Medalha Ruy Araújo a um dos três fundadores do Festival Folclórico da cidade, o Sr. Lucinor de Souza Bastos, em 2009, concedidos pela Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas (ALEAM), (CATALÃO, 2014, p. 35).

Os Bois Caprichoso e Garantido, representantes do colorido folguedo parintinense, deslizam suavemente pelos rios de histórias e lendas das rivalidades dos caboclos; seus costumes, paixões, crenças e brincadeiras são materializados nas três noites de apresentações.

Os depoimentos citados nesta pesquisa são informações catalogadas e explicadas a partir, entre outros, de autores como Tonzinho Saunier (2003), que descreve a entrevista que realizou com o criador do Boi Garantido, e Andreas Valentim, o qual teve oportunidade de entrevistar vários ícones dos Bois, como o saudoso Raimundo Alves de Lima (parintinense), o Seu Mundinho, que fazia questão de dizer que conhecia a brincadeira desde o tempo em que ela começou (VALENTIN, 1999), formando assim um compilado de informações orais, possuindo em suas histórias um padrão em comum: a promessa feita ao santo no qual cada criador acreditava.

O auto do boi é contado pelos mais diversos lugares do Brasil, e possui um padrão. Segundo Pellegrini (1997), o conto se refere a saga de um peão negro, Pai Francisco, que ao atender o desejo da sua mulher grávida, Mãe Catirina, mata o boi mais belo e favorito

do seu patrão (Amo do Boi), para que a mesma possa saciar seu desejo de comer a língua do boi. O Amo, ao descobrir, manda prender Pai Francisco, com a ajuda dos índios. Depois de muito sofrimento, o Padre e o Pajé, com a força divina e a magia, conseguem ressuscitar o boi. Uma grande festa é realizada pelo feito, e todos comemoram e dançam ao redor da fogueira.

A partir dessa estrutura, que é geral, o auto do Boi ganha acréscimos específicos nas várias regiões onde se apresenta. Na Amazônia, ele foi enriquecido com as mais diversas lendas do folclore e da mitologia indígena, como relata Pelegrini, na Revista Planeta.



Agora participam e interferem na história um sem-número de criaturas fantásticas como a boiúna (cobra-grande), o boto (golfinho mítico), o boitatá (cobra de fogo), anhangá (espectro do mundo subterrâneo), mapinguari (animal fabuloso, semelhante a um homem gigante, mas com uma enorme boca na barriga), bem como divindades do panteão amazônico, caso de Guaracy (o Sol), Jacy (a Lua), Tupã (o deus do raio) ou a lara (sereia de água doce). Todos esses elementos interagem no rito popular do boi-bumbá de Parintins, transformando por três noites a arena do Bumbódromo num imenso teatro-laboratório alquímico, onde se processa, em forma de espetáculo, uma evolução da alma sincrética brasileira (PELEGRINI, 1997, p. 37).

Nogueira sustenta o que Peregrine menciona, quando descreve sobre essa opulenta transformação, ao longo do tempo, do que chamamos nos últimos 52<sup>43</sup> anos de Festival Folclórico de Parintins:




Em Parintins, houve uma reformulação radical na forma de apresentação do boi-bumbá. A brincadeira de terreno incorporou novos personagens, desenvolveu dança coreográfica, gênero musical próprio (a toada amparada pela harmonia), conjunto de percussão e criou uma narrativa que mistura os fundamentos do boi-bumbá com os do imaginário amazônico, principalmente as das culturas indígena-caboclas. O Boi-bumbá de Parintins se transformou em espetáculo popular de massa, despertou interesse da mídia e se distanciou do modo como se apresenta o bumba meu boi ou boi-bumbá tradicional (NOGUEIRA, 2014, p. 12).

A cada noite é revelado um novo espetáculo, uma nova cenografia, um novo figurino, uma nova coreografia, enfim, um novo jogo, revezado entre os Bois Garantido e Caprichoso. Uma renovação de rara beleza, um chamamento para o Brasil e o mundo, pois “ao seu repertório se unem a defesa da floresta, a força do povo simples e solidário, a essência da vida na Amazônia sustentável” (CAPRICHOSO, 2017b).

Suzano poetiza a subjetividade do olhar desse caboclo:

<sup>43</sup> É importante deixar claro que os Bois já existem há mais de 100 anos e o Festival Folclórico de Parintins está na sua 52ª edição.





Era uma vez o sol, a terra, o mar, a lua, os rios, as estrelas; o céu, o “Olimpo”, os deuses. Era uma vez seus filhos queridos, que a tempos regulares, se permitem abandonar o divino para invadir o mundo real da floresta do homem, para se transmutarem em botos vermelhos, cobra grande e em amazonas, transportando para uma imaterialidade lúdica a singeleza de suas matas e rios oceânicos [...]. Eram uma vez a terra cabocla que observa, surpresa, o filho nativo crescer e conquistar outros mundos com sua criação, em essência tão humana quanto divina, oferecendo, a tempos iguais, singeleza, raiz, beleza e pompa (SUZANO, 2006, p. 14).

Como não magnetizar um curumim com tanta poesia! Ao longo do tempo, o olhar mudou, se transformou, e se profissionalizou. Hoje as emoções são divididas com as razões, fruto de boas influências encontradas pelos caminhos artísticos escolhidos, abraçados e desejados, de curumim a pesquisador. Não uma substituição, mas uma junção dos pensamentos esculpidos e desenhados nesse caminho.

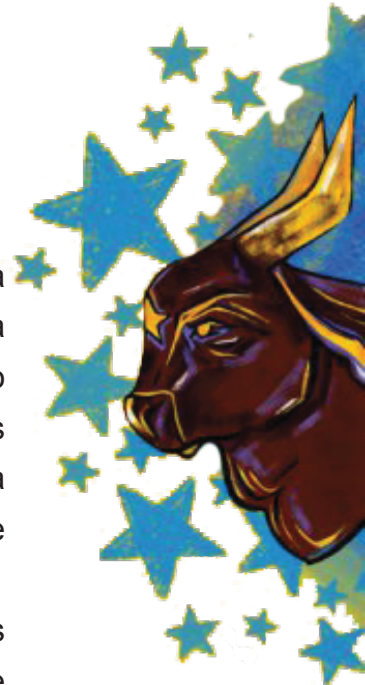
# Mar de Azul de Amor

Eu vou balançar a arquibancada  
Com a galera, até a contrariada  
Não resiste vem pra cá  
Eu vou mergulhar  
Nesse mar de azul de amor  
Não tem chuva nem calor  
Eu amo meu boi Caprichoso  
Meu touro negro vencedor  
Essa emoção, arrepia o corpo  
Invade a alma no peito  
Acelera o meu coração  
Ao som da marujada, da galera azulada  
Na palma da mão, canta a minha nação  
(CAPRICHOSO, 2017a)



**FIGURA 2** – Arquibancada Boi Caprichoso – Fonte:  
<https://www.eleazaraleitao.com.br/2012/06/bumbodromo-bumbando-em-azul-e-vermelho.html>

## 1.2.1 Caprichoso, uma paixão azulada



Serenidade, tranquilidade e harmonia é o que descreve a cor azul. Mas a cor azul do Boi Caprichoso vai para além da calma, digamos que não chega nem perto de ser calmo. Esse azul que domina parte da ilha de Parintins é o mesmo que domina os loucos e apaixonados torcedores. Exemplo disso são os sete títulos consecutivos que a galera do boi Caprichoso tem. Títulos ganhos na mais animada das competições que se dá entre eles, aquela que corre diante dos jurados nas três noites de apresentação do Boi.

Este azul, estimulante criativo do parintinense, descrito nas poesias dos caboclos em suas toadas, resgata, renova, e até mesmo muda a estética de duas potentes empresas, Coca-Cola e o Banco Bradesco, que em suas essências possuem a cor do contrário<sup>43</sup>, mas que se revelam com outra aparência do lado azulado, conforme apontado na figura 02, por exigência da Diretoria do Boi Caprichoso.

O azul está na cor das portas e janelas das pequenas casas de madeira às grandes estruturas, nas expressões populares do parente<sup>44</sup>; o azul está na vestimenta da morena bela; no tremular da imensa bandeira cravada na paixão do Curral Zeca Xibelão<sup>45</sup>; nos olhos dos anciões; nos enfeites das ruas; em cada fantasia, alegoria e coreografia do espetáculo; nas canoas pesqueiras dos ribeirinhos; na bola de futebol dos curumins; no banzeiro arrebatador da galera na arquibancada e até nas latinhas de cervejas produzidas especialmente para o Festival. Enfim, fatos curiosos e admiráveis, observados, sentidos e vividos como brincante/visitante do Boi-Bumbá.

No início do século XX, na cidade de Parintins, o “Boi-Bumbá Galante criado por Emídio Vieira (conhecido como tracajá)” (VALENTIN, 2005, p. 98), realiza o primeiro movimento azulado na pacata ilha de um povo humilde e batalhador, até então simples pescadores (na sua maioria), caçadores e sonhadores, que não faziam ideia que aquela brincadeira tomaria proporções inimagináveis. Portanto, ele foi “criado na parte mais baixa do rio, a leste, na parte mais antiga e mais próxima ao centro da cidade, onde ficam também seus galpões, ateliês, sede social e curral de ensaio” (VALENTIN, 2005, p. 76). E com ele, a cada diretoria que assumia, surgiram muitas histórias alimentando a imaginação do parintinense, do brincante e do visitante. Valentin afirma, no trecho abaixo, um fato que é oficialmente adotado pela diretoria do Boi Caprichoso:

<sup>43</sup> Importante deixar claro que a não citação da cor do boi contrário e seu nome, fazem parte do jogo desta escrita, uma vez que este subcapítulo se trata especialmente do Boi Azul.

<sup>44</sup> Forma de tratamento usado para se falar com alguém. Equivale a mano (FREIRE, 2017, p. 97).

<sup>45</sup> Barracão de ensaios e reuniões dos brincantes do boi.

Em razão de uma briga interna no Galante, Emídio se afastou da brincadeira e foi substituído pelos irmãos Roque e Tomas Cid, recém-chegados do Ceará, que teriam feito uma promessa de “pôr” um boi caso seus empreendimentos comerciais fossem bem-sucedidos em Parintins. Eles fizeram um novo boi e o batizaram de Caprichoso, em 20 de outubro de 1913, data em que até hoje se comemora o seu aniversário de fundação (VALENTIN, 2005, p. 98).

Acredita-se que os criadores do Boi Caprichoso, segundo a professora e folclorista Odinéia Andrade, citada no livro de Valentin (2005), passaram pelos estados do Maranhão, onde tiveram contato com o Bumba-Meu-Boi, e pelo Pará, onde conheceram a brincadeira da Marujada, antes de chegar a Parintins – AM, no início do século XX, com a promessa a São João para obter sucesso na nova cidade. Contam, à sua maneira, a história do folgado brasileiro, do auto do boi, como explica Rodrigues.

A promessa de colocar um bumbá foi motivada pelas influências recebidas pelos Cid durante sua trajetória até a Ilha, quando puderam conhecer vários folguedos juninos no Maranhão e no Pará. Duas manifestações folclóricas chamaram a atenção, em especial, dos cearenses: o bumba-meu-boi, maranhense, e a Marujada, paraense. (RODRIGUES. 2006, p. 69)

Pois em suas bagagens, segundo a autora, havia uma riqueza de elementos que contribuíram e até hoje fazem parte simbólica do Boi Bumbá Caprichoso, como as cores azul e branco e o nome do grupo rítmico do boi, Marujada de Guerra.

Câmara Cascudo (2000) assegura, sobre a manifestação paraense conhecida como Marujada, que a mesma foi registrada desde 3 de setembro 1798, na cidade de Bragança (Pará), em comemoração religiosa ao patrono São Benedito. Participava nesse folgado a irmandade de São Benedito, chamada de Marujada, composta quase que exclusivamente por mulheres, como explica Cascudo abaixo:

As marujas se apresentam tipicamente vestidas: usam uma blusa branca de mandrião, toda pregueada e rendada, e a saia, encarnada, azul ou branca, com ramagem ou o colorido da saia; na cabeça ostentam um chapéu todo emplumado e cheio e fitas multicores [...], os homens, músicos e acompanhantes, apresentam-se de calça e camisa brancas ou de cor, chapéu de palha de carnaúba revestido de pano, tendo a aba virada em um dos lados, fixada com uma flor de papel encarnada ou azul [...] os instrumentos musicais são: tambor grande e pequeno, a onça ou cuíca, pandeiros, rabeca, viola, cavaquinho e violino. Na rua as Marujas caminham ou dançam em duas filas [...], empunhando um pequeno bastão de madeira, enfeitado de papel, tendo na extremidade superior uma flor. (CASCUDO. 2000, p. 369)

Porém, como os fatos, na sua maior parte, quando se trata da criação, surgimento ou nascimento do boi, são orais, há uma outra versão, relatada por Raimundinho Dutra, descrita no livro do pesquisador Andreas Valentim. Conta Raimundinho que teria escutado dos próprios pais que:

Por volta das 8 horas da noite, num sábado do mês de março do ano de 1925, à luz de lamparinas de carbureto, na casa de João do Roque (ao lado do terreno pertencente a Dona Esclerpilde, mulher de José Fogueteiro) na rua Rio Branco, um grupo de moradores de Parintins se reuniu com o objetivo de fundar um Boi-Bumbá. Estava lá, entre outros, o comerciante Emídio Vieira, mais conhecido como “tracajá”; Seu Vitorio e Dona Fé, pais do compositor Raimundinho Dutra, os três irmãos cearenses da família Cid: Raimundo Cid, o Mundico; Pedro Cid, o Pedrinho; e Felix Cid, o Feliz. E também os coronéis Meireles e Nina, os senhores João Ribeiro, Dico e Mestre Rocha; e as senhoras Palmira, Sila, Virgínia, Duquinha Cruz e Maninha. A certa altura da reunião, o coronel João Meireles, fã de um certo Boi Caprichoso que existia em Manaus, sugeriu: “porque não botar neste novo Bumbá de Parintins o nome de Caprichoso? É tão bonito...” A sugestão foi aceita imediatamente, inclusive por Emídio Vieira, amo do Boi Galante, que havia sido criado em 1922. Na mesma ocasião ficou acertado que o amo do novo Boi seria Felix, o feliz da família Cid, repentista de voz maravilhosa. E o Caprichoso saiu pela primeira vez pelas ruas de Parintins, já pretinho e animado, agitando as festas juninas. (VALENTIN; CUNHA. 1999, p. 131)

Há, ainda, uma outra versão bastante interessante, registrada no livro de Basílio Tenório:

De acordo com Tomás Cid, filho de Pedro Cid, um dos fundadores do Boi-bumbá Caprichoso, na reunião para sua fundação que aconteceu em outubro de 1926 se encontrava Antônio Arigó, cidadão nordestino residente em Manaus que todos os anos, mês de junho, descia até Parintins para brincar boi e foi dele a sugestão do nome para o novo bumbá. Em meio a discussão ele teria dito: “Então, amigos, se já existe um boi Garantido aqui em Parintins, porque não fundar um Boi Caprichoso?” e prosseguiu dizendo que os nomes de boi-bumbá, “Garantido ou Caprichoso”, existiam desde o Nordeste; Garantido, como forma de pagamento de promessas; Caprichoso, boi descompromissado com qualquer santo”. Sugestão aceita, estava então fundado o Boi-bumbá Caprichoso. Discutida a escolha dos diretamente responsáveis, Pedro Cid, aos 16 anos de idade, foi proclamado chefe e seu irmão, Artur Cid, também conhecido como Feliz Cid e Feliz do Roque, aos 4 anos de idade, o amo do Boi. Feito assim, em junho do ano seguinte, 1927, o Boi-bumbá Caprichoso se apresentava pela primeira vez em Parintins. Esta versão conduz ao entendimento de que o Boi-bumbá Caprichoso surgiu enquanto boi mirim. Fato é que entre os notáveis, eis os seus brincantes fundadores: Pedro Cid, Nascimento Cid, Artur Cid, Luiz Gonzaga, Gito da Maninha, Antônio bodó (boboí), Mundinho da Carolina, Rapaziada do bairro da Francesa. Convidados especiais: Lindolfo Monteverde (que levou companheiros); Antônio Arigó (que desceu de Manaus); Emídio Souza (e companheiros do Aninga); Manoel Paz (seria dono do Boi Tira Fama); Manoel Leocádio (e companheiros do Aninga) (ZÉ CAIÁ 2000 apud TENÓRIO, 2016, p. 90).

Portanto, o Boi Caprichoso, desde a sua criação, traz protagonistas que contribuíram para o evento. Antes, as brincadeiras dos bois eram organizadas pelas famílias, da construção do boi às fantasias dos brincantes.

Odinéia, citada em Rodrigues, estabelece uma linha sucessora definitiva. Descreve ela:





Quem criou o Caprichoso foram os irmãos Cid, em 20 de outubro de 1913. Quando eles chegaram a Parintins, queriam colocar uma brincadeira para pagar uma promessa de prosperidade. Das mãos dos Cid, o boi passou para Emídio Vieira, voltou para os Cid, depois assumiu Antônio Boboi, em seguida o Nascimento Cid e então foi para o Luiz Gonzaga. Finalmente, foi entregue ao Luiz Pereira, o último dono do boi – afirma Odinéia Andrade (RODRIGUES, 2006, p. 72).

Caprichoso, outrora construído e brincado por pessoas consideradas periféricas pela elite da cidade daquela época, ganhou força na cidade e abriu os braços para o povo adentrar na sua festa, e sem distinção conquistou lugar no imaginário do povo parintinense. A Diretoria do Boi Caprichoso diz que “há vida nesse brinquedo de pano, há vida sim, pois há amor e paixão. É uma paixão que ultrapassou os limites do tempo, da saudade dos tablados à pujança da arena, o Boi Caprichoso é vivo e eterno em nossos sentimentos, uma paixão centenária” (CAPRICHOSO, 2016b).

Certamente, o encantamento que sinto, esse orgulho de ser Caprichoso, influencia em parte, na neutralidade que tentei trabalhar nesta pesquisa. Afinal, são mais de vinte anos sendo brincante desse boi. Porém, desde o início do projeto, sabia que iria enfrentar esse obstáculo e me preparei para ultrapassar essa dificuldade. Assim, não é uma paixão de curumim que pretende conduzir o leitor, e sim meu olhar de pesquisador, a partir de minhas descrições enquanto brincante pelo festival folclórico parintinense.





## Camisa Encarnada

Vai balançar a multidão  
Arquibancada enlouquecer  
A ilha toda avermelhar  
Essa arena vai ferver  
Ouço ao longe o tambor  
Que foi buscar o meu amor  
São os camisa-encarnada  
Que vão chegando pra vencer  
Anunciando o meu boi  
Valente, guerreiro, vermelho  
Da Baixa do meu São José  
Vai tremer  
O chão vai tremer  
Quando a batucada encarnada chegar  
O mundo parou pra ver o meu boi-bumbá  
Garantido  
O eterno campeão  
(GARANTIDO, 2015a)

## 1.2.2 Garantido, o coração encarnado

**1...2...3...e...já...**

**Olha o Boi... olha Boi... olha o boi...**



É com esse rito que o Boi Garantido, há décadas, inicia suas apresentações nas noites do Festival Folclórico de Parintins. Após a contagem, o coração da Batucada<sup>46</sup>, contagia “livremente a galera vermelhada e o batuqueiro é quem traduz essa magia, traduzida em harmonia no batuque do tambor e no compasso o coração vence o cansaço [...] com garra, emoção, raça e tradição” (GARANTIDO, 2004).

Garantido, “vermelho, vermelhaço, vermelhusco, vermelhante, vermelhão, o velho comunista se aliou ao rubro do rubor do meu amor o brilho do meu canto tem o tom e a expressão da minha cor, Vermelho” (GARANTIDO, 1996), a cor do pecado, da tentação, da paixão, do desejo, o vermelho ligado à revolução.

O Garantido ostenta o encarnado em sua bandeira. Quem vem pelas curvas do rio Amazonas, nas embarcações delirantes de brincantes eufóricos, pode mirar, a quilômetros de distância, antes mesmo de avistar as silhuetas do solo tupinambarana, a sedutora bandeira do Boi Da Baixa, como é conhecido pelos brincantes vermelhados. A parte da ilha onde o Boi nasceu é a parte mais baixa, daí o nome carinhoso dos torcedores, boi da baixa. Mas para o contrário, é motivo de chacota, chamando os moradores daquele local de perrechê, na gíria: “Caboclo do pé rachado”.

O Vermelho que contagia, que emociona, vermelho sangue, cor do fogo, dos batuqueiros, da senhora debruçada em sua janela ao entardecer, das cuias que servem o gostoso tacacá, dos acessórios das cunhatães<sup>47</sup> pendurados pelos cabelos. Vermelho que está associado ao poder, à guerra. Vermelho que se revela no crepúsculo parintinense, vermelho Garantido Show<sup>48</sup> dos brincantes que compõem o grupo dançante, vermelho que estimula a autoestima, o torcedor, os poetas, vermelho que alonga as raízes centenárias de um povo, vermelho de Nossa Senhora do Carmo, protetora de Parintins, vermelho do auto do boi, do pulsar do coração, vermelho Garantido.

<sup>46</sup> Nome dado ao grupo rítmico do Boi-Bumbá Garantido.

<sup>47</sup> Menina (FREIRE, 2017, p. 51).

<sup>48</sup> Grupo de dança do Boi Garantido.

O vermelho que dialoga com a rivalidade. Foi assim que cresci, dentro desse antagonismo. Porém, apesar de ter escolhido a cor do contrário, sempre frequentei os currais do Boi Garantido. Como já frisei, o festival me encanta, por isso acompanho os dois.

Em Manaus, onde moro, procuro ser o mais eclético possível, frequentando os eventos dos dois bois. No período de desenvolvimento desta pesquisa, me entreguei aos bumbás, às suas festividades, suas músicas e suas encenações com mais vigor e sentimentos. Muitas vezes me deparando a observar mais do que brincar – ofício de pesquisar, eu creio. Tudo está envolvido em mim; quando me sinto paralisado, recorro às toadas, às festas e às conversas com amigos que desfrutam dessa magia, e logo me vem inspirações para devanear, e continuo remando nesse rio acadêmico.

Como foi retratado no contrário, também na Associação Folclórica Boi-Bumbá Garantido a história não é diferente quando se refere a documentos que comprovem o seu nascimento, com histórias que surgem através do tempo, entre os torcedores, diretorias e até mesmo por brincantes do boi contrário.

Garantido, boi vermelho e branco, o boi que tem como marca o coração em sua testa, carrega consigo uma história de fé e tradição. Segundo registros da Associação Boi-Bumbá Garantido, são 32 vitórias desde 1968, ano em que se deu início ao formato competitivo Festival Folclórico de Parintins. Um coração decantado e distribuído pelas letras das toadas dos compositores parintinenses, definido em um trecho da toada Coração Brasileiro, do ano de 2004.

É lindo coração, coração apaixonado  
Coração pra se amar, coração sonhador  
Coração de amor primeiro, coração sedutor  
Coração aventureiro, coração de aprendiz  
Coração de toda cor, coração de brasileiro  
(GARANTIDO, 2004)

Um coração que deu vida ao bumbá criado na imaginação de uma criança, que ouvia histórias do bumbá do Maranhão. Conta Valentin e Cunha que Lindolfo Monteverde, ainda criança, ouvia extasiado as histórias do seu avô, maranhense e ex-escravo, “sobre um boi feito de carcaça de uma rês morta” (2005, p. 87), coberta por tecido que dançava, contagiando adultos e crianças, no Maranhão.

Tenório afirma que:

Lindolfo Monteverde adoecera gravemente, motivo que levava a fazer uma promessa “ao glorioso São João”, e teria sido agraciado com a dádiva da cura. Uma vez prometido e porque havia chegado a nova temporada junina, no terreiro de sua casa na Baixa da Xanda<sup>49</sup> estava tudo preparado para que fosse rezada a primeira ladainha da sua promessa. Era 24 de junho de 1917, seis horas da tarde quando o Máximo, adolescente e destro rezador, iniciou a reza da primeira ladainha da promessa. Terminado o rito religioso, palmas ao glorioso São João rufaram os tambores, Lindolfo Monteverde levantava a primeira toada de chegada em vermelho e branco” e o boi-Bumbá Garantido balanceou pela primeira vez para o povo apreciar. (TENÓRIO, 2016, p. 71-75).

<sup>49</sup> Nome do local é referência a Alexandrina Monte Verde da Silva - Xanda, mãe de Lindolfo Monteverde.

Démonteverde<sup>50</sup>, citado por Rodrigues, conta que:

Aos 12 anos de idade, Lindolfo reunia os amigos para brincar de boi em seu quintal. Na época, já havia vários bumbás na ilha, mas a participação de mulheres e crianças era terminantemente proibida, devido as brigas desencadeadas pela rivalidade entre os brincantes. Por tal razão, Dona Xanda não gostava de ver seu filho demonstrando interesse por aquela brincadeira, e sempre aconselhava Lindolfo a não continuar no propósito de montar um boi. No entanto, a cada ano o envolvimento do garoto com o folguedo só aumentava, e o boizinho improvisado, feito com curatá (casca seca de uma espécie de palmeira comum na Amazônia), onde eram enfiados dois gravetos simulando chifres, saiu dos fundos da casa e tomou as ruas da ilha (RODRIGUES, 2006, p. 60).

Já a Associação Folclórica Boi-Bumbá Garantido, toma como oficial que:

Quando Lindolfo atingiu a maioridade foi acometido por uma doença grave e, temendo a morte, fez uma promessa a São João Batista: “Se ficasse curado, enquanto vida tivesse colocaria um boi nas ruas para alegrar as pessoas”. A graça foi alcançada e, desde então, o Garantido jamais deixou de honrar o compromisso de seu fundador, tendo como data oficial de sua criação 13 de junho de 1913 (RODRIGUES, 2006, p. 60).

Assim como o boi contrário, segundo Rodrigues (2006), o neto de Lindolfo relata que seu avô, após servir as Forças Armadas, retorna a Parintins. Participa de um almoço onde, ingerindo aluá - bebida fermentada, feita de frutas -, começa a passar mal, acordando no dia seguinte sem voz. O pescador, então, fez uma promessa a São João Batista, de que, se recuperasse sua voz, “iria rezar todos os dias de São João com brincantes do Boi Garantido em seu curral e só deixaria de cantar toada de boi quando morresse” (RODRIGUES, 2005, p. 60).

Saunier (2003), em uma entrevista com o próprio criador do boi, Lindolfo Monteverde, este afirmou que a primeira vez que colocou o folguedo na rua, tinha 18 anos de idade, entrevista essa que Saunier registrou no jornal onde era repórter “A Tribuna”, no dia 28 de junho de 1970.

Nas histórias relatadas acima, as versões parecem desencontradas, mas se juntarmos os pontos, percebemos que as versões se complementam. Em 1913 o garoto que apenas brincava de boi no quintal de sua casa, tinha por volta de 11 anos, pois o mesmo nasceu em 1902, era pouco provável que o boi fosse fundado nesse tempo, porém, se o próprio Lindolfo fala que a primeira vez que coloca o novinho pra dançar na rua tinha 18 anos de idade, logo o nascimento do Boi Garantido possui duas datas, a de um curumim (1913), que só tinha interesse de brincar com os amigos e a de um adulto (1920), que tinha por obrigação pagar a promessa feita para São João (RODRIGUES, 2006).

Em nenhum momento, autores e pesquisadores afirmam a origem do nome do Boi Garantido, assim como o nome do contrário. Sem explicação comprovada, restam apenas especulações que já se tornam verdade de tanto serem repetidas ao longo dos anos, o

<sup>50</sup> Démonteverde, neto de Lindolfo Monteverde.



que Rodrigues transcreve em sua obra:

Lindolfo escolheu o nome porque seu boi sempre saía inteiro dos confrontos com os contrários. Esta frase lhe é atribuída por alguns moradores antigos da ilha: “Nosso boi sempre saiu inteiro, isso é Garantido”. Outra versão atribui a escolha do nome a um confronto entre Lindolfo e Emídio Vieira, amo do Contrário, no qual o mesmo desafiou: “Este ano se cuide que vou caprichar no meu boi! ”. E Lindolfo respondeu: “Pois Capriche no seu, que garanto no meu! ”. Para botar mais lenha na fogueira, um dos irmãos de Lindolfo, Amâncio, diz que o nome surgiu quando um delegado exigiu o registro oficial dos bumbás para inibir as brigas nas ruas. Quando o irmão foi fazer o registro, o seguinte diálogo teria acontecido:

- Qual o nome do seu boi?
- Garantido!
- Garantido porque é para brigar?
- Não, é porque eu simpatizei com este nome (RODRIGUES, 2006, p. 63).

Muitos detalhes ficaram pelo caminho do tempo, acontecimentos que só quem saberia responder seriam os atores principais desse folguedo brasileiro. A veracidade ou não sobre seu surgimento, porém, não deixa o folguedo menos atrativo, o que o torna característico do folclore, “aceito e modificado pela coletividade, passando a ser uma obra do povo” (MEGALE, 2001, p. 15).

O Boi Garantido vem construindo ao longo da sua trajetória, com os apaixonados que sucederam o criador Lindolfo, um estilo próprio nas apresentações, Garantido e o boi contrário, necessitam dessa competitividade, dessa rivalidade, que engrandece um ao outro, deixando o Festival de Parintins em perene mutação.



## 1.3 A estrutura e organização dos Bois-Bumbás

### 1.3.1 A Organização

Nos anos 80 os Bois-Bumbás de Parintins se organizaram profissionalmente, com o objetivo de conseguir conquistar mais recurso com a criação das Associações Folclóricas Boi-Bumbá Caprichoso e Boi-Bumbá Garantido. Criaram diretorias, eleitas pelos sócios de cada entidade, nas quais o presidente e seu vice possuem uma gestão de três anos e nomeiam cargos para as devidas atribuições durante este período. Afirma Lemos:



Existem diferenças entre os bois na forma de organizar e nomear as funções. A diretoria do boi Garantido é organizada em cargos predominantemente administrativos um modelo utilizado em associações de um modo geral. Além dos cargos de presidência, existem as diretorias (administrativa, financeira, patrimônio, jurídica, etc.), o conselho fiscal, a comissão de arte e a assessoria de imprensa.

A organização da diretoria do boi Caprichoso, de forma diferente, conjuga funções administrativas com aquelas direcionadas à organização e supervisão de atividades fins. Assim, além das funções administrativas, a diretoria do boi possui cargos de supervisão para curral, marujada, galera, vaqueirada, efeitos e outros (LEMOS, 2005, p. 69-70).

Cada Bumbá possui um curral, onde acontecem os eventos e os ensaios dos Bois. Estes currais já foram palcos de grandes eventos, como as gravações dos seus respectivos CDs (Compact Disc) e DVDs (Digital Video Disc). Além destes há também os galpões, lugares que escondem os mistérios das alegorias, nos quais apenas pessoas autorizadas podem adentrar.

Existem ainda vários espaços que são conhecidos na cidade como QG (Quartel General), espécies de atelier, oficina, estúdio, enfim, onde são confeccionadas as fantasias, os adereços, os cocares, entre outras vestimentas usadas pelos brincantes nas apresentações. Estes lugares também possuem um acesso complexo. Os artistas são muito cautelosos com seus trabalhos e por isso dificultam qualquer tipo de visita, principalmente quando estão em processo de criação.

O Boi Caprichoso possui suas instalações administrativas separadas do curral e do seu galpão. Na rua Silva Meireles, centro da cidade de Parintins, essas instalações contemplam setores como: presidência, secretaria geral, diretoria financeira e outros.

Já o setor administrativo do Boi Garantido fica na frente do seu curral ao lado do galpão. Essa área fica situada na estrada Odovaldo Novo – orla da cidade de Parintins – e é conhecida como Cidade Garantido.

### 1.3.2 O Regulamento

O Festival folclórico de Parintins é altamente competitivo, possui um Regulamento específico para cada edição. Nele estão todas as informações necessárias para o julgamento do espetáculo, a escolha dos jurados e outros dados pertinentes para a realização do evento.

Em 2017, a crise econômica chegou aos barracões dos Bois-Bumbás. Sem o apoio do Governo do Estado para iniciar os trabalhos artísticos, a Prefeitura Municipal de Parintins decide abraçar o evento e reúne as duas Associações Folclóricas para formular um novo Regulamento para o ano de 2017.

O Regulamento de 2017 determina toda a estrutura à qual as Associações dos Bois devem se pautar durante o Festival. Além de preservar o folclore, valorizar a diversidade e estimular o uso sustentável da biodiversidade, tem a grande responsabilidade de reger a disputa entre os Bois (regulamento 2017).

É neste Regulamento que estão os direitos e proibições das ações que serão desenvolvidas nas três noites, como: a obrigatoriedade dos personagens Pai Francisco e Catirina, que não contam pontos, porém são obrigados a fazerem parte da dramaturgia de cada Boi-Bumbá; o tempo mínimo e máximo de apresentação; a obrigação dos Bois a apresentarem seus 21 itens por noite; o silêncio da torcida do boi contrário e toda a dinâmica de julgamento do que se está sendo apresentado como também a apuração dos resultados fazem parte desse Regulamento, e qualquer descumprimento imposto por esse documento, implicará em perdas de pontos.

Uma das mudanças mais expressivas que houve neste Regulamento foi o método de escolha dos jurados. O Art. 6º do Capítulo IV que compete o processo de escolha dos jurados cria um banco de dados dos jurados que já participaram do julgamento dos Festivais Folclóricos de Parintins em outras edições. Confirma a subsecretária de turismo do município de Parintins, Karla Viana<sup>51</sup>, em uma conversa com este pesquisador que:



Estamos trabalhando em um banco de dados, porém, esse ano foram selecionados apenas os jurados que já participaram do Festival em outros anos, de 1995 a 2002. Fizemos um estudo de nivelamento de notas e selecionamos alguns estudiosos e profissionais nas áreas afins para compor esse banco de dados.

Entramos em contato com esses jurados, sobrou um universo de 40 pessoas. Fizemos uma investigação de disponibilidade de retornar, sem falar que eles poderiam ser jurados. Escolhemos 10 pessoas e mostramos para os bois, os mesmos fizeram suas contrapropostas e refizemos a lista, mesmo assim faltaram três pessoas para compor o quadro de jurados, pedimos dois jurados da LIESA (Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro) e 1 da Universidade do Paraná (VIANA, 2017).

Viana também relata que a mudança de escolha dos jurados já era uma ideia do atual prefeito para acabar com a desconfiança e a corrupção na escolha dos jurados.

<sup>51</sup> Subsecretária de Turismo do Município de Parintins. Entrevista realizada no ano de 2017.

Outra mudança no Regulamento do Festival de 2017 exige as duas Associações a realizar uma apresentação aos jurados, referente ao espetáculo que será encenado. Em entrevista realizada no dia 17 de agosto de 2017, com o diretor do Conselho de Arte do Boi Caprichoso em Parintins e professor de artes plásticas da Universidade Federal do Amazonas Ericky Nakanome, este afirma que:



Cada boi faz uma defesa do tema que vai ser apresentado na arena. Um dia antes da primeira noite do espetáculo acontece essa explanação sobre o festival, explicando, teorizando e discutindo com os jurados, através desse seminário, os jurados não entram mais cegos, eles já possuem uma ideia do que pode acontecer na arena. Penso eu que fazemos um festival para academia (NAKANOME, 2017).

Este formato de seminário proporciona a estes jurados uma aproximação com a cultura parintinense, possibilitando uma dinâmica do que vai ser apresentado nas três noites, revelando elementos únicos desta festa, para que os mesmos possam agregar pontos cruciais para os seus julgamentos. Desta forma, sustentando o pensamento do artista Nakanome, Wilson Nogueira explana:

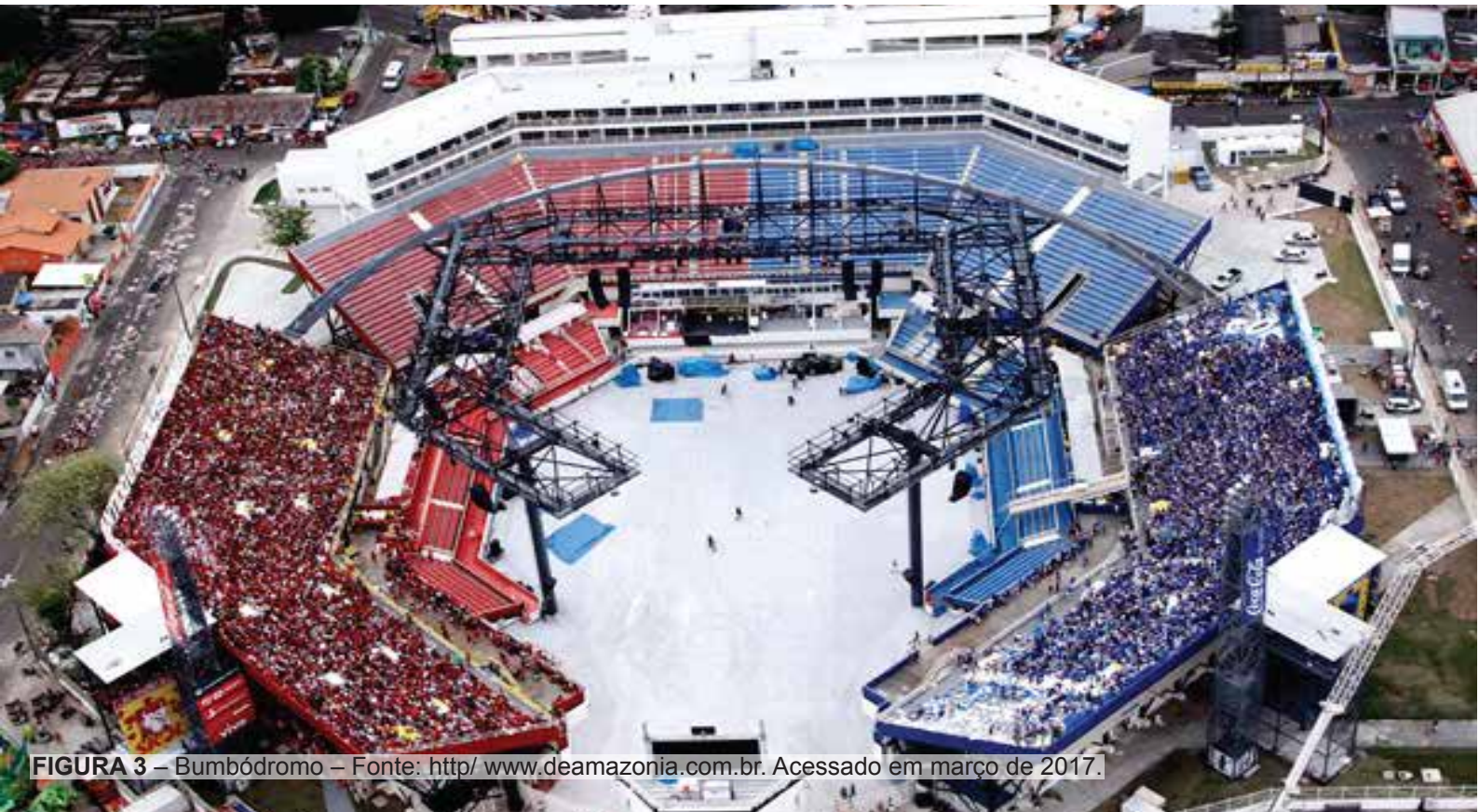


Conhecimento empírico e conhecimento científico entrecruzam-se na realização de um fenômeno sociocultural que se sustenta nas possibilidades das técnicas, da fé, do afeto e da paixão. Não seria exagero afirmar que os bois-bumbás, por meio dos seus espetáculos, defendem teses perante uma banca de especialistas (NOGUEIRA, 2013, p. 28).

Com isso, conseqüentemente, salienta a capacidade profissional dos artistas dos Bois-Bumbás. Assim, creio que ambos os bois, no decorrer dos últimos três anos, vêm trabalhando suas encenações com mais propriedade e dinâmica na composição das suas cenas na arena do Bumbódromo.



### 1.3.3 O Bumbódromo



**FIGURA 3** – Bumbódromo – Fonte: <http://www.deamazonia.com.br>. Acessado em março de 2017.

O Bumbódromo, a Catedral Nossa Senhora do Carmo e o cemitério da cidade formam uma linha imaginária, considerada um espaço neutro, que divide a cidade entre as cores vermelha e azul.

Construído no ano de 1988, na gestão do governador Amazonino Mendes, o Bumbódromo, além de receber no último final de semana do mês de junho o Festival Folclórico de Parintins, abriga também, durante o ano inteiro, a Escola de Artes Claudio Santoro, com atividades artísticas de música, dança, teatro, artes visuais.

Em formato de teatro de arena, possui uma estrutura estilizada de concreto com o desenho que revela a cabeça de um boi. Atualmente comporta mais de quarenta mil pessoas em suas arquibancadas e camarotes.

Dentro do Bumbódromo, tanto do lado azul quanto do lado vermelho, as divisões espaciais são iguais. Possui arquibancadas gratuitas, ocupadas pelos torcedores que chegam mais cedo ao Bumbódromo e as arquibancadas que são vendidas por uma empresa terceirizada, divididas em: arquibancada central, arquibancada especial, cadeira tipo 1 e cadeira tipo 2. Todos esses lugares tem um valor diferenciado e alto para a realidade dos nativos e, de forma perceptível, a grande maioria que ocupa esses lugares são visitantes.

Ainda no Bumbódromo, além das arquibancadas delimitadas pelo vermelho e azul, existem algumas áreas neutras como: a Tribuna de Honra, as cabines dos jurados e os luxuosos camarotes, ocupados pelos convidados dos patrocinadores.

Dentro da arena, em suas laterais, foram construídas estruturas em aço com objetivo de facilitar a manipulação das iluminações e de projeções que porventura o boi possa utilizar.



### 1.3.4 Os brincantes locais

Sentado, observando. Do banco de uma praça, a tardezinha, em Parintins, vejo dezenas de pessoas passeando pelas ruas, antigos senhores com olhares mirando o horizonte, crianças rindo e chorando; ouço latidos de cães e ao me concentrar consigo ouvir a conversas das senhoras que estão em trio, nada demais. Não arrisco a dizer que é igual a outras cidades do Amazonas o qual já visitei e morei, pois Parintins cochila, mas não dorme, caminha, mas não para, respira, mas não sufoca, se enche de pavulagem com seus artistas e se orgulha das heranças nativas.

Os brincantes/locais – nomenclatura que utilizo para me referir aos moradores da cidade de Parintins, os que se utilizam da época do festival para aumentar sua renda. São brincantes que dificilmente apreciam a semana festiva dos bois.

Esses brincantes se dividem em dois grupos: os que se apropriam da festa para trabalhar, seja formal ou informalmente – que chamarei de brincante/local-1 (BL-1) – e os que participam da festa como brincantes dos bois, em sua grande maioria, adolescentes – chamados aqui de brincante/local-2 (BL-2) – que não são profissionais, mas se dedicam a fazer parte de um grupo artísticos. Existem alguns grupos dançantes que ganham expressividade próximo ao festival. E é a esses grupos que os adolescentes procuram para neles se integrem.

Socorro Batalha (2015), pesquisadora em Antropologia da Dança, faz uma reflexão pertinente acerca dos BL-2: eles se dispõem a fazer parte de um conjunto que terá como responsabilidade, a execução de coreografias para as toadas que serão lançadas, a gravação do DVD e a interpretação cênica na arena, seja no chão (coreografias tribais) ou nas alegorias. Têm, portanto, um papel importantíssimo para as encenações.

Chico Cardoso contribui com a pesquisadora em relação aos BL-2, e afirma que:



Esses garotos, na sua totalidade são da comunidade, que se identificam com a brincadeira. Existe entre eles, uma coisa do status: para muitos, quem dança boi é artista. As meninas atraem os garotos e os garotos atraem as meninas. Tem essa coisa da sedução na dança, mas claro que com muito cuidado com muito critério para que isso não se transforme em uma coisa vulgar (CARDOSO, 2016).

### 1.3.4.1 Por trás das cores

Movido pela paixão da festa dos bois-bumbás, das suas tradições, crenças e costumes do povo parintinense, trago nesta pesquisa a poesia dos brincantes que fazem dos folguedos, Caprichoso e Garantido, o seu fascínio e orgulho. Porém, como pesquisador é importante apontar que o colorido da festa nem sempre é a brincadeira desejada, linda e “perfeita” que aparentemente se vê.

Como relatado no primeiro capítulo, a criação dos bois aconteceu nas margens da sociedade “nobre”, nos quintais das casas dos pescadores e agricultores, com pessoas simples e devotas à sua crença religiosa, materializando sua fé em uma brincadeira expressiva e cativa.

O professor Wilson Nogueira diz que hoje:



Não se trata mais de brincadeira junina de negros, índios e caboclos pescadores e estivadores: a classe média alta invadiu os currais e tangeu os bois-bumbás para os seus domínios. É desse modo que Garantido e Caprichoso, na sua versão espetacular, são tratados como partes do conjunto das instituições culturais do município e do Estado. Brincantes, galeras, comerciantes, industriais, membros do Judiciário, do Executivo, do Legislativo e da Igreja se envolvem social e institucionalmente com a festa dos bois-bumbás. Os ares dos bois-bumbás se espalham pelos escaninhos sociais e geográficos da cidade. (NOGUEIRA, 2013, p. 74).

Com essa invasão, à qual Nogueira se refere, criou-se uma estrutura piramidal na brincadeira e aqueles que outrora brincavam nas ruas, nos terreiros e nos quintais das casas dos parintinenses ao redor das fogueiras, se tornaram base dessa pirâmide. Esta base é composta, na sua grande maioria, por dançarinos, Marujeiros/Batuqueiros, Vaqueiros e outros brincantes, os quais não possuem incentivo financeiro, porém são movidos por um sentimento de amor ao seu boi.

Para melhor entender, relato um acontecimento dos vários que presenciei durante esses anos que frequento o Festival de Parintins: recordo-me claramente da participação de um grupo de brincantes do município de Maués – AM – Corpo Dançante de Maués (CDM) – na apresentação do Boi-Caprichoso<sup>52</sup>, na qual foram responsáveis por criarem e executarem na arena as complexas coreografias do item Tribos Coreografadas. Eles saíam de sua cidade rumo à Parintins sem promessa de cachê, ficavam alojados em escolas, agrupados em mais de dez pessoas por sala, os banheiros ficavam sempre lotados e os momentos das refeições eram regados de confusão entre os mesmos, passando dez dias sob essas condições não aprazíveis.

Na fala de um brincante:

<sup>52</sup> Festival de Parintins do ano de 2003.



Antes de irmos para Parintins, fazíamos eventos para arrecadar dinheiro como feijoadas e rifas, pedíamos patrocínio para comprarmos nossa alimentação, e as vezes a prefeitura de Maués ajudava. O Boi só bancava a passagem ida e volta de barco, para comer e beber era por conta do grupo. Feliz era quem levava seu dinheirinho (informação verbal)<sup>53</sup>.

Apesar de toda essa dificuldade, o sentimento que nutriam pelo boi não permitia que se posicionassem contra os organizadores. Mas outro fator bastante importante também os impedia de se rebelarem: tinham receio de serem impedidos de participar do espetáculo, se assim agissem. E essa participação, para os brincantes, garantia status; fazer parte do festival como ator é ser diferenciado, como pontuou Cardoso (2016).

O compositor Luiz Armando, em entrevista, revela uma reflexão muito pertinente sobre essa paixão do brincante na arena:



Tem uma velhinha que vem da estrada a pé, não tem o que comer, mas vem, participa muito das reuniões antes de ir para arena, para as vezes fazer o lanche da tarde que o boi oferece, e esse momento é tão valorizado por ela, que ela não quer saber se a diretoria tem ou não dinheiro, ou problema, ela está esperando o seu momento, de se apresentar, de encenar, fazer o seu papel, como por exemplo a de benzedeira. Ela não está ligando o que está acontecendo fora da arena, não quer saber se o governo não repassou a verba, ela quer estar ali, brincando (ARMANDO, 2016).

Ele também expõe com indignação que a diretoria está preocupada em coordenar artistas, diretores, auxiliares, mas não chega aos brincantes, que são a base do boi. Sem eles, a arena fica vazia. Ele conclui: “há dificuldades de bancar até a alimentação, mas mesmo assim querem estar lá, brincando, mesmo com fome, querem brincar” (ARMANDO, 2016).

Em Parintins, há brincantes que preferem os eventos mais tradicionais da cidade como o Boi de Rua do Caprichoso e a Alvorada do Boi Garantido, que atrai uma grande multidão e vários itens e setores dos Bois, entre eles a Marujada/Batucada e integrantes das torcidas organizadas. Geralmente esses eventos começam no bairro que abrigam os Bois, percorrendo em cortejo as principais ruas dos seus bairros até a catedral.

São nesses momentos que os folguedos celebram a tradição. Pude testemunhar esses eventos, e sentir o calor dos parintinenses. Em frente às casas, as famílias esperam ansiosas a passagem do seu boi, que é recebido com extrema alegria e carinho. Esse é o boi-folguedo (NOGUEIRA, 2013).

Já nas três noites no bumbódromo, os Bois-Bumbás se tornam boi-espetáculo para torcedores, apreciadores e turistas: “Garantido e o Caprichoso estão nos currais, nas ruas e no teatro de arena: nesses palcos se expressam tanto pela brincadeira quanto pelo espetáculo profissional” (NOGUEIRA, 2013, p. 98).

<sup>53</sup> Maique Lima, em uma conversa entre amigos, expõe tal fato sobre uma das suas viagens a Parintins como brincante (Manaus-AM), fevereiro de 2018.





FIGURA 4 – Boi de Rua. Arquivo Acrítica.

Outra questão bastante discutível é que a grandeza do evento faz a cidade passar por construções, reformas e colocação de enfeites estratégicos, nos lugares onde a maioria dos visitantes transitam: o centro da cidade, a Igreja Nossa Senhora do Carmo, o Curral do Boi Caprichoso e a Cidade Garantido (curral), o Porto de Parintins, o Aeroporto e o perímetro do bumbódromo, locais expressivos que o visitante vê e registra, lugares prontos para o mercado de entretenimento oferecido pelo festival.

Ao contrário, nos bairros mais afastados do evento nota-se um grande descaso do poder público. O festival não reverbera nesses bairros; a infraestrutura, como rede de esgoto, iluminação, asfalto, programas sociais (tanto pelos Bois quanto pela prefeitura) não chega. A ausência da segurança pública dá espaço para o tráfico de drogas e prostituição de menores. Outros casos como invasão de terras, traz o desmatamento em demasia, poluindo nascentes e acabando com biomas antes intactos da região.

O mercado cultural é estruturado para o período que acontece o festival, atende à

demanda enquanto dá lucro, ou seja, tem a finalidade de adequar à exigência do consumidor, tornando o festival um produto de consumo de massa da Indústria Cultural. Após o evento tudo volta ao que era antes. Até a potência da usina elétrica é baixada, pois os geradores que são utilizados na festa, alugados, são retirados no fim das apresentações. Contribui Barbosa:



Essa prática tem a ver com a omissão de apoio dos órgãos competentes a todas as classes, uma prova de que a estrutura montada e o investimento no Festival Folclórico têm objetivo certo e esse objetivo não contempla a comunidade como um todo, pelo menos como deveria, por isso as pessoas se dividem em várias atividades buscando seu sustento, quando não estão nos QGs, preparando a festa para o mundo ver, estão disputando uma oportunidade para comercializar seus produtos e apetrechos por ocasião do evento festivo (BARBOSA, 2014, p. 47).

Portanto, ser brincante participativo ainda é “trabalhar por amor ao boi”. Luiz Armando pontua claramente isso em suas palavras:



Todos esses brincantes que gastam o seu tempo, a sua energia e concentração para poder realizar a cênica, é tudo por amor ao boi, tudo isso é desvalorizado, esse setor todo de brincante, como a Vaqueirada, todos são desvalorizados e isso vai continuar por muito tempo. Porém, o festival nunca acabará, o que move tudo isso são as pessoas, os brincantes. Mesmo se não houver diretoria, e ficar só as pessoas, o boi vai continuar dançando, mesmo o Tripa saindo, alguém vai para debaixo do boi, e vai brincar na rua (ARMANDO, 2016).

Diante dessa ressalva, arrisco dizer que o festival está na paixão de cada brincante. Mesmo que a espetacularização dos bois seja a arte em formato para o show midiático e que grande parte da arrecadação feita na época do festival não seja aplicada em melhorias para a cidade e, mais ainda, que a maior parte dos brincantes que atuam na arena não tenha nenhuma remuneração e muitas vezes, nenhum apoio, o que me impressiona é a dedicação que cada um tem pelo seu Boi, contribuindo diretamente no fazer poético artístico do Festival Folclórico de Parintins.



### 1.3.5 Torcidas organizadas

Cada Boi possui a sua torcida organizada. No Festival, são cruciais nas arquibancadas, são elas as responsáveis pelas coreografias, ajudam nas confecções de adereços e determinam quando e como serão usados no dia dos espetáculos. Os brincantes que compõem as torcidas são tão importantes na apresentação em Parintins quanto na divulgação do seu Boi em outra cidade, exemplo é na capital Manaus, onde as ações dessas torcidas são mais expressivas, talvez, por isso que nos eventos, as entradas são cativas para eles nos shows dos Bois.

O Boi Caprichoso possui duas torcidas que tem sede na cidade de Manaus, a FAB (Força Azul e Branca) e a Raça Azul. Ambas são responsáveis na confecção de materiais que serão usados nas arquibancadas. O Boi Garantido tem a sua torcida oficial, Comando Garantido, com os mesmos propósitos das demais torcidas do boi azul.

É importante frisar que na cidade de Manaus, onde se concentra a maior parte do público do Festival, existem dois movimentos que foram importantíssimos para difusão do Festival Folclórico de Parintins. Criados a partir da iniciativa de amigos apaixonados pelos seus bois e que residem na capital de Manaus, o MM (Movimento Marujada) e a MAG (Movimento Amigos do Garantido) criaram eventos que até hoje são refúgios para muitos brincantes que querem ouvir e dançar Boi-Bumbá. Em Manaus o MM cria o Bar do Boi Caprichoso, e a MAG cria o curral do Boi Garantido.

Esses grupos seguem o calendário oficial das atividades dos bois, contribuem na divulgação e na preparação dos Marujeiros e Batuqueiros – percussionistas dos bois – brincantes que ensaiam na capital e se juntam aos 200 outros ritmistas parintinenses e moradores “da terra do folclore” (CAPRICHOSO, 2016) nos dias das apresentações, somando 400 ritmistas na arena.

A história do Movimento Marujada (MM) começou no feriado de 1º de maio de 1988, quando um grupo de jovens parintinenses residentes em Manaus reuniu-se para celebrar o amor por sua terra natal, e apoiar a divulgação do Festival Folclórico de Parintins e as apresentações do Boi Caprichoso no festival daquele ano. Começaram, então, a embalar esses sentimentos caprichados que Afrânio Gonçalves demonstra, com grande orgulho, em um texto escrito para o Movimento Marujada, que o mesmo chama de “Guardiões da Cultura”. Partilho seu texto com a ideia de dialogar com a própria cultura do Boi-Bumbá, antes enraizada apenas no município de Parintins e sem interesse dos governos e das mídias, que Gonçalves<sup>54</sup> reflete:



Nesse ambiente marcado por preconceitos e discriminação, especialmente em relação a manifestações folclóricas do interior do Amazonas, sempre rotuladas como brega, acompanhei passo a passo a toada do boi-bumbá parintinense penetrar nos meios de comunicação em Manaus, por obra do Movimento Marujada, a custo de muito suor, incompreensões e toda sorte de obstáculos. Saber que participei do movimento que revolucionou a vida cultural da cidade e tornou popular em Manaus o boi-bumbá de Parintins deixa-me deveras orgulhoso (GONÇALVES, 2016).

O brincante também afirma com pesar, que nesse tempo nenhum dos dois Bois tinha menor interesse por tal divulgação em outras cidades. Por isso, nasce o MM com o objetivo de ouvir as toadas do boi-bumbá e relembrar, através das fotografias, os festivais passados.

Assim, o Movimento sente a necessidade de dar um codinome para as suas reuniões, que eram movidas por muitas lembranças, músicas e bebidas. A partir de um cardume de alegrias e satisfações proporcionado pelo azul da paixão (expressão usada pelos torcedores do Boi Caprichoso), surge o Bar do Boi Caprichoso, que até hoje reúne, agora de uma maneira mais capitalista, adeptos dos Bois-Bumbás – pois em Manaus, diferente do que acontece em Parintins, o trânsito entre o vermelho e azul são aceitáveis, com o respeito do contrário, nas festas e ensaios proporcionados pelas duas associações.

No início, sempre aos sábados à tarde, após algumas tentativas em vários outros locais, conseguiram fixar-se no bar do Carlinhos, no Conjunto Ica-Maceió. O Movimento passou a ganhar amigos e colaboradores manauaras e parintinenses, e a partir daí não parou mais de crescer. Alegria, dedicação, mobilização popular e sucesso, que são até hoje suas características, contagiaram a capital do estado.

Sobre esse fato Gonçalves coloca:



A poesia da toada e o ritmo contagiante eram irresistíveis e cada vez mais ganhava-se adeptos. Reunir madames, colonistas sociais e grandes empresários em uma festa até então tida por acanhada, mambembe era para os membros do MM a apoteose, um acontecimento. E, de fato, assim o era pela dificuldade em se quebrar paradigmas da cultura que identificavam as classes sociais mais altas de Manaus. Filhos de famílias abastadas que se incorporaram ao MM, ajudaram nesse processo de socialização do boi-bumbá, mas porque também perceberam a seriedade e a riqueza cultural da proposta (GONÇALVES, 2016).

Desse modo, a fim de poder receber maior número de brincantes e oferecer local de estacionamento para veículos, o Bar do Boi transferiu-se para o Grêmio Recreativo dos Servidores do Ministério da Agricultura, na Rua Recife, onde permaneceu por dois anos, e depois em 1991 foi para a TvLândia – um centro de eventos e shows da cidade, na Av. Djalma Batista (hoje, Shopping Manaus Plaza Mall), e foi aí que pôde realmente expandir-se, com a construção de palco, sala vip e camarotes, aumentando o número de bares e de voluntários para atender o público.

Mas novamente o local tornou-se acanhado para o evento, além de causar grande transtorno ao tráfego de veículos naquela avenida, e assim em 1998 o Bar do Boi foi para o Sambódromo<sup>55</sup>, onde existe mais espaço, melhores acomodações, amplo estacionamento para veículos, e por exigência do próprio público, teve que mudar o horário de funcionamento, que antes começava às 18 horas indo até meia-noite, e agora iniciando às 21 horas do sábado indo até a madrugada do domingo.

<sup>55</sup> Centro de Convenções de Manaus.



FIGURA 5 e 6 – Galera Azulada e Galera Vermelha. Fonte Leandro Nascimento, 2017.

Mas nos últimos 10 anos, o brincar de Boi realizado em Manaus, já não tem tanta força, ganha energia apenas meses antes do festival em Parintins. Devido a oscilação do público, foram adaptando-se a lugares menores como o Arena Vip do Tropical Hotel, na Quadra da Escola de Samba de Aparecida, no Atlético Rio Negro Clube, na Casa dos Bumbás na Cidade Nova e este último ano na sede do Clube da Assinpa no Conjunto Morada do Sol, no Aleixo (GONÇALVES, 2016).

A parceria com a cidade conquistou o manauara, contribuiu para a divulgação do festival com entretenimento de qualidade, e, principalmente, formou iniciativas que ajudaram na preservação e no fortalecimento da identidade cultural do povo amazonense.

Assim, ao trabalho do Movimento Marujada vem sendo somada a paixão e determinação da Marujada de Guerra (os percussionistas), da Força Azul e Branco (FAB) (torcida organizada), do Corpo de Dança Caprichoso (CDC) – antigo Grupo de Dança Movimento (GDM), da extinta torcida Força Bravura e Independência (FBI) agora da Raça Azul, a Torcida Oficial do Caprichoso, todos num trabalho de verdadeiro puxirum<sup>56</sup> em prol da divulgação do festival folclórico parintinense.

<sup>56</sup> Em tupi, Reunião.




### 1.3.6. Os personagens: os 21 itens do Boi de Parintins

Cada Boi-Bumbá traz para a arena cerca de 1.500 brincantes por apresentação. É apresentado ao público um tema por noite, o qual deve deixar claro, no decorrer da sua apresentação, a coerência cênica do tema anunciado. As estratégias de como será desenvolvido é por conta de cada Associação Folclórica. Todas as evoluções que acontecem na noite são únicas, nenhuma peça de figurino, alegoria ou coreografias são repetidas nas demais noites do Festival. Na minha concepção de brincante, a vaidade que existe entre os Bois não permitiria tais ações, até porque seria um assunto que o Boi contrário usaria para depreciar o outro. Rivalidade é a mola se sustentação da festa.

Além desse quantitativo, somam-se os brincantes que estão na parte técnica do espetáculo: os contrarregas, técnicos de luz, som e computadores, responsáveis por sustentar o imaginário que se cria na arena, dando um suporte indispensável para o sucesso dos 21 itens (que irei descrever abaixo). Como exemplo, citam-se os itens que compõem as alegorias do Ritual Indígena, da Figura Típica Regional, da Lenda Amazônica, que entram e saem da arena por meio da força motriz de grupos que chegam a ter 120 homens.

Dentro do universo dos Bois-Bumbás, os brincantes que assumem personagens no espetáculo encenado na arena do Bumbódromo são divididos em 21 itens. Eles são agrupados em três blocos, para uma melhor análise dos especialistas na hora do julgamento.



BLOCO "A" - COMUM / MUSICAL Podem exercer a função de julgadores: Músico, Compositor, Maestro, Musicólogo, Folclorista e Comunicólogo (Todos com referencial teórico em folclore, com trabalhos realizados que contemplem as manifestações folclóricas e culturais brasileiras).

Itens que compõem o Bloco A: 01 – Apresentador, 02 - Levantador de Toadas, 03 - Batucada ou Marujada, 06 - Amo do Boi, 19 – Galera, 11 - Toada (letra e música), 21 - Organização do Conjunto Folclórico.

BLOCO "B" - CÊNICO / COREOGRÁFICO Podem exercer as funções de julgadores: Teatrólogos, Coreógrafos, Folcloristas e Figurinistas (Todos com referencial teórico em folclore, com trabalhos realizados que contemplem as manifestações folclóricas e culturais brasileiras)

Itens que compõem o Bloco B: 05 - Porta-Estandarte, 07 - Sinhazinha da Fazenda, 08 - Rainha do Folclore, 09 - Cunhã-Poranga, 12 – Pajé, 10 - Boi-Bumbá (evolução), 20 – Coreografia.

BLOCO "C" – ARTÍSTICO Podem exercer as funções de julgadores: Artistas Plásticos, Etnólogos, Cenógrafos, Antropólogos, Folcloristas, Designer's e Arquitetos (Todos com referencial teórico em folclore, com trabalhos realizados que contemplem as manifestações folclóricas e culturais brasileiras)

Itens que compõem o Bloco C: 04 - Ritual Indígena, 13 - Tribos Indígenas, 14 – Tuxauas, 15 - Figura Típica Regional, 16 – Alegoria, 17 - Lenda Amazônica, 18 – Vaqueirada (Regulamento, 2017).

Esses itens, como já citado, devem constar nas apresentações das três noites. Cada apresentação traz um tema, onde o desenvolvimento cênico envolve todos esses brincantes. Conforme o Regulamento de 2017, apresento abaixo os 21 itens em sequência, embora a ordem de entrada na arena fique a critério da estratégia de cada Boi-Bumbá, embora geralmente tenha início com o item 01, o Apresentador.

**Item 01 – Apresentador** – é o narrador do espetáculo, conduz a dramaturgia encenada na arena, mestre-de-cerimônia, anima a galera e apresenta para os espectadores as figuras que compõem o imaginário do caboclo. Responsável por elucidar os mistérios trazidos pelas lendas e rituais. Anuncia a entrada de cada item e prepara os jurados para os itens da competição. É ele quem dialoga com a galera, convidando-a para brincar.



**FIGURA 7** – Apresentador –  
Fonte: Evandro Seixas – 2017

**Item 02 – Levantador de Toada** – além das novas toadas que serão apresentadas no decorrer das três noites, o Levantador de Toadas, tem que cantar outras toadas que fizeram sucesso em edições anteriores. Normalmente, as toadas repetidas na arena são as de galera.



**FIGURA 8** – Levantador de Toadas –  
Fonte: Evandro Seixas – 2017

**Item 03 – Marujada ou Batucada** – no universo do Boi-Bumbá são nomes dados aos ritmistas, os que sustentam o espetáculo com os instrumentos de percussões. Marujada do Caprichoso e Batucada do Garantido.



**FIGURA 9** – Ritmistas –  
Fonte: Evandro Seixas – 2017





**FIGURA 10** – Ritual –  
Fonte: Evandro Seixas – 2017

**Item 04 – Ritual Indígena** – fundamentado através de pesquisas, o ritual indígena é o ponto culminante da apresentação, um dos momentos esperados pelos brincantes nas arquibancadas. O Ritual Indígena recria um universo místico do indígena, revela de forma teatral e coreográfica a criatividade e a originalidade do espetáculo na arena.



**FIGURA 11** – Porta-Estandarte –  
Fonte: Evandro Seixas – 2017

**Item 05 – Porta-Estandarte** – o estandarte do Boi-Bumbá é um símbolo que identifica o folgado e suas cores. É a bandeira da expressão aguerrida do povo (torcedor), sempre marcando o tema da noite. Conduzido pela bela jovem com indumentárias indígenas, que ergue o atributo do seu boi com dignidade e orgulho, transpira em sua dança a leveza, simpatia e sincronismo no seu bailado.



**FIGURA 12**– Amo do Boi Caprichoso –  
Fonte: Evandro Seixas – 2017

**Item 06 – Amo do Boi** – o Amo do Boi no Festival de Parintins lembra os repentistas do Nordeste. É o famoso fazendeiro, dono do Boi-Bumbá, símbolo da festa. Participa de toda a apresentação do lado do Levantador de Toadas e o Apresentador. É um versador, tem habilidades em fazer versos para saudar o seu boi, a natureza, os itens que estão se apresentando e tira versos para desafiar o boi contrário.

O verso do Amo do Boi Garantido, citado abaixo, faz alusão a um fato que ocorreu com o Amo do Boi Caprichoso, o mesmo tirou uma foto de animais silvestres como fonte de alimento, sem autorização. Caso de polícia e multa ao artista que interpreta o Amo.

Contrário escuta contrário, ouve o que eu vou te falar  
Não adianta corre e nem me telefonar  
Dizendo pra eu pegar leve, que você quer combinar  
Vê se te manca contrário que a peia vai começar  
Contrário escuta contrário, preste bastante atenção  
Tu vais falar da Amazônia clamar por preservação  
Mas o teu Amo é o primeiro no rol da destruição  
Pergunto pro boi contrário, tua consciência não dói?  
Em ter um Amo gabola que a floresta corroe  
Um predador desalmado que a natureza destrói  
(GARANTIDO, 2017b)

Já o verso do Amo do Boi Caprichoso é referente ao item 04, Ritual Indígena de Escarificação, um ritual de passagem do índio guerreiro para ser Pajé. A alegoria desse ritual trouxe um ser sobrenatural com várias cabeças de dragões, por isso a comparação com um famoso desenho transmitido pela TV aberta.

Ainda agora o boi contrário, disse que trouxe uma lenda  
Um bicho de várias cabeças e disse que era uma lenda  
Essa tal lenda do boi contrário, na Amazônia não tem não  
Isso era o Tiamat da Caverna do Dragão  
Coitado do boi contrário, não tem mais imaginação  
Tá copiando desenho antigo da televisão  
Vamos te dá uma aula  
Te mostrar o que é criação!  
(CAPRICHOSO, 2017b)

**Item 07 – Sinhazinha da Fazenda** – filha do Amo do Boi, sempre graciosa e bela, tem um grande carinho pelo seu boi, com o qual interage e a quem alimenta em plena arena. A Sinhazinha revela seu sentimentalismo quando o Pai Francisco tira a língua do boi, em prantos ela se derrama ao seu lado. A alegria volta quando o boi revive. O bailado é característica desse item.



**FIGURA 13** – Sinhazinha da Fazenda –  
Fonte: Evandro Seixas – 2017



**FIGURA 14** – Rainha do Folclore –  
Fonte: Evandro Seixas – 2017

**Item 08 – Rainha do Folclore** – marcada pela beleza e pujança, a bela morena carrega a responsabilidade de representar as lendas e os mistérios amazônicos. Suas indumentárias revelam o encanto da fauna e da flora. Esse item chama a atenção para a cultura Amazônica, a miscigenação encenada na arena pelos bois. Sua dança vem com força e brilho, sem perder a sutileza no olhar.



**FIGURA 15**– Cunhã Poranga –  
Fonte: Evandro Seixas – 2017

**Item 09 - Cunhã-Poranga** - “o arco para ser guerreira/ índia guerreira/ a flecha pra dançar aos ventos/ as penas para adornar o corpo nu/ da semente da samau-meira/ toda leveza, nativa beleza/ selvagem cunha” (CAPRICHOSO, 1999).

Representa a força da mulher indígena, está diretamente incorporada no místico das lendas Amazônicas, simboliza a guardiã e protetora da sua tribo e da floresta.



**FIGURA 16** – Boi-Bumbá Caprichoso –  
Fonte: Evandro Seixas – 2017

**Item 10 – Boi-Bumbá (Evolução)** – o touro majestoso, dono do lugar, brinquedo de São João. Um boi feito de pano, fibra e esponja e muita imaginação. Símbolo da maior festa folclórica do Amazonas. Manipulado pelo seu tripa – brincante que fica debaixo do boi – evolui na arena com o seu bailado e gingado. Está sempre interagindo com todos que se encontram na arena, arquibancada, camarotes e até mesmo com os jurados.



**Item 11 – Toada (Letra E Música)** – o Boi Caprichoso diz que a toada é “um canto de amor ao folclore brasileiro às nossas raízes mestiças” (CAPRICOSO, 2017b). Para o Boi Garantido é “a trilha litero-musical que dá suporte ao espetáculo do boi, contextualizando os segmentos artísticos que compõem esses espetáculos” (GARANTIDO, 2017b). As toadas criam expectativas nos brincantes antes do festival: como será que vem esse ritual? Essa lenda vai vir arrebentando! Agora essa letra, tem tudo para ser a cara do torcedor!

A poesia regional, toada, já é identidade do Boi de Parintins. Suas letras extremamente populares mergulham nas diversas culturas brasileiras, exemplificada na toada no início desta pesquisa “Amazônia nas cores do Brasil”.

**Item 12 – Pajé** – o ícone vital no momento cênico tribal. O poderoso Xamã, o curador de todos os males da tribo. A apresentação do Pajé é o ápice da festa, o mestre da iniciação dos rituais é responsável por guiar a tribo e defendê-la das entidades maléficas, materializada nas grandiosas alegorias e nas complexas coreografias tribais.



**FIGURA 17** – Pajé Caprichoso –  
Fonte: Evandro Seixas – 2017

**Item 13 – Tribos Indígenas** - “contingente humano que recria e representa etnias indígenas na teatralização e coreografias dos espetáculos dos bois” (GARANTIDO, 2017b). Fazem parte do universo mítico apresentado na arena, com coreografias diferentes do tradicional dois-para-lá e dois-para-cá. Usam uma rica plumaria em suas indumentárias e carregam em seus corpos pinturas que simbolizam a identidade de etnias contemporâneas e até mesmo extintas.



**FIGURA 18** – Tribos –  
Fonte: Evandro Seixas – 2017



**FIGURA 19** – Tuxaua –  
Fonte: Evandro Seixas – 2017

**Item 14 – Tuxaua** – o chefe da tribo, responsável pela harmonia do seu povo. No Festival de Parintins vem sempre com indumentárias que mais parecem pequenas alegorias, que podem chegar até 80 quilos. O brincante que carrega esse item deve evoluir com ele, caminhar pela arena no ritmo da toada e revelar a riqueza que está carregando. Cada Tuxaua simbolicamente representa uma etnia indígena e vem sempre dialogando com o tema da noite.

**Item 15 – Figura Típica Regional** – é a forma mais expressiva que os bois tiveram para homenagear e mostrar a cultura do caboclo, a resistência da tradição e os costumes de um povo simples e rico no fazer artístico. Para o Boi Garantido a “Figura Típica Regional retrata os biótipos da região moldados através da miscigenação processada ao longo da formação social e cultural da Amazônia” (GARANTIDO, 2017b). Já para o Boi Caprichoso é “a cara do homem da Amazônia [...] fruto do imaginário caboclo, dividido na fronteira da realidade ou do sonho, dos mitos e lendas contados nos beiradão do Amazonas” (CAPRICHOSO, 2017b).



**FIGURA 20** – Alegoria –  
Fonte: Evandro Seixas – 2017

**Item 16 – Alegorias** – gigantescas estruturas que fazem, no espetáculo, a imaginação dos espectadores flutuar. Com ferro, isopor, cabos de aço e muita criatividade, o artista parintinense cria as alegorias que ajudam na ambientação do espetáculo. Os brincantes mais envolvidos com o Boi-Bumbá conseguem distinguir a criação de cada artista, percebendo que há naquela alegoria a mão do seu criador, a ousadia e o seu processo criativo.





**FIGURA 21** – Lenda Amazônica: Dom Sebastião -  
Fonte: O Autor – 2017

**Item 17 – Lenda Amazônica** – a imaginação do ribeirinho e do indígena se transfiguram nesse item na arena. O item 17 Lenda Amazônica revive os seres fantásticos da floresta anualmente no festival. “Cada povo conta uma história diferente sobre um bicho encantado, seja da floresta, das águas ou do ar. No Festival de Parintins, esses seres do imaginário ganham formas” (CAPRICHOSO, 2017b).

**Item 18 – Vaqueirada** – guardiões do Boi-Bumbá, estão sempre prontos para defender o seu boi. Em coreografias geométricas, brincam e dançam na arena. A Vaqueirada é composta por 40 brincantes “montados” em seus cavaleiros e com lanças nas mãos; carregam o símbolo do boi.



A Vaqueirada é um corpo de 35 a 40 Vaqueiros que representam os Guardiões do Boi. Com lanças coloridas, a Vaqueirada evolui ocupando a arena com evoluções coreográficas, amparando os demais itens que compõem a Celebração Folclórica, com Catirina, Pai Francisco, Gazumbá (ou Cazumbá), Sinhazinha da Fazenda e Amo do Boi. A Vaqueirada faz a sua evolução com indumentárias e lanças ricamente decoradas, de acordo com o contexto de cada noite (GARANTIDO, 2017b).



**FIGURAS 22 e 23** – Vaqueirada Azul e Vaqueirada Vermelha  
Fonte: <https://noamazonaseassim.com.br/saiba-tudo-sobre-o-festival-folclorico-de-parintins>

**Item 19 – Galera** – é a energia humana que impulsiona com as suas enérgicas coreografias nas arquibancadas, o Boi-Bumbá na arena. Por duas horas e meia, não pode deixar de interagir com a cena que está acontecendo. Esse item reflete a paixão e a força do Festival de Parintins, pois desde o começo do dia os brincantes já se encontram nas filas para, à noite, participar do teatro popular na arena.



**FIGURAS 24 e 25** – Galera Caprichoso e Galera Garantido – Fonte: O Autor – 2017

**Item 20 – Coreografia** – todo espetáculo é pautado em coreografia presente nos itens individuais e coletivos. A cada ano fascina os olhos dos espectadores que já esperam ansiosos pela novidade. Os detalhes da dramaticidade expressadas nos corpos dos brincantes demonstram a riqueza criada pelos coreógrafos, misturando dança, teatro e artes visuais nos movimentos que sempre dialogam com a essência da Amazônia.



**FIGURA 26** – Coreografia –  
Fonte: O Autor – 2017



**Item 21 – Organização do Conjunto Folclórico** – funciona como no carnaval com a harmonia, responsável pelo sincronismo na avenida. No Boi-Bumbá, a Organização do Conjunto Folclórico é responsável pela limpeza e coerência da dinâmica da apresentação na arena. Uma responsabilidade que é exercida muito antes da encenação representada nos três dias de Festival.

### 1.3.7. As toadas

Música tradicional entoada pelos levantadores de toadas dos Bois-Bumbás de Parintins, acompanhada por instrumentos como: tambores indígenas, matracas e surdos. Ao longo do tempo, incorporaram o charango andino e os instrumentos eletrônicos, como o teclado, guitarras e outros.

Em forma de narrativas, as toadas sustentam a dramaturgia em cena, conduzem a apresentação e trazem em sua poesia as histórias que são defendidas pelos Bois-Bumbás. A cada noite de espetáculo é apresentado um conjunto de toadas que irão compor e acompanhar a cena que está sendo desenvolvida. Uma toada por noite concorre na competição ao item 11 – toada letra e música –, no total, três toadas são escolhidas para disputar o Festival. Algumas toadas caem no gosto dos torcedores, geralmente são as de Galera – músicas mais animadas e mais cantadas – e durante a apresentação na arena são repetidas várias vezes.

### 1.3.8. A passagem técnica na arena

A passagem técnica é o momento que os Bois-Bumbás possuem para testar os equipamentos de som, iluminação e projeção, organizar os músicos e seus instrumentos, marcar as posições dos brincantes que irão compor as mais complexas coreografias, delimitar o espaço que será ocupado pelas imensas alegorias e também é o momento para aproveitar e instigar a galera do contrário.

Uma hora é o tempo destinado para cada Boi-Bumbá fazer a sua passagem, de acordo com o Regulamento. O Boi que for sorteado a se apresentar primeiro na competição será o segundo na passagem técnica. Por exemplo, no ano de 2017, o Boi-Garantido fez a abertura do 52º Festival Folclórico de Parintins e foi o segundo a utilizar a arena para fazer sua passagem e assim se segue nas outras duas noites de apresentação.

Esse momento é de últimos ajustes. As arquibancadas já estão todas lotadas. Nesse instante, os brincantes aproveitam para ofender e insultar uns aos outros. Este é o momento de extravasar, de apontar o dedo nos “defeitos” do contrário, tudo isso em meio

à afinação do espetáculo, sem a preocupação de sofrer penalidades, uma vez que o Regulamento é válido apenas a partir do início da apresentação na arena.

Porém, é interessante explicar que o que é apresentado nessa passagem técnica e nos ensaios técnicos que acontece nos currais não é o que se vai ver na para arena nas três noites. Sobre esse assunto dos ensaios técnicos, Batalha aponta que:



Nos ensaios técnicos, há uma simulação da apresentação em caráter coletivo cuja intenção é testar os espaços de alinhamento para que os participantes saibam até aonde podem avançar e marcar seus devidos lugares. No ato da exibição, cada participante deve assumir a responsabilidade de executar a sua função, ou seja, acompanhar a toada e demonstrar a sua habilidade de dançarino no ritmo do boi-bumbá (BATALHA. 2015, p. 127).

Tal simulação apontada pela autora refere-se aos mistérios que os bois fazem durante o processo de criação para as apresentações, pois o ineditismo pode ser ponto culminante no festival. Por isso, nesses ensaios são realizados apenas marcações e reconhecimento do espaço.





San Kitzinger



## 2. Parintins e suas teatralidades

Era uma vez um garoto, influenciado pelas estórias contadas pelo avô, ex-escravo nordestino, sobre certo boi no Maranhão que brincava nas ruas e nos terreiros da cidade, contagiando a todos. O garoto corria para o quintal, apanhava o curutá, carapaça que envolve os frutos da palmeira de Inajá, coloca sobre si e começava a brincar.

Era uma vez, dois irmãos cearenses, atraídos pela prosperidade, chegaram na cidade de Parintins-AM, sob a promessa feita ao santo protetor que se alcançassem a graça dariam vida a uma brincadeira que outrora conheceram no estado do Maranhão, quando os mesmos estavam a caminho da ilha.

Era uma vez um patrimônio de tradições, defendido e conservado pelo costume de uma cidade, cresceu com os conhecimentos diários, com a interação de grupos: indígenas, domésticos e de outros lugares. Se o folclore é, segundo Cascudo (1980): povo, nação, família, parentalha, instrução e sabedoria, as estórias contadas na cidade de Parintins e que hoje reverberam na forma de espetáculo e atribui novos sentidos e significados, então, não há dúvidas do folclore neste lugar.

Esses elementos culturais apontados acima se entrelaçam às ações dos caboclos parintinenses. O uso de matérias-primas retiradas da natureza, como o caso da casca de curutá do garoto Lindolfo Monteverde, criou imagens que só o homem tem capacidade de inventar (SANCHES, 2012). Essa ludicidade é materializada hoje, dentro da arena do Bumbódromo, e tem a participação ativa da comunidade através dos seus brincantes, que estão lá por paixão ao seu boi (a grande maioria). Sanches (2012) diz que essas características fazem parte de um conjunto de elementos culturais, ou seja, manifestações específicas de uma região, muitas vezes classificadas de cultura tradicional ou cultura de massa<sup>57</sup>, mas que o autor chama de Cultura Popular. “Tudo que o homem transformou e ainda continua transformando, do mundo natural e da sua própria natureza é cultura. E com isso ele cria um mundo novo, artificial, um mundo só dele, o mundo da cultura” (SANCHES, 2012, p. 22).

Esses fundamentos contribuíram para uma das maiores festas genuinamente folclórica, cultural e popular parintinense, uma vez que, graças à interação contínua entre pessoas de regiões diferentes, a festa do Boi-Bumbá em Parintins se tornou tão expressiva na região amazônica.

Manifestação que exponho ao longo deste capítulo, a importância dos seus brincantes e seus comportamentos diante da teatralidade existente nesta festividade, alicerçado pela liberdade de brincar e se sentir parte de tudo aquilo que a festa proporciona, nos mais diferentes espaços. “A rua, os pátios, as praças, tudo serve para o encontro de pessoas fora das suas condições e do papel que desempenham em uma coletividade organizada” (DUVIGNALD, 1983, p. 68).

<sup>57</sup> Embora reconheça a importância e as diferenças entre tais definições acerca da cultura, não é objetivo desta pesquisa destecer termos tão complexos.

Assim, como pesquisador, uma das preocupações que me afligia era: como cruzar informações do meu fazer teatral acadêmico e artístico, com o Festival Folclórico de Parintins? A partir daí me propus a estabelecer relações que me permitissem formalizar pensamentos, tendo em vista que esse mesmo olhar artístico e pesquisador é também o de um brincante, viajante e espectador do evento observado, com suas reflexões e inquietações. Assim se denominam os participantes de espetáculos populares no Norte e Nordeste do país, segundo o Dicionário do Teatro Brasileiro:



O brincante é, portanto, um interprete qualificado de formalizações tradicionais que se endereça a um público igualmente instruído para avaliar o talento e a habilidade do artista. [...] São múltiplas as exigências desses espetáculos nortistas e nordestinos em que se articulam com os diálogos a execução de músicas instrumental, o canto, a dança e as partes improvisadas de interação com o público (GUINSBURG; FARIA; LIMA. 2006, p. 65).

Partindo desse pressuposto, na pesquisa de campo, percebi nos discursos dos brincantes/artistas, os quais eu entrevistei, alguns termos que comumente são usados no meio teatral (artes cênicas). “A cênica do boi”, “o jogo cênico na arena”, “o grupo cênico evoluindo”. Termos que são naturalmente manifestados pelos artistas em entrevistas para os jornais, programas de TVs, apresentações musicais, e mesmo em conversas informais entre amigos artistas, enfim. Aos quais se juntam outros termos amazonês, sistematizados pelo Dr. Sergio Freire, professor de linguística, em seu livro *Amazonês – expressões e termos usados no Amazonas* (2017), e que também se tornam parte do vocabulário desses artistas parintinenses.

E esses termos, me fizeram refletir profundamente, pois estava tomando contato com as questões relativas à teatralidade, e percebi que ela era cabível nesta pesquisa para fundamentar o percurso que os brincantes fazem na época do festival, desde a sua saída da cidade de origem – nessa situação eu me coloco como esse brincante e minha saída da cidade de Manaus-AM – até ao evento no município de Parintins.

E o que seria essa “cênica do boi” ou esse “jogo cênico na arena” para esses artistas dos Bois-Bumbás?

Quando entrevistei o artista Juarez Lima, membro do conselho de arte do Boi Caprichoso e responsável pela confecção de um dos carros alegóricos do Festival Folclórico de 2017, percebi que esses termos fluíam no seu falar. Exemplo disso, foi quando perguntei sobre a dinâmica da criação dos artistas do boi, a partir do tema já estabelecido, e ele me respondeu que:



Após o conselho definir o tema, um grande corpo técnico e artístico entram em cena, como por exemplo: o grupo da sonoplastia; que vai receber todas as informações necessárias para que aqueles atos aconteçam; o grupo das cênicas: que vai adquirir informações que serão importantes para aqueles quadros cênicos que serão interpretados dentro da arena, onde envolve os figurinistas, iluminadores, profissionais que trabalham com projeções e técnicas mecanizadas. Portanto, mesmo que usamos uma peça repetida, as pessoas não conseguem enxergar, pela beleza da plasticidade, da dança, da musicalidade, da coreografia, enfim, toda obra que vai para arena é um jogo coletivo (LIMA, 2017).

Lima (2017) ainda traz relatos interessantes sobre a festa de Parintins, fala da importância que as artes tiveram para que o festival seja hoje um espetáculo cultural, com identidade própria, única. Um teatro inspirado nos grandes teatros gregos, uma ópera cabocla, com influências artísticas mundiais. E dessa forma o artista vai costurando o seu pensamento sobre a arte desenvolvida na cidade.

Ele ainda complementa que o festival é um teatro de batalha artística, de dramatização, de teatro, de música, de dança e expressões únicas; um espetáculo de autenticidade cabocla e indígena. E isso faz o espetáculo ser diferente, influenciando hoje, diversas cidades do Amazonas e Pará. E conclui: “o espetáculo já não pertence mais a Parintins e sim a toda a cultura brasileira, sempre se renovando nas diferentes linguagens artísticas, tornando-se único e diferente” (LIMA, 2017).

Outro artista, que é importante pontuar, é o coordenador da Comissão de Arte do Boi Garantido, Fred Góes. Em sua fala na entrevista que realizei com o mesmo em 2017, estão intrínsecos termos como: plasticidade, composição cênica e outros, que irão aparecer nesta pesquisa. Essa entrevista se deu após o festival. Perguntado ao artista sobre qual era a sua visão do espetáculo apresentado pelo seu boi (Garantido), naquele momento.



Na minha ótica, como artista, nunca vejo o festival pelo resultado dos jurados, vejo por aquilo que idealizamos e do que foi executado na arena, esse olhar é o que mais me interessa a nível artístico. A vitória é importante para o boi, pois faz com que tenhamos uma projeção maior a nível midiático, tem coisa que com a vitória se torna mais fácil, mas em termos cênicos é o que me interessa, o que me alimenta para recomeçar no ano seguinte, o novo processo de criação dos novos espetáculos para as três noites do festival (GÓES, 2017).

Na citação, Fred Góes afirma: “[...] mas em termos cênicos é o que me interessa”. E a partir de todo o contexto que ele me apresentou na entrevista, posso afirmar que se referiu diretamente ao espetáculo desenvolvido nas três noites do festival, pois corresponde ao ato de representação, composição e estratégias adotadas pelo Boi Garantido, os quais corresponderam às expectativas do artista, o que ele confirma quando diz, logo a seguir, que: “este ano foi muito positivo para o Garantido, alcançou o time do jogo na arena, a dinâmica funcionou, porém, não entendemos a cabeça dos jurados” (GÓES, 2017).



Os termos que reverberaram nos discursos desses dois brincantes, me levou mais adiante, mais precisamente na apresentação dos Bois-Bumbás, a dialogar com o pensamento de Huizinga (1996). O autor coloca como fatores inerentes ao jogo: ele acontece em um lugar determinado, em um tempo determinado, e é livre, ou seja, o jogador não é obrigado a jogar, ele escolhe jogar. Na apresentação do Festival de Parintins encontramos tudo isso: o evento se instala na cidade de Parintins e em lugar determinado: o Bumbódromo. E ocorre em um tempo próprio: a semana do Festival – o último final de semana de junho, durante três dias. É importante ressaltar que o tempo e o espaço que o festival proporciona aos brincantes é mais amplo do que os três dias de apresentações, já citado, exemplo: muitos brincantes chegam dias antes do evento acontecer, esses têm o privilégio de participar mais de perto dos ensaios que acontecem nos currais dos respectivos Bois, preenchem os bares, lanchonetes, praças, etc., com suas alegrias. Assim como eu, esses brincantes procuram ir antes, para poder desfrutar com mais sabor o que a festa proporciona, estão por opção própria e porque sentem prazer de participar do evento.

Huizinga (1996) continua, o jogo busca a conquista de um objetivo: nesse caso, o Boi-Bumbá sempre vai atrás da vitória, esse é seu principal objetivo, “além dos trabalhos artísticos desenvolvidos [TUPINAMBÁ] o Boi vive de conquistas, precisamos de vitórias para termos acessos a outras coisas [...] (informação verbal)<sup>58</sup>.

Todo jogo está sujeito a um conjunto de regras (HUIZINGA, 1996), quando o autor traz esse elemento, percebo que essa regra estabelecida por ele, está muito além do Regulamento do Festival que pauta a competitividade nos três dias de apresentação. Essas regras estão presentes em cada item que se apresentam na arena, exemplo: o item 19 – Galera – não pode se manifestar quando o boi contrário está em cena, possui consigo adereços que só podem serem usados em momentos precisos, as coreografias executadas nas arquibancadas são imitações de outros brincantes que são posicionados em lugares estratégicos na visão de todos que compõem a Galera, devem estar sempre prontos a responder ao chamado do seu Apresentador e isso ocorre corriqueiramente durante as duas horas e meia nas três noites. No auto do boi, esta regra é bem expressiva, apesar da junção da cultura indígena/cabocla, os personagens do Pai Francisco, Mãe Catirina e Gazumbá (Cazumbá), alicerces do folclore, não podem deixar de existirem no evento.

Já na cidade de Parintins, essas regras criam ordens, nos currais como por exemplo, pude presenciar que as músicas do contrário em hipótese alguma podem ser tocadas e, entrar com as cores diferentes do boi dono do curral é expressamente proibido. Nos dias das apresentações no Bumbódromo, os brincantes que querem participar como item Galera sempre chegam mais cedo, enfrentam as filas, para receberem os adereços e pegar lugares mais cômodos para assistir o seu boi, e para mim, isso é prazeroso.

<sup>58</sup> Informação fornecida pelo Presidente do Boi Caprichoso, Babá Tupinambá, em uma reunião com torcedores, quando estava concorrendo a eleição o qual foi eleito (Manaus-AM) no ano de 2016.

Usando os conceitos de Huizinga, quando afirma que “o jogo não é vida “corrente” nem vida “real”. Pelo contrário, trata-se de uma evasão da vida “real” para uma esfera temporária de atividade com orientação própria” (1996, p. 11), essa é a segunda característica do jogo, colocado pelo autor, que envolve atividades diferente da vida real. Dessa forma, chego a teatralidade, foco desta pesquisa, o qual vai me permitir formas de organizar a representação e dialogar entre o real e a ficção, o espaço cotidiano e o espaço de representação e também, perceber as transformações e os acontecimentos no próprio evento (FÉRAL,2003). Portanto, identificar a teatralidade no 52º Festival Folclórico de Parintins é “considerar a representação em movimento, ou seja, durante o tempo que está acontecendo o evento” (CORNAGO, 2008). Josette Féral revela que na representação teatral o ator está envolvido em um jogo de atrito, “entre códigos e fluxos, entre simbólico e semiótico, entre caos e ordem (2003, p. 45) e o ato de detectar essa fricção (termo usado pela autora) ou atrito é a teatralidade. Féral ainda pontua:



Para chegar a uma definição da teatralidade, digamos que ela seja um resultado de um ato de reconhecimento por parte do espectador. Foi inscrita pelo artista no objeto ou no evento que o espectador olha pelo filtro de procedimento que se pode estudar (distanciamento, ostensão, enquadramento, por exemplo). Para o espectador, o reconhecimento desses procedimentos é a primeira etapa de um processo de percepção que opera uma série de clivagens nas ações oferecidas a seu olhar, que lhe permite reconhecer a existência da teatralidade (FÉRAL, 2015, p. 108).

Corroborando com a autora, Cornago (2008, p. 22) pontua que “quanto mais esse olhar se torna presente na representação do ator, na representação plástica ou literária, mais teatral a consideraremos”.

E é a partir desses apontamentos que pontuo nesta pesquisa, a importância que a teatralidade traz para responder questões inerentes do Festival Folclórico de Parintins e a participação dos brincantes nesse jogo de representação.

Uma vez que o espetáculo é extremamente competitivo não basta apenas estar de corpo presente nas arquibancadas, o brincante joga, participar, interage com os demais, canta, usa os adereços quando são necessários, enfim, envolve-se e colabora com a cênica que está acontecendo na arena e isso lhe causa prazer.

Suas ações são importantes para o boi, para a competição. Se um brincante senta, o outro que está do seu lado, logo chama a sua atenção. Exemplo disso foi o que sucedeu comigo, no segundo dia das apresentações (01 de julho de 2017). Já tinha se passado mais de uma hora e meia de espetáculo, e resolvi sentar. Não tinha notado que do meu lado havia um senhor, creio que aproximadamente de setenta anos, com uma bandeirola azul em suas mãos. No momento que eu sentei, senti um toque pesado em meu ombro, olhei para cima. Era esse senhor; não me disse uma palavra, apenas me olhou fixamente. E com esse olhar “mandou” eu me levantar. Entendi a sua mensagem e retornei a brincar,

com mais energia e empolgação. Lição de um brincante ancião. Pena que não o vi mais.

O diretor e encenador russo Nicolás Evreinov<sup>59</sup>, fala sobre a existência de um instinto teatral inerente aos animais superiores, sendo o ser humano o mais apto a desenvolvê-lo em modo reflexivo. Ele diz:



Refiro-me ao instinto de transfiguração, o instinto de opor as imagens recebidas de fora, imagens arbitrariamente criadas de dentro; o instinto de transmutar as aparências oferecidas pela natureza em algo distinto. Em resumo, instinto cuja a essência se revela no que eu chamaria de 'teatralidade'<sup>60</sup> (EVREINOV, 1956, p. 35).

Partindo desse pressuposto e parafraseando Max Weber, citado em Santos (2012), busco pesquisar os traços de teatralidade no Boi de Parintins, em minha pesquisa, não como uma ciência experimental em caçar leis e sim como uma ciência interpretativa a pescar significados.

Para deixar claro a metáfora aqui utilizada: como caboclo, a partir da experiência vivida ao lado de parentes<sup>61</sup> ribeirinhos que diariamente em sua labuta, buscam seu sustento em suas caçadas e diante das circunstâncias que os envolvem, percebo que eles precisam de um conhecimento específico para o caminhar nas densas matas fechadas dos biomas amazônicos, fazer a espera<sup>62</sup>, se orientar e saber o momento certo de finalizar sua busca, dialogando com a paciência e o silêncio, para o sucesso da caçada. O mesmo vale para a pesca, técnicas totalmente diferentes, ensinadas para as crianças no dia-a-dia, na popa da canoa<sup>63</sup>. A manipulação dos utensílios utilizados em uma pescaria é uma arte, lançar uma tarrafa<sup>64</sup> é um trabalho de sincronia que leva tempo, atirar com arpão requer precisão e destreza e interpretar a natureza é uma vida.

Portanto, é com a mesma paciência de obter sucesso em uma caçada e/ou a mesma sincronia em uma pesca que pretendo buscar nestas metáforas a compreensão das minhas reflexões e a interpretação da teatralidade.

Desde o início do século XX, a teatralidade vem marcando a reflexão teatral nas mais diversas linguagens artísticas. É importante ressaltar a reflexão que a autora e pesquisadora Josette Féral (2015) faz dos grandes artistas Stanislavski e Meyerhold, sobre tal assunto. Segundo a autora, Stanislavski

<sup>59</sup> Nicolás Nicolaievich Evreinov, nascido em Moscou em 1879, autor de uns quarenta volumes sobre teoria e realização dramática, influenciou toda uma geração de autores e diretores em seu país e fora dele.

<sup>60</sup> El hombre tiene un instinto de inagotable vitalidad, acerca del cual ni los historiadores, ni los psicólogos, ni los estetas, jamás dijeron la menor palabra hasta ahora. Me refiero al instinto de transfiguración, el instinto de oponer a las imágenes recibidas desde afuera, las imágenes arbitrarias creadas desde dentro; el instinto de transmutar las apariencias ofrecidas por la naturaleza, en algo distinto. En resumen, un instinto cuya esencia se revela en lo que yo llamaría la "teatralidad" (tradução deste pesquisador).

<sup>61</sup> Forma de tratamento para se falar com alguém. Equivale a mano (FREIRE. 2017, p. 97).

<sup>62</sup> Método utilizado pelos caçadores para esperar uma caça, geralmente em cima de uma árvore, próximo de onde o animal vai se alimentar.

<sup>63</sup> Embarcação para transporte nos rios (FREIRE. 2017, p. 44).

<sup>64</sup> Pequena rede de pescaria (FREIRE. 2017, p. 114).



Tinha como objetivo fazer o espectador esquecer que está no teatro, o termo “teatral” tornou-se pejorativo no Teatro de Arte de Moscou. A verdade da peça depende da proximidade entre o ator e o real a ser representado. A teatralidade aparece aí como um desvio em relação a verdade, um excesso de efeitos, um exagero de comportamentos que soam falsos e estão distantes da verdade cênica. (FÉRAL, 2015, p. 96).

Em oposição, ainda segundo Feral, Meyerhold defende que:



A cena deve manifestar-se por meio do realismo grotesco, realismo que refuta as teses naturalistas em todos os pontos. A teatralidade é o ou são os procedimentos por meio dos quais o ator e o encenador fazem com que o espectador jamais esqueça que está no teatro e que tem, diante de si, um ator em pleno domínio de seus meios, interpretando um papel. (FÉRAL, 2015, p. 96).

Nesse sentido, a autora aponta que não há assuntos mais ou menos teatrais que outros e sim diferentes processos de representação, sendo este último o foco da discussão sobre teatralidade.

Considerando o processo de representação no festival, observo e participo da teatralidade intrínseca na cidade, a partir da semana que antecede o evento, narrando aqui muitas das minhas experiências, criando metáforas, fantasiando e inventando “esteticamente novos espaços e tempos” (JUNQUEIRA, 2014).

Descrever os caminhos até o festival, para mim, foi a forma de organizar meus pensamentos, pois mesmo que eu já tenha feito esse trajeto várias vezes, nenhum foi igual ao outro, pois o movimento que o festival proporciona nas representações está diretamente ligada a teatralidade, ou seja, as ações movidas para o acionamento desta, é inerente deste evento pesquisado. Para esta pesquisa, faço referências ao mais novo trajeto, do ano de 2017, e tento não ser influenciado pela memória que resta em mim de outros anos, pois a ideia deste capítulo é deduzir das minhas experiências das viagens a Parintins, um diálogo com a teatralidade. Pois como Ferál pontua:



A teatralidade não aparece como uma propriedade, mas como um processo que indica “sujeitos em processos”: aquele que é olhado – aquele que olha. É um fazer, um vir a ser que constrói um objeto antes de investi-lo. Essa construção é resultado de uma dupla polaridade, que pode partir tanto da cena e do ator quanto do espectador (FERÁL, 2015, p. 87).

Partindo desse pressuposto, dos “sujeitos em processos” citado pela autora, convi-do você leitor para alçar as velas e iniciarmos o jogo dos brincantes em direção a ilha de Parintins.



## 2.1. O algar das velas

Se a teatralidade é produzida essencialmente pelo olhar do espectador e se considerarmos que o espectador foi informado e está consciente do evento teatral em questão, podemos então afirmar que essa teatralidade não se limita ao momento da representação, mas começa muito antes.  
Thomas, 2016.



FIGURA 27 – Brincante em Viagem – Fonte: O Autor

Propondo-me a compreender a preparação do sujeito diante do imaginário da festa do Boi-Bumbá, vale frisar que minhas observações se fazem não só durante as três noites de apresentação do Boi, mas a partir do momento em que o brincante/viajante se dirige de Manaus a Parintins, via fluvial<sup>65</sup>, como já citado na introdução.

Assim, do porto de Manaus, em frente à igreja e sob as bênçãos de Nossa Senhora dos Remédios, incorporo-me a centenas de viajantes que se entrelaçam uns aos outros entre as cores Azul e Vermelho, cocares<sup>66</sup> e penas pelo corpo, um sobe e desce que percorre os barcos em uma coreografia exuberante, em busca da embarcação mais enfeitada e animada, pois serão aproximadamente 18 horas de viagem descendo o rio.

Estes brincantes/viajante/espectadores são em grande maioria de Manaus, mas é comum ver pessoas de outras partes do Brasil e até mesmo do exterior. Muitos nunca tiveram contato com elementos culturais da região (BRAGA, 2002); porém agora, estão todos ali, disputando um pequeno espaço da embarcação para guardar sua bagagem e atar sua rede.

<sup>65</sup> Há outras maneiras de adquirir pacotes de viagens, em agências especializadas em turismo, mas o relato acima traz a primeira observação sobre o que percebo como teatralidade na Festa do Boi de Parintins e que atinge o observador ou brincante/visitante, antes da apresentação, ao seguir pelo rio.

<sup>66</sup> Adorno usado por indígenas na região da cabeça.

Bandeiras e bandeirolas tremulam na área de lazer, as toadas chamam atenção dos transeuntes, sintetizada no trecho da letra da toada abaixo:

O meu canto vem da minha melodia  
Traz a minha inspiradora poesia  
Este povo que te canta com alegria  
Tem a sina de ser campeão, a força da Celebração  
Caboclo de pé no chão, da Baixa do meu São José  
É povão, tradição de coração essa paixão  
Sou da Galera, sou da Galera, sou Garantido... o maior campeão  
(GARANTIDO, 2016)

Com isso, vendedores de passagens fluviais se transvestem com as cores dos bois e, como no Teatro de Rua, disputam com as adversidades do local – gritos, cães latindo, bêbados e outros – a atenção dos possíveis passageiros. Uma vez feita a conquista, os passageiros são levados à embarcação, onde lhes é apresentada a programação da viagem e também são dadas algumas informações como a alimentação, se haverá um grupo musical, fatores importantes que favorecem ao clima do festival.

FIGURA 28– Brincante em Viagem – Fonte: O Autor





Depois de escolher o barco e de bailar entre os mais variados modelos e cores de redes<sup>67</sup>, compro minha corda de sisal com um vendedor ambulante. Aliás, enquanto a embarcação não desatraca do porto, vendas de produtos como: óculos, cordas para redes, comidas e outras bugigangas são oferecidas livremente para os viajantes. Chego ao terceiro andar, por volta de 12:00 horas do dia 26 de junho de 2017. Alguns parentes e amigos já se encontram no local. Após atar a minha rede, debruçado sobre o corrimão do barco, reflito sobre minha pesquisa, tento recriar ideias que possam me mostrar algo, continuo a observar, pois “olhar para eles me liberta de mim mesm[o] porque os recrio a cada novo contato. Ao mesmo tempo, imprimem significados em mim” (COLLA, 2013, p. 37), e isso é fascinante.

A partir daqui de onde estou percebo, já nesse momento da viagem, o encontro entre o espaço do cotidiano e o espaço da representação que segundo Féral (2015), faz parte da teoria das três clivagens elaborada pela autora para situar a teatralidade:



A primeira clivagem que o olhar do espectador realiza separa a ação ou o sujeito observado do espaço cotidiano que o rodeia. Assim, isola a ação de seu entorno e, dessa forma, consegue localizá-la em outro espaço. Onde a representação pode surgir. Sabemos que, sem essa ruptura no espaço, a ação (até então inseparável do real) não pode dar lugar a ficção. Graças a essa transformação inicial, o espectador percebe que o evento que testemunha pertence a outro espaço que não o cotidiano (FÉRAL, 2015, p. 109).

Dessa maneira, o viajante – a quem tratarei de agora em diante de brincante/visitante – já em sua respectiva embarcação e “liberto” do seu dia-a-dia, começa a reconhecer “o caráter ficcional daquilo que se oferece a seu olhar” (FÉRAL, 2015, p. 109). O jogo acontece, pois, quando este se propõe a participar do evento, do Festival Folclórico de Parintins, ele já aceitou voluntariamente estar no jogo de acordo com suas regras, e “são estas que determinam aquilo que “vale” dentro do mundo temporário por ele circunscrito” (HUIZINGA, 2000, p. 12).

Quando o brincante se encontra nesse mundo ficcional, ele se deixa envolver pelos acontecimentos que a festa proporciona para ele. A tradição festiva (de Parintins) passa a fazer parte desse cotidiano, mesmo que seja por um curto período de tempo, transportando-o para um “segundo mundo e uma segunda vida” (BAKHTIN, 1999, p. 5). O autor também afirma que é nesse espaço/tempo que os homens se desvencilham do seu eu cotidiano, ou seja, do primeiro mundo, ligado as necessidades de sobrevivência humana e a responsabilidades relacionados a trabalhos em função da sociedade capitalista, para viver em plena liberdade permitida nesta festa.

Ainda corroborando, quando coloca a visão carnavalesca do mundo, o autor afirma:

<sup>67</sup> Rede de dormir é um tipo de leito constituído de um retângulo de tecido ou malha e suspenso pelas duas extremidades, seu uso é bastante antigo, herdado dos indígenas brasileiros.



O indivíduo parecia dotado de uma segunda vida que lhe permitia estabelecer relações novas, verdadeiramente humanas, com os seus semelhantes. A alienação desaparecia provisoriamente. O homem tornava a si mesmo e sentia-se um ser humano entre seus semelhantes. O autêntico humanismo que caracterizava essas relações não era em absoluto fruto da imaginação ou do pensamento abstrato, mas experimentava-se concretamente nesse contato, vivo, material e sensível. O ideal utópico e o real baseavam-se provisoriamente na percepção carnavalesca do mundo, única no gênero (BAKH-TIN, 1999, p. 09).

São precisamente 20:00 horas, tempo suficiente para os atrasados chegarem, já que muitos saem de seus trabalhos direto para o porto. Lentamente, as embarcações vão se desvencilhando das amarras das balsas – local onde ficam atracadas – para deslizarem sobre os misteriosos rios que compõem o poderoso Amazonas. Aqui o posso afirmar o início do jogo pontuado acima: fogos de artifícios soam como música aos milhares de brincantes ociosos, dando um até logo aos movimentos frenéticos da capital da floresta.

As toadas evocam alegria sobre as águas do Rio Negro; o volume e euforia dos brincantes só tende a aumentar. Dormir é o que menos se faz no traslado a Parintins. Uma parada no posto de fiscalização da Marinha do Brasil. São desligadas as aparelhagens de som. Todos descem, uma contagem é efetuada. Nessa época, as fiscalizações são intensificadas. Liberados, retorna a festa embarcada.

Ao balanço dos banzeiros, as luzes da grande cidade se vão. As estrelas saúdam os viajantes. A partir do encontro das águas<sup>68</sup> não é notada a cor barrenta do imponente Rio Solimões diante da escuridão do céu. Apenas pontos luminosos e coloridos na imensidão do rio; são dezenas de embarcações percorrendo o mesmo caminho. “Ao som da toada, embalada, esse ritmo a dança e o balanço me calma” (CAPRICHOSO, 2012). É com esse balanço que os brincantes cantam e dançam pela noite.

Em meio à excitação festiva, alegria, sonhos, dor, satisfação, esperança, coragem, tristeza, embriaguez, felicidade, as toadas misturam-se. Apesar das provocações, agora tudo tem uma só cor, a cor da alegria e comunhão entre brincantes.

E nesse calor de felicidade e ansiedade, amizades feitas e intrigas apaziguadas, os brincantes/visitantes percorrem em coreografias dançantes, ao ritmo do dois-para-lá e dois-para-cá, todo o espaço da embarcação, em um notável frenesi de toadas que acompanham o ritmo envolvente da Ilha.

Me encontro em meio a essa plenitude. A cada música, um novo sentimento se manifesta. As toadas mais antigas são mais apreciadas, mais dançadas e cantadas<sup>69</sup>. As sequências das músicas, propositalmente, provocam outra emoção, seguindo um ritmo azulado por algum tempo e, quando o vermelho entra em cena, o público se exalta, cantam o mais alto que podem, como se fosse um grito de guerra, uma intimidação benigna para os brincantes do contrário.

<sup>68</sup> Fenômeno que acontece entre o rio Negro de água preta e o Solimões de águas barrentas, onde as águas dos dois rios correm lado a lado sem se misturar por uma extensão de mais de 6 km.

<sup>69</sup> Reflexo do Boi-Bumbá, que teve seu auge na década de 90, quando a grande maioria das casas de eventos tinha em seus repertórios ‘o momento da toada’.



Entramos pela madrugada, muitos já estão dormindo. A festa não para; a bebida é consumida em demasia; pequenos grupos são formados, e o assunto, claro, é sobre o Festival. “Especialistas” em Boi-Bumbá manifestam-se: teorias, suposições e hipóteses surgem entre as conversas, “o Garantido é o Boi mais aguerrido”, fala em voz alta um dos brincantes/visitantes, “Também, roubando!”, retruca o outro. E nesse embalo de razões delirantes, propiciado pelo consumo excessivo de álcool, seguimos cantando.

Podem me prender e até me deportar  
Pra longe do seu coração, mais nada irá nos separar  
Sem seu amor, a vida não é nada  
Não interessa o pôr do sol  
Perto de você eu sou muito mais Eu  
E nada não é tão vulgar, quanto parece sem você  
Só, só é mesmo impossível, fazer o sonho vir a luz  
Eu sou seu amor e de você eu nunca vou me separar  
Me programei pra vida inteira não me interessar  
Por outros sentimentos e carinhos que não sejam seus  
O amor está no ar  
(SILVA, 1998)<sup>70</sup>

Já é dia, a Alvorada amazônica traz a neblina sobre o rio calmo e sereno, apresentando aos viajantes o seu bom dia. Aos poucos os brincantes vão despertando; o cheiro do café quente é um elemento para avivar o dia. As típicas tapiocas e o bolo de milho que já estão na mesa, além da companhia dos anciãos parintinenses que, reservados em seus movimentos e em suas expressões, não demonstram, mas, estão na mesma euforia para pisar na Pachamama<sup>71</sup>, complementam o amanhecer.

Uma grande fila se forma como cobra grande esperando a presa. Poucos sentam à mesa para deleitar o seu café; geralmente pegam e caminham para a rede, morada momentânea. Outros nem levantam, reflexo da noitada. São 10:00 horas e os primeiros acordes já se instalam na área de lazer. O público chega acanhado; algumas mulheres aproveitam o tempo e o sol para se bronzear. Não demora muito para os festeiros iniciarem seus rituais, o momento agora é de desfilar com as coloridas roupas de banho e deleitar-se sob o chuveiro com as águas barrentas do Amazonas.

No início da tarde, “vejo no horizonte, o verde que desbota na distância que existe entre a mata e o homem<sup>72</sup>” (GARANTIDO, 2011). Um ponto vermelho e branco é avistado. São as cores da bandeira presa em um gigantesco mastro, do lado direito de quem olha, marcando o território da Cidade Garantido<sup>73</sup>. Ao centro, a torre da igreja Nossa Senhora do

<sup>70</sup> Toada O Amor está no Ar. Composição: Chico da Silva (1998).

<sup>71</sup> Mãe terra para o povo Inca (CAPRICHOSO, 2017).

<sup>72</sup> Toada Geração Garantido, faixa 08, CD Miscigenação. Compositores: Emerson Faria Maia – Boi Garantido 2011.

<sup>73</sup> Uma grande área, onde se encontram o barracão, o curral e o setor administrativo.

Carmo<sup>74</sup>, e só depois é possível avistar a bandeira do Boi Caprichoso, Azul e Branco, pois o seu curral fica praticamente no final da ilha, no bairro da Francesa.

No barco, os brincantes/visitantes ainda no ritmo das toadas, esperam a embarcação se aproximar. Quanto mais perto chegamos, mais evidente vai ficando o quão a rivalidade de cores está enraizada na cidade. Já próximo a atracar no porto de Parintins, uma recepção calorosa de fogos e gritos, de inúmeras embarcações que chegam uma a uma, feito uma procissão sobre as águas. Mais um pouco de espera: a Capitania dos Portos conduz e determina o local de desembarque dos brincantes e, com total segurança, os pés sentem as raízes de um povo.

A apresentação desse percurso se justifica por sua importância em relação ao brincante/visitante, o qual, segundo Thomaz (2016), já se sente no espaço de apresentação. Ou seja, subentende-se que já existe um acordo: “[...] o espectador, por sua vez, percebe as fricções e tensões entre os diferentes mundos que a teatralidade coloca em jogo. Ele se vê forçado, pela própria situação, a ter um olhar diferente” (FÉRAL, 2011, p. 105). Importante ainda é destacar que esse brincante se depara com as primeiras interações com a apresentação espetacular e, portanto, as suas primeiras percepções do espectador (SAUTER apud THOMAZ, 2016).

<sup>74</sup> Padroeira da Cidade de Parintins.

## 2.2. Em solo tupinambá



FIGURA 29 – Orla de Parintins – Fonte: <http://brazildemuchilao.blogspot.com.br/2013/03>

Em terras Parintinenses minhas lembranças me tornam mais sensível, o cheiro de rio, do peixe frito, do gosto do tacacá da esquina, do calor dos amigos e o encontro com as cores. Emaranhados de sentidos e sentimentos que compõem a satisfação de estar ali. Isso é Parintins.

No porto, dou um até logo aos barcos que ficam perfilados ao lado um do outro, por falta de espaço. Para sair, os brincantes passam por dentro de outros barcos vizinhos, o que os obriga a ter um certo equilíbrio nessas pontes improvisadas. Uma verdadeira maestria corporal é desenvolvida pelos viajantes, numa caminhada onde obstáculos surgem e ressurgem. Para muitos brincantes, devido as constantes vezes que estiveram nessa situação, esses movimentos, tornaram-se parte do processo de desembarque na ilha.



### 2.2.1. O jogo dos brincantes/locais

A recepção é em clima de festa. Como imenso cenário a céu aberto, a cidade sofre uma metamorfose pelas mãos dos brincantes/locais, que já começa no próprio Porto Fluvial da cidade, exemplos dessas transformações são os estilizados portais colocados na entrada do Porto, saudando os visitantes, além de fogos de artifícios colorindo o céu, e mesmo os funcionários do local, que sempre estão com algum adereço que remete ao evento.

Nessa época, é comum ver pessoas andando nas ruas com cocares indígenas, casas pintadas nas cores do seu Boi, bandeirolas enfeitando as ruas, bares estilizados especialmente para a festa e muito som alto, tocando as toadas.

Na saída do Porto, os passageiros são aguardados por dezenas de triciclos – uma bicicleta com um bagageiro à frente, transporte muito utilizado pelo público festeiro. São veículos simples, mas possuem uma grande expressividade nos seus enfeites. Esses causam simpatia aos brincantes, que preferem os mais adornados, de preferência da cor do seu boi. É um veículo de tração humana; seus motoristas são homens, trabalhadores de meia idade, com semblantes sofridos, pois assim como em outros tantos lugares do Amazonas, essas pessoas são obrigadas a trabalharem desde muito cedo com seus pais, geralmente nas plantações ou na pesca, deixam de ir às escolas e com a falta de empregos na cidade, sobram-lhe poucas ou quase nenhuma opção de trabalho. Porém, apesar de tudo isso, são pessoas alegres e simpáticas, sempre dispostos a contribuir com os que não conhecem a cidade. Talvez seja isso, também, que os tornam um meio de locomoção tão agradável.

FIGURA 30 – Triciclo ornamentado de vermelho – Fonte: O Autor – 2017





As observações são intrínsecas a esse lugar. Segundo Féral (2003), o reconhecimento de objetos, signos, gestos e acontecimentos, direciona esses brincantes à teatralidade da cidade, ou seja, ele conhece que ali há o mesmo clima que encontra quando vai a um teatro.

Num grande aglomerado de pessoas transitando pela cidade, o Azul e o Vermelho já delimitam o espaço da brincadeira. Não há meio termo na festa dos bois. Pois desde o Porto de Manaus, onde o brincante já entra no espaço da ficção até a cidade de Parintins, quando, inconscientemente, ele faz um acordo com o mundo proporcionado pelo Festival, já se encontra fisgado pela teatralidade (THOMAZ, 2016).

Logo, a intenção por parte da cidade de Parintins de preparar o seu espaço permite ao visitante se desprender do cotidiano para imergir no encanto da encenação. “Todo gesto intencional pode ser interpretado como um ato performativo, pertencendo ao ritual teatral que provoca a clivagem entre o espaço cotidiano e o espaço de representação” (THOMAZ, 2016, p. 322).

Com os pés firmes na densidade da ilha, mergulho em sentimentos repentinos de admiração, alegria e emoção. Orgulhoso de um evento que tem a facilidade de se renovar, recriar, ressurgir, reencenar e solidificar laços através dos seus brincantes visitantes, locais e artísticos, sigo o percurso para os espaços dos bois, os barracões, onde devo tentar entrevistar os brincantes.

No entanto, nesses lugares, desconfiar de estranhos que rodeiam os barracões é motivo suficiente para intrigas entre as Associações e principalmente, ter alguém, mesmo com autorização, fazendo perguntas aos brincantes artistas, dias antes do festival, não tinha aprovação por parte de alguns artistas. Assim, não consigo cumprir com essa tarefa.

Em função disso, traço outros rumos para a pesquisa de campo. Sabendo que não conseguiria realizar entrevistas mais sólidas com os artistas que estavam empenhados no fazer, no construir e imaginar o festival decido-me por apenas observar e registrar o que estava acontecendo na cidade, no movimento entre os brincantes, nas conversas informais, enfim, gerando assim, de maneira informal, materiais muito pertinentes produzindo por quem está de corpo e alma na festa dos bois.

Com uma máquina fotográfica na mão, saio pelas ruas de Parintins e a frequentar os lugares considerados pelos brincantes como o puximum, quer dizer, o ponto de reunião, de encontro, observando e conversando com alguns brincantes. Me deparo com um grupo de compositores, em frente à Catedral Nossa Senhora do Carmo, que declaram estar ali para ver e ouvir suas canções evoluírem na arena e pergunto para aos mesmos: O que o festival representa para vocês? Essa pergunta me serviu de base para iniciar as conversas com os transeuntes festeiros. Obtive respostas interessantes, como por exemplo a do compositor Amaury Vasconcelos, que com brilho nos olhos e o peito cheio de orgulho me revela que:



O festival representa para mim, a oportunidade de poder prestigiar a grandeza de dois grupos folclóricos, os mesmos que levam a milhares de pessoas um verdadeiro espetáculo a céu aberto, onde o apresentador te leva aos encantos e mistérios de diversas histórias e lendas amazônicas. Onde a musicalidade te faz viajar em uma grande encenação e exaltação à cultura popular, fazendo despertar sentimentos de alegria e prazer, onde grandes alegorias e artesãos dão vida ao imaginário, trazendo para a arena a oportunidade de viajar em um mundo encantado (VASCONCELOS, 2017)<sup>75</sup>.

Já Luciano Canavarro, outro compositor, que já emplacou três toadas nos anos anteriores, diz:



É uma oportunidade de conhecer de perto a nossa cultura e principalmente, fazer parte do maior folclore do brasileiro, é algo que marca. Além de conhecer a cidade de Parintins e seu povo, ver de perto a massa em azul e vermelho é fantástico.

Em cada festival, conhecemos e renovamos sempre as amizades. O festival representa muito nesse contexto; além das batalhas das cores, a amizade vem sempre em paralelo à festividade. Quero sempre, em cada festival, aprender mais, para as novas criações musicais, captar ideias que venham nos inspirar a cada ano. O festival é isso, brincar, família e amigos (CANAVARRO, 2017)<sup>76</sup>.

Luciano Silva, torcedor fanático do Boi Garantido, expõe suas emoções quando fala do festival, revelando que:



Representa parte da minha vida. Só de chegar na ilha é possível sentir o frisson e junto a contemplação do orgulho e privilégio de participar ao longo desses anos, trazendo a importância de reafirmar nossos valores e tradições através de momentos maravilhosos como a dança das tribos, os costumes de um povo e seus rituais.

Sou um defensor do festival; sempre fui e serei vermelho, mas hoje defendo o festival no geral, pois existem, nos dois lados, os sonhos, as emoções e a vontade de vencer. É isso que me encanta na badalada Parintins (SILVA, 2017)<sup>77</sup>.

As emoções afloram nas respostas dos brincantes, seja ele azul ou vermelho. O orgulho cultural vem carregado de paixões pelo seu boi, algo em comum na dualidade que representa o festival, ou seja, uma rivalidade que se une de forma valorosa e defensora quando o assunto é a Festa de Parintins.

Tal sentimento é escancarado nas palavras do brincante batuqueiro do boi vermelho, Adriano Xavier:



Nós, Garantido, respeitamos o contrário. Fui torcedor, brinquei na arquibancada, hoje sou batuqueiro. A rivalidade fez com que nossa festa fosse conhecida pelo mundo. Parintins é uma ciúmeira só, valorizado, Parintins é Parintins, Parintins para o mundo ver. Parintins é o berço da cultura, que traz o visitante de todo Brasil. Muito obrigado meu Deus, por ser Parintins (XAVIER, 2017)<sup>78</sup>.

<sup>75</sup> VASCONCELOS, Amaury. Entrevista concedida a este pesquisador. Parintins – AM, 29 de junho de 2017.

<sup>76</sup> CANAVARRO, Luciano. Entrevista concedida a este pesquisador. Parintins – AM, 29 de junho de 2017.

<sup>77</sup> SILVA, Luciano. Entrevista concedida a este pesquisador. Manaus – AM, novembro de 2017.

<sup>78</sup> XAVIER, Adriano. Entrevista concedida a este pesquisador. Parintins – AM, agosto de 2017.

O batuqueiro demonstra, com emoção em suas palavras, muito orgulho em ser parintinense. Dessa forma, vejo que fazer parte deste lugar, principalmente nos dias que acontece o festival, é estar em um ambiente fora do cotidiano, mas tão intrínseco, que só estando nessa comunhão festiva que se pode sentir essa intimidade entre o eu e a cidade. Roberto da Mata contribui:



No cotidiano vivo uma ordem que me diz: conheço as pessoas na porta; vou para uma sala de jantar, onde comemos, e depois vou para um quarto dormir. Já numa festa, todas essas ações (e muitas outras) podem acontecer simultaneamente sem haver uma separação entre elas e os espaços onde normalmente ocorre (DA MATTA, 1997, p. 42).

Parintins é essa simultaneidade de ações que Da Matta (1997) apresenta, um deslocamento promovido pelas atividades do festival daquilo que ele chama de “espaços normais” para unir, temporariamente, os mais diversos personagens do cotidiano – o de casa, o da rua, o da igreja, o do centro espírita – a um relacionamento que só a festividade pode proporcionar. “Pois, a festa é um dos mecanismos mais importantes para relacionar esses domínios segregados e afastados uns dos outros” (DA MATTA, 1997, p. 106).

Junqueira reitera esse diálogo:



Todo indivíduo tem necessidade de compor e se transformar através de sua Teatralidade. Na vivência do cotidiano, todos teatralizam pelos diversos cantos: nas ruas, cidades, nos diferentes lugares e igualmente aguardam seus semelhantes, que podem ser um espectador, um cliente, um comprador ou uma companhia para dar sentido a sua vida (JUNQUEIRA, 2014, p.74).

E é esse sentido que faz com que o festival seja tão admirado e frequentado, e que o torna um dos eventos mais importantes do calendário cultural brasileiro (FRANÇA, 2014).

Desço do triciclo, pago cinco reais pelo traslado – na semana do festival muitos produtos e serviços tem um aumento considerável. Na rua Caetano Prestes, muito frequentada pelos brincantes, estão localizados os bares mais famosos e antigos da cidade. De frente para o rio, a beleza é exuberante, o vento continuo é fascinante e as refeições típicas se tornam sabores singulares nesse lugar.

Mas, prefiro os lugares mais rústicos, os que me fazem lembrar da minha infância, como mencionado na introdução deste trabalho. É nessas barraquinhas que estão os meus atrativos, o peixe na brasa, as mesas e tamboretas (cadeiras) de madeira, a cobertura de lona, o calor da ilha e dos vendedores. Tudo isso que reinventa o meu cotidiano, esse prazer de lembrar e sentir o que outrora era apenas brincadeira, se energiza com mais vivacidade a cada ano, o que para Junqueira (2014) é chamado de teatralidade extravagante. Como afirma a autora:



A Teatralidade é uma expressão que deve ser entendida como algo que acontece para além do mundo do espetáculo. A Teatralidade é algo que reflete sobre o humano e sobre suas possibilidades de reinventar, de se transformar, se tornar múltiplo e desempenhar diferentes papéis que vão além do palco e em direção à sociedade (PARDO apud JUNQUEIRA, 2014, p.83).

Ainda na rua Caetano Prestes, lugar dos acontecimentos e envolvimento entre os brincantes, existem dois bares bastante frequentados na época do festival, o Bar Chapão e o Bar Comunas, que literalmente dividem os brincantes na orla, e ao mesmo tempo, unem suas alegrias, emoções e lembranças de eventos passados, um encontro do “arcaico” e do contemporâneo em plena rua. Sustentando esse pensamento, recorro a Da Matta, o qual coloca que:



O momento extraordinário nos transforma em seres exemplarmente coletivos: ou somos dupla ou somos torcida, partido, público, multidão. São essas possibilidades de transformação que criam focos diferenciados, fazendo com que se possa viver como algo novo, excitante ou rotineiro as diversas situações sociais (DA MATTA, 1997, p. 41).

Essa transformação coletiva que Da Matta defende é identificada dentro do jogo que a cidade proporciona, jogo esse que só existe com a dinâmica realizada pelos brincantes, sejam eles visitantes, locais ou artístico. Todos interligados em um só objetivo: fazer acontecer o espetáculo na arena. “Quando os participantes aumentam suas possibilidades de expressão e comunicação e multiplicam suas experiências no grupo, é porque eles desejam se entregar ao jogo” (RYNGAERT. 2009, p. 42).

Assim como os brincantes, os bois dependem do seu contrário, ou seja, do outro, para sua existência e evolução. Toda essa dinâmica só acontece porque existe a teatralidade, o jogo dramático realizado na cidade como um todo, seja nas ruas, nos bares ou no bumbódromo. Para melhor sustentar esse pensamento, me valho da afirmação de Féral:



Se estamos próximos de admitir que existe de fato uma teatralidade dos atos, dos acontecimentos, das situações e dos objetos fora da cena teatral, coloca-se, a partir daí uma questão de ordem filosófica, a da existência possível de uma transcendência da teatralidade (para falar em termos Kantianos) de que a teatralidade cênica seria apenas uma expressão [...]. Vista como estrutura transcendental, a teatralidade seria dotada de características nas quais o teatro poderia inscrever-se naturalmente. E seria justamente por existir a possibilidade de transcendência da teatralidade que haveria teatralidade em cena (FÉRAL, 2015, p. 89).

Sendo assim, o momento festivo em que a cidade se encontra, torna os brincantes em nômades festeiros, pois são conduzidos por diferentes lugares, dos mais tranquilos aos mais fervorosos. Como por exemplo os balneários que ficam mais afastados da agitação do centro da cidade.

No entardecer, saímos da orla e ganhamos a avenida Amazonas, mais precisa-



mente em frente à Catedral Nossa Senhora do Carmo, onde se encontram bares, barracas de produtos artesanais, de roupas e comidas. Um fluxo constante de pessoas, dividindo o espaço com veículos. Este mesmo lugar é onde praticamente todos os brincantes que frequentam o bumbódromo, se reúnem, após as apresentações. Passamos rapidamente, pois logo teríamos que encarar a grande fila para entrar na arena, então, vamos em frente.

## 2.3. O espetáculo acontece

No dia 30 de junho, sexta-feira, às 17 horas chego no Bumbódromo. As arquibancadas gratuitas já estão completamente lotadas pelos torcedores dos dois bois. Os portões abrem às 14 horas e as pessoas que já se encontram nas filas desde as primeiras horas do alvorecer tem a oportunidade de escolher os melhores lugares.

Entro na fila junto a centenas de brincantes loucos por um lugar dentro do teatro. Do lado Azulado é claro! Apesar de apertado, o espaço onde é feita a fila tem cobertura, fato que não se via em edições passadas. A fila segue como uma serpente humana pela rua Carambola, fazendo curva em frente do Skinão Lanche<sup>79</sup>, em direção à Avenida Nações Unidas. Com mais um grupo de amigos e parentes, na fila, em segundos percebo que não consigo mais ver o seu final, como demonstrado na foto abaixo.



**FIGURA 31 e 32** – Fila para entrar no Bumbódromo – Fonte: Alexandre Alcántara – 2017

O tempo passa, a euforia aumenta, a primeira apresentação inicia às 21 horas; os gritos da galera do lado de dentro é um convite para todos que se encontram parados nas filas. A passagem de som está acontecendo. A alegria se mistura a uma preocupação, a de assistir ao espetáculo desde o início, pois a razão de estar ali, este ano, não era apenas com o intuito de diversão, mas também, da pesquisa. Sabia que só poderia entrar se alguém saísse, ou seja, saindo dez, entrariam apenas dez, de acordo com a regra de

<sup>79</sup> O Skinão Lanches é um bar, que como tantos outros, tem seu maior faturamento na época do Festival, com vendas de sanduíches e muitas bebidas.

segurança estabelecida pela Polícia Militar, para evitar acidente com superlotações.

Ainda na fila, já com um grau de aflição elevadíssimo, saio e consigo com um amigo uma entrada para a arquibancada central. Alívio imediato. Corro pela rampa de acesso consumido pela ansiedade, e de cara sou “recebido” pelo grito da galera que está contracenando com um brincante. O primeiro Boi-Bumbá está iniciando sua apresentação – o Boi Garantido.

Hoje, ao ver os vídeos das apresentações, consigo observar momentos que passaram despercebidos aos meus olhos dentro da arena. Direciono o meu olhar para os diferentes atos que estão sendo executados, e são esses atos que pretendo mostrar a partir daqui, dialogando com a teatralidade viva e sentida na área.

Portanto, leitor, é daqui desse lugar que eu trago o jogo dos brincantes na festa dos Bois-Bumbás no 52º Festival Folclórico de Parintins. A análise do espetáculo das três noites vem do meu olhar como brincante/pesquisador, uma vez que, “eu sou esse rio, esse sol, essa terra” (CAPRICOSO, 1995), como bem colocou o compositor Ronaldo Barbosa na letra da toada do Boi Caprichoso, Rios de Promessas. São desafios que fazem parte de mim; sou o observador participativo, estou ligado diretamente com as evoluções que estão acontecendo na arena, brinco e canto, me emociono e me enraiveço – sentimentos compartilhados com os outros brincantes que estão do meu lado e dentro da arena, e que se unem agora por meio do olhar desse pesquisador. Brincantes/visitantes, brincantes/locais e os brincantes/artistas estarão agora unidos no meu discurso, nas pontuações que faço sobre eles: quem são, que lugar ocupam na arena.

## 2.4. A saga de um canoeiro



FIGURA 33 – A entrada do Apresentador do Boi Caprichoso – Fonte: Evandro Seixas – 2017

Vai um canoeiro, nos braços do rio, velho canoeiro, vai, já vai canoeiro.  
Vai um canoeiro, no murmúrio do rio. No silêncio da mata, vai, já vai canoeiro.  
(CAPRICHOSO, 1994)

A Saga de um Canoeiro, criada há mais de 20 anos, é tão atual que sempre que é declamada/cantada arranca suspiro de quem ouve e conhece sua letra. E é com ela que o apresentador do Boi Caprichoso entra na arena do 52º Festival Folclórico de Parintins.

Um caboclo sobre um barco com uma carranca animalesca e olhos brilhantes, na proa, que desliza pelos ares enérgicos do bumbódromo, ruflando asas e expelindo fogos pela sua popa<sup>80</sup> que mais parece uma cauda de um calango. É assim que se apresenta o fio condutor do Boi Caprichoso, o Apresentador, na primeira noite do evento.

Com sua performance dramática, é o coração emocional do espectador, O sentimento emocional do público, iniciado pelo item 01, é a via da dramatização para se chegar à ovação positiva de quem assiste e participa de todas as apresentações. Junqueira afirma que:

<sup>80</sup> Parte de traz de uma embarcação.





Desse modo, a dramatização, como imitação por meio de personagens em ação, só adquire vida se corporificada em encenação. A encenação dramática é uma criação híbrida, uma síntese de recursos diversos, envolvendo atores, encenadores, cenário, música, figurino, coreografia, etc. A Teatralidade, assim como a dramatização, traz uma ideia direta de corpo, astúcia, jogo, ficção e falseamento (JUNQUEIRA, 2014, p. 83).

A festa dos bois-bumbás, reúne todos esses recursos citados pela autora, abraçando o universo espetacular, indo para além do palco/arena, trazendo esse gênero – o drama – praticado desde a Grécia Antiga, nos rituais religiosos, festas e apresentações públicas, utilizando-se de imitações para chegar ao encanto do público, para o envolvimento dos brincantes que, como vimos, começa a acontecer muito antes de chegar na arena.

Como já citado por Thomaz (2016), o lugar e a recepção são fundamentais para a preparação do espectador no espetáculo. É a partir dessas primeiras interações que ele (o espectador) terá sua primeira percepção.

Portanto, a teatralidade já está presente e agindo sobre a sensibilidade dos brincantes/visitantes muito antes do apresentador envolver o espectador, na arena, em signos, códigos e referências (THOMAZ, 2016).

O Apresentador chama e a Galera responde. As luzes são direcionadas ora ao Apresentador, ora na galera, em um jogo luminoso que camufla a entrada dos outros brincantes que já chegam para o primeiro ato.

O Levantador de Toada é apresentado; dialogando com a Galera, ao som da toada do compositor Adriano Aguiar, “Rufa tambor Marujada, a festa vai começar” (CAPRICHOSO, 2016), conquista a todos. Em meio à euforia na arena, propositalmente, a banda musical - a Marujada -, e o Apresentador, criam um suspense e preparam o espectador para o primeiro momento dramático da noite. O silêncio toma conta do Bumbódromo, o Peara – o maestro que comanda o grupo percussionista (mestre de bateria nas escolas de samba) – aguarda o momento certo do Apresentador, que realiza a introdução do tema da noite, “Tecedura - a Gênese da Cultura Cabocla”, que conta:



Item 01 - Nos braços da terra mãe, no templo, desceu um caboclo amazônida e lhe deu vida, natureza e cultura. Nessas terras ecoaram tambores dos ritos e das festas ancestrais. Peles brancas nos trouxeram o medo e a cobiça, empurrados pela ambição e imponderados pela cruz e pela espada.

Pelos rios chegaram as forças que resistiam as cantorias das senzalas e ecoavam os terreiros de caboclos.

Por fim, a festa, nossa alegria, esperança de seringueiros do Nordeste Brasil. Nessa Tecedura, a cultura cabocla é forjada no barro, no fogo, na água, na palha e no cipó. Revelando caminhos, cingindo tradições, e modelando a arte e o folclore. Trama que sustenta a colônia amazônica, nascida na bateira, pelos mistérios dos rios e das matas. O imaginário então, transborda e aqui o incrível torna-se crível, o sobrenatural torna-se real e o lendário se materializa em arte. Resignificando a cultura popular.

Venham para a viagem folclórica da tradição Caprichoso, o rio poético da vanguarda azul e branco. Embarque na igara dos sonhos, que a viagem vai começar (CAPRICHOSO, 2017b).



Durante a narração, o Teatro é armado. Uma imensa alegoria praticamente surgiu diante dos meus olhos, minha atenção estava direcionada na performance do Apresentador, o jogo colocado por ele me seduziu ao ponto de não ver o cenário que estava sendo montado.

Alegoria posicionada. Brincantes na arena atentos, a evolução acontece. Em um jogo de luz, som e imagens projetadas, cria-se uma expectativa na arquibancada, e logo, debaixo de uma grande maloca, escondia-se um gigantesco “monstro” com cabeça de cobra e braços de homem, “Honorato da Amazônia” e ao seu redor, cardumes de peixes e bandos de botos o acompanham e, em suas mãos, o Boi-Bumbá Caprichoso vem bailando.

**FIGURA 34** – Caprichoso Nas Mão de Honorato – Fonte: Evandro Seixas – 2017



Lentamente o módulo se desprende da grande alegoria e ganha a arena, levando o boi até a Galera e aos jurados. Nas laterais desse módulo alegórico, alguns brincantes se revezam para realizar os movimentos da alegoria, os Paikcés.

O Amo do Boi, em um outro bloco, se junta ao seu Boi, também sendo carregado por uma alegoria que retrata a figura do caboclo ribeirinho. O Amo, com suas rimas, convoca o auto do boi, na perspectiva parintinense. E conforme declama seus poemas, vai triangulando com o item maior do festival, o Boi Caprichoso.

Neste instante, a filha do Amo, Sinhazinha da Fazenda, chega em cima de um outro módulo, trazendo um ritmo mais rodado, mais bailado, sutil e gracioso. Seu carisma dialoga com o Boi Caprichoso, com seu pai o Amo do Boi, os jurados e a Galera, que estão realizando suas coreografias na arquibancada, com pequenos guarda-chuvas em azul e branco. Dessa forma o auto do boi é realizado, encenado e festejado.

As ações acontecem continuamente; neste instante o jogo na arena continua, agora com as Tribos Coreografadas, simbolizando tribos como os Sateré Maué, Sapopé, Mundurucu, Andirá e Panaviana (CAPRICHOSO, 2017). Elas executam uma complexa coreografia, suas indumentárias feitas em palha e cipó ornamentam o corpo de cada brincante e junto com eles os Tuxauas – item 14 -, representantes dessas tribos, fazem suas exhibições, os Tuxauas carregam uma fantasia que chega a pesar quarenta quilos. Sua grandiosidade simboliza sua importância nas suas tribos e juntos com eles o líder maior, Pajé, faz a sua performance, construindo e conduzindo os olhos dos espectadores à sua teatralidade.

A Marujada não para o ritmo, homens e mulheres empenhados na energia das toadas, o Levantador e o Apresentador instigam a galera, a mesma desliza nas mais diversas coreografias que são conduzidas pelas torcidas organizadas.

Nesse instante a arena se prepara para a próxima cena, o suspense mais uma vez toma conta da arena. O apresentador introduz o próximo ato para os espectadores:



Item 01 – O imaginário da Amazônia entorpeceu o mundo com sonhos que fizeram antigos navegadores, a aportarem na Amazônia em busca do Eldorado.

Existe uma lenda, narrada pelo povo Omagua, de um lugar encantado, cravado no seio da floresta Amazônica, conhecido como Manôa, onde brotam três gigantes de pedras, três totens sagrados - Akhaim, Akhanis, Akakor – certa vez, a tribo passou por uma grande seca, que assolou a aldeia dos Omaguas, clamaram a deusa Inkarri que voltasse a prosperidade e a bonança para aldeia e esse, ordenou em sacrifício jogassem no lago Parima, morada da serpente dourada. E do rio, Pachamama submergiu com ela toda banhada em ouro, fazendo perpetuarem em lenda, o segredo de Akhaim, Akhanis e Akakor (CAPRICHOSO, 2017a).





**FIGURA 35** – Lenda Amazônica Templo de Ouro – Fonte: Evandro Seixas – 2017

A alegoria, alusão ao eldorado, trouxe várias surpresas em sua evolução, ao mesmo tempo que compete no item Alegoria e Lenda Amazônica, também Cunhã-Porãnga é avaliada, pois participa diretamente nesta cena. A pirâmide, praticamente monocromática, toma conta da arena por completo, uma alegoria dentro de outra, um mundo lendário, com formas animais, carregando a mais bela índia da tribo, Cunhã-Porãnga, na sua revelação em cores douradas, se transmuta nas mais belas cores que a natureza e o devaneio do artista pode oferecer.

Mas para que toda a encenação possa correr de acordo com o planejado, a Organização do Conjunto Folclórico, item em avaliação, conta com brincantes que são fundamentais, como pontua o artista Chico Cardoso:

Aqui não utilizamos tecnologias robótica, são carretilhas, cabos de aços e borrachas, isso que faz movimentar uma alegoria, e nas proporções que estão na concentração, tudo manual, um teatro de marionete de proporções agigantados. Para movimentar uma alegoria se contrata 130 pessoas, só para o traslado, tirar da concentração e deixar na boca da arena, só aí os homens, a equipe que construiu, cerca de 120 homens, por alegoria, são eles que vão manipular a alegoria, não pode ter sujeira, pois o item 21, organização do conjunto folclore, está em julgamento, por isso a preocupação de não sujar a arena, o elenco que vai representar é que tem que estar dentro da arena (CARDOSO, 2016).

O Artista Juarez Lima em entrevista, sustenta o que Cardoso coloca, sobre a dinâmica das alegorias que vão para arena do bumbódromo.



Para cada alegoria existe uma estratégia cênica, eu trabalho com módulos que se desprende da alegoria e realiza um outro movimento que dialoga com a galera, isso causa êxtase no espectador que está nas arquibancadas e que está assistindo na tv e principalmente causa emoção em quem julga (LIMA, 2017).

E isso ficou claro quando a alegoria Templos de Ouro, confeccionada pelo artista do Caprichoso Marcio Gonçalves, em sua evolução na primeira noite, apresentou esses desprendimentos que Juarez Lima aponta. E isso revela que as metamorfoses das alegorias no festival são propositais, os artistas trabalham com essas perspectivas para causar impacto em quem assiste os espetáculos dos bois e realmente tais sentimentos acontecem.

Em uma das encenações dessa primeira noite, o que me chamou mais atenção foi a representação da Parintins de antigamente, que trouxe para arena o caboclo ribeirinho, “ele vive nas águas, nas várzeas é quase um anfíbio, faz sua roça para produzir sua farinha, esse é o caboclo da Amazônia” (CAPRICHOSO, 2017b). Na arena a Figura Típica Regional, símbolo da cultura amazônica, revela o dia a dia desse caboclo, sua lida na roça e na pesca. E novamente a Alegoria se transmuta em cena, de uma pequena casa que retrata o Cine Teatro Brasil (cinema da década de 40 e 50 em Parintins), ao surgimento da Porta Estandarte.

Na segunda noite, Encantaria: O Imaginário Caboclo, diferente da primeira, o Apresentador e o Levantador de Toadas entram juntos com a Marujada. Só se ouve a voz do Apresentador, todos em silêncio. Ele, se dirige à Galera, fazendo a introdução do que vai ser encenado, revelando na Alegoria chamada de Dom Sebastião a exaltação do folclore brasileiro, trazendo as cores quentes do arraial de terreiros e personagens que compõe o folgado brasileiro e inicia contando uma história:



Item 01 – senhoras e senhores, boa noite. Meu avô, um dia me contou que aqui na Amazônia, tem um santo catigueiro que aparece no terreiro, tem a cobra grande que aparece no roçado, tem caldo de caridade para espantar o mal olhado. Imaginário, relicário, quaternário. Amazônia, morada de mitos, reino das encantarias e panteão dos deuses.

A história da nossa gente e da nossa floresta resignificou a cultura do mito, incorporou cores, cheiros, escamas e texturas. A poética do mito é fundada pela encantaria, emergida pela várzea, engolida pelas águas e pintada tal como aquarela. Mais que um devaneio, o mito é plantado em solo sagrado de raízes fortes e frondosos galhos, que vão tomando rumos e abrigam em seus ninhos, pássaros que tecem o mito da Amazônia (CAPRICHOSO, 2017b).

Enquanto o enredo envolve o espectador na trama, os Paikcés prepararam o espaço para a encenação. Em meio as toadas e a chamada da Galera para a festa, coreografias em bailados corridos são concretizados e uma imensa alegria toma conta do bumbódromo. Um jogo coreográfico e ritmado é feito pela Marujada, e ao som de tambores africanos a exaltação ao folclore é iniciada.



Momento difícil para sustentar o olhar de pesquisador; quando me percebo, já estou envolvido na cena, junto com centenas de brincantes, pulo e canto, me divido em folclorear aquele momento e me concentrar na pesquisa. Observo, registro e me encantando com o espetáculo do boi azul. A cena toma forma, os módulos alegóricos reagem em alegria e seus brincantes dançam para o folguedo.

A gigantesca Alegoria, Dom Sebastião, traz consigo, a Rainha do Folclore e a Sinhazinha da Fazenda, com uma indumentária de cores e os detalhes do folclore nordestino, como podemos ver na foto abaixo.

Esse momento abraça uma grande parte dos brincantes que estão sendo avaliados pelos jurados. Além da Sinhazinha e a Rainha do Folclore, entram para complementar e ritmar a encenação, os itens: Amo do Boi, Vaqueirada e o próprio Boi-Bumbá Caprichoso, enquanto outros itens já estão intrínsecos nesta mesma cena, como em todas as outras, por exemplo: Organização do Conjunto Folclórico, Marujada, Apresentador e Alegoria.

Assim, após a encenação citada acima, o espaço é tomado pelas surpresas cênicas das tribos, agora sem a Alegoria, para realizar a encenação tribal, com as mais belas coreografias que não se repetem, pois para cada noite uma partitura corporal é criada. Geralmente, a dinâmica funciona em torno desses três itens: Pajé, Tuxauas e as Tribos, também chamados de tribão, pelo fato de reunir um grande número de brincantes. A

**FIGURA 36** – Exaltação Folclórica: Dom Sebastião – Fonte: O Autor – 2017





professora Socorro Batalha diz que para “dançar as toadas de rituais e lendas, é preciso adquirir uma expressão, principalmente, na fisionomia: acentuar o olhar, os gestos dos braços, atitudes do corpo que podem ser interpretadas quando o dançarino estiver no palco” (2015, p. 62).

Enquanto as tribos vão saindo, o apresentador anuncia o próximo item da competição, sempre seguido de textos introdutórios, a fim de esclarecer, comover e preparar o público para a próxima cena.

A alegoria que compõe o item Figura Típica Regional, em questão de minutos, já se encontra toda montada em cena. Ela vem retratando, nesta segunda noite, o cotidiano do caboclo ribeirinho e suas astúcias na sobrevivência e adaptações no cenário amazônico. Pois:



Nessa época, o gado é retirado das margens dos rios e levado para as pastagens em terra firme. Pequenos criadores que não possuem essas terras altas, são obrigados a construir marombas, pequenos currais flutuantes feitos de madeira. Porcos, carneiros, galinhas, cavalos, cabeças de gado são ali alojados e alimentados com canarana, uma espécie de planta aquática, nativa e abundante na beira dos rios e lagos da região (CAPRICHOSO, 2017b, p. 36).

A alegoria revela, através do vaqueiro, surpresas imaginárias que o mesmo enfrenta todos os anos nas cheias dos rios e os mistérios que circundam o imaginário do caboclo. Paneiro<sup>81</sup> cheio para a criação dos artistas que flutuam em suas criações e surpreende o espectador com a linguagem. Eu e todos entendem e admiram, a arte. Cada movimento

<sup>81</sup> Cesto de palha, muito usado pelos moradores ribeirinhos do Amazonas.

FIGURA 37 – O Vaqueiro da Várzea – Fonte: Acrítica, 2017



da imensa Alegoria vem enriquecido de surpresas, as marombas são carregadas por gigantescos répteis, quelônios e animais peçonhentos, demonstrando o desafio que os vaqueiros enfrentam nas cheias dos rios.

Em meio a esse imaginário, a Porta Estandarte surge para resignificar a cena apresentada. Na arquibancada a Galera cria o seu cenário e dialoga com o que está acontecendo na arena – imagens em papelão de bois (centenas delas), formando um jogo entre a arena e a arquibancada - se complementando e reforçando o desempenho da teatralidade do evento. Suzana Thomaz afirma que:



Tudo é criado com uma perspectiva do todo, ao longo do período de ensaios e da definição da estrutura do espetáculo. Essa teatralidade depende, entre outras coisas, de convenções criadas com as ferramentas dadas pelo espaço, pelos figurinos, pela música e pela iluminação para sustentar o jogo cênico. Porém, para tornar possível a “desafasagem entre a vida e a cena” mencionada por Féral, a teatralidade depende tanto da performance dos artistas quanto da identificação e do olhar do espectador (THOMAZ, 2016, p. 310).

Dessa forma, vejo o espetáculo dentro da arena como um grande jogo de equilíbrio e desequilíbrio, ou seja, são vários os momentos de ápice que acontecem, e essa linha tênue faz parte da estrutura da apresentação do boi, permitindo assim as nuances dos sentimentos dos espectadores dentro e fora do bumbódromo (os que assistem pela TV).

O espectador é envolvido na dramatização, criando um “universo da representação”, o que nos faz retornar à primeira clivagem da pesquisadora Josette Feral. Porém, o espectador já está envolvido na cena, por isso chamei o jogo de equilíbrio e desequilíbrio; e, num vai e vem na construção do espaço da dramatização, por exemplo, o narrador retira o espectador, mesmo envolvido em uma cena, para outro momento, ou seja, outra cena, o que causa um novo jogo de sentimentos, lembrando que ele, o Apresentador, tem por objetivo, além de conduzir todo o espetáculo, não deixar cair a energia que está na arquibancada, o que pode influenciar na competição

No clímax da festa, o Boi Caprichoso volta com as toadas de galera, momento final, elevando e estremecendo a arquibancada. Os brincantes/artistas se voltam para os jurados e os espectadores, agradecem e saem brincando, em promessas para a última noite.

A terceira noite do festival carrega sentimentos de ausência e ao mesmo tempo de alegria e satisfação. Apesar da euforia nas arquibancadas, na arena e na cidade, sei que já está próximo de partir, deixar a ilha e seguir. A ficção vai deixar de existir e a realidade tomará conta da minha viagem.

No bumbódromo, a toada “Amazônia, Catedral Verde” acompanha a última noite da saga do imaginário do caboclo do Boi Caprichoso no 52º Festival Folclórico de Parintins. Em sua letra, poetiza a fé, a indignação pela destruição da fauna e flora e a exaltação ao seu boi.



A melodia aconchega a galera, o Levantador de Toadas conduz a entrada dos brincantes na arena, diferente das outras noites que a entrada acontecia na voz do Apresentador.

O centro da arena é tomado por brincantes que se preparam para as suas ações, a Marujada se divide em dois grupos que caminham lentamente pelas laterais, próximo das arquibancadas, até o ponto marcado para sua evolução.

Na arquibancada velas são acesas, seguindo o ritmo da toada “Amazônia, Catedral Verde”. Os efeitos sonoros de pássaros transmitem o clima da natureza. No alto, içado por um guindaste, um imenso módulo alegórico representando Nossa Senhora do Carmo surpreende, deixando claro a forte ligação com a fé, também simbolizada nos figurinos dos Marujeiros.

Arte Criação Cabocla, tema da última noite das apresentações do Boi-Bumbá Caprichoso, inicia-se concretizando a fé dos brincantes na arena e logo a transforma em alegria e êxtase.

Arena preparada, o boi homenageia os construtores navais da cidade de Parintins, mestres calafates como são chamados os carpinteiros que se dedicam a construir as embarcações que são usadas nas estradas dos rios da Amazônia.

A figura que ilustra a catedral Nossa Senhora do Carmo e as embarcações, feitas à mão pelos artesãos navais de Parintins, é um dos símbolos mais expressivos de Parintins.

Ô ô ô ô...

Amazônia, solitária catedral  
Onde estão os teus templários?

Teus guardiões imaginários?

Cadê as cuias, teus cálices?

E o rio, teu santo daime?

Vivas folhas, teus sudários

Teus castiçais, teus galhos?

Amazônia, solitária catedral

Onde está o teu encanto?

Teu mistério, batistério?

Teu verde sagrado manto

Pra onde foram os cristais?

Tuas riquezas, teus vidrais

Teus sonhos de imortais?

Amazônia...Templários da Amazônia

O curupira fugiu

Jurupari desistiu

Surucucu se escondeu

Cobra-grande, cobra-grande

Na enchente encolheu

Avé...Avé...

Restou o nosso Caprichoso

A cor morena do caboclo

O cheiro insenso da cabocla

A partitura da toada

O coro forte da galera

E a oração da Marujada

Amém...Catedral

(CAPRICHOSO, 1997a)



Em cada módulo alegórico uma encenação é realizada, trazendo para arena, o dia-a-dia dos artesãos nas suas oficinas, calafetando, pintando, martelando e talhando. Essas ações reproduzidas pelos brincantes estão ligadas diretamente aos códigos que o espectador reconhece (FERÁL, 2016).

Nessa fricção entre o pulsional e o simbólico, conceito estabelecido na terceira clivagem de Josette Feral, a Figura Típica Regional se despede do festival, dando lugar, seguidamente, para os versos do Amo do Boi: “salve a nossa catedral/ assim foi a tua criação/ feita de barro e de fé/ promessa e devoção...” (CAPRICOSO, 2017a).

Do alto da catedral o Boi Caprichoso aparece, vai ao chão, come seu capim, brinca com a Sinhazinha e o Amo, se exhibe para Galera, transformando a arena em uma verdadeira festa que lembra os eventos tradicionais juninos.

Em meio as encenações juninas, é possível perceber as Tribos se posicionando no fundo da arena, os brincantes que acabaram de se apresentar saem pelos lados, o Apresentador direciona sua narrativa para dar início a dança tribal, contribuindo para criar o clima para o item mais esperado dessa última noite, o Ritual Indígena, o Presságio, do artista Oseias Bentes, uma alegoria com proporções gigantescas, como a maioria das que foram apresentadas neste Festival, com movimentos por toda a sua extensão. Criaturas híbridas brincam com a imaginação do espectador, que recria esse mundo sobrenatural,

FIGURA 38 – Calafate – Fonte: Acrítica, 2017

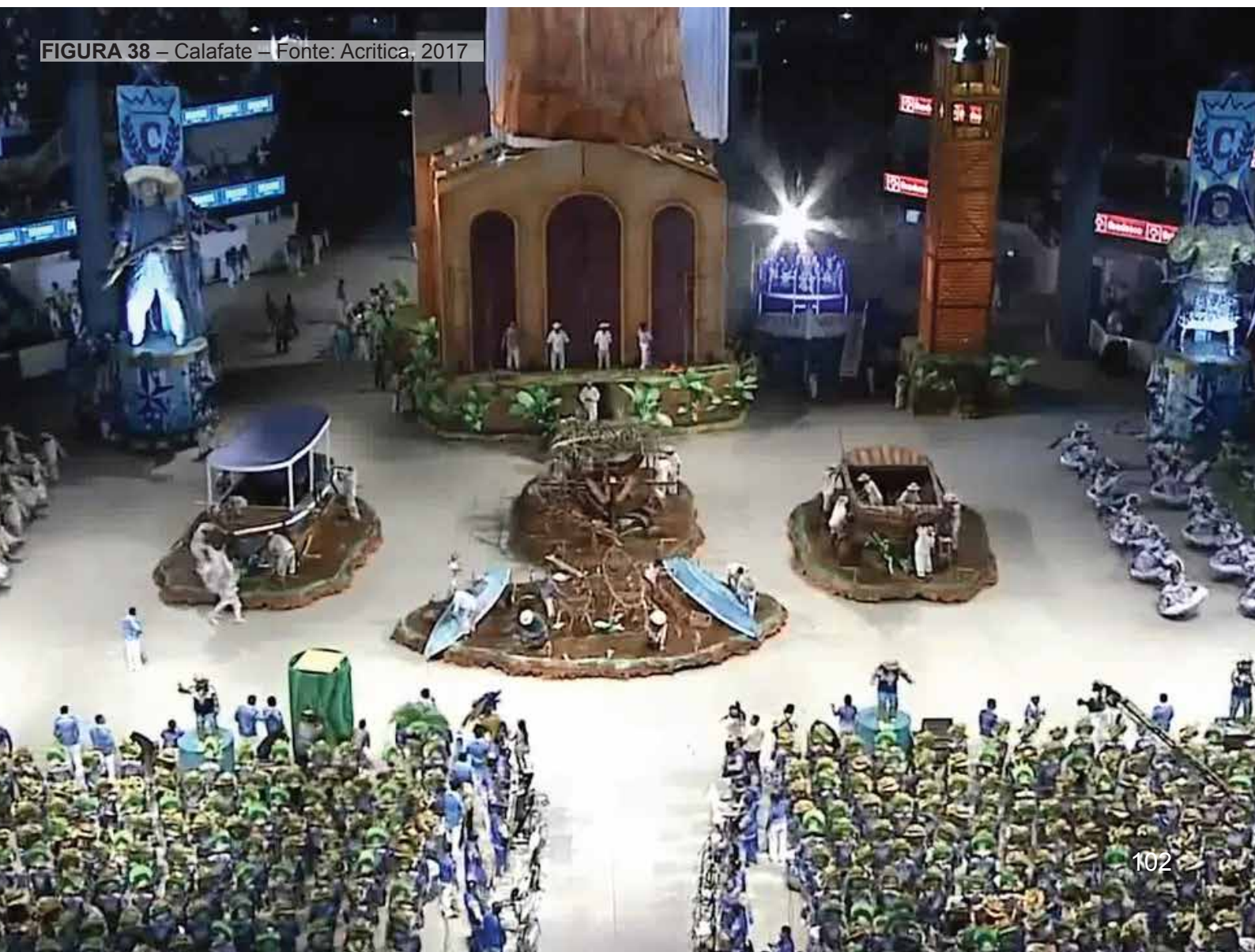




FIGURA 39 – Ritual Pressagio – Fonte: Acrítica, 2017

tão próximo e tão real. Portões se abrem entres esses seres e tribos guerreiras surgem no chamado para a batalha. Monstros transmutados, lobos, felinos, morcegos, insetos, ocupam a arena e subitamente o Pajé surge, manifesta os espíritos para a sua evolução, é recebido com festa dentro e fora da arena.

O apresentador retoma a cena, traz a galera consigo e convida a todos para brincar de Boi-Bumbá. Todos os itens se reúnem, agradecem o público e se deleitam nas poesias das toadas. Esse momento é de despedida, marcado pelo grito de é CAMPEÃO. A arena vai ficando vazia com a saída dos brincantes, apenas as fitas, panos, brilhos e penas das fantasias e alegorias restam no chão. O portão se fecha e o relógio é parado.

Na arquibancada, paro e aprecio a beleza do Bumbódromo. A realidade chega rápido e não penso no amanhã; a mente está vazia e flutuante, o silêncio é ensurdecedor, mas já respiro com suavidade, me despeço e sigo em procissão junto a milhares de brincantes/visitantes. Ah, e lá fora, a festa continua!



## 2.5. Garantido em festa

Loucura, sentimento que não cabe na razão de um louco torcedor.  
Te amo meu Boi Garantido, sentimento sem explicação  
Se amar você é minha sina, nasci pra te amar,  
sou louco por você, alucinadamente, apaixonado.  
Se a cura desse amor se escreve de vermelho,  
meu Garantido, minha cura é você.  
(GARANTIDO, 2017a)

A primeira noite – o prelúdio do Festival Folclórico de Parintins de 2017 é feito pelos brincantes nas arquibancadas. Na arena, minutos antes de iniciar as representações do primeiro Boi-Bumbá, um animador se posiciona com o objetivo de estimular os brincantes e preparar o espaço para a entrada do seu Boi-Bumbá na competição. Ele canta e brinca com a Galera. Esse momento não está na competição. Existe para chamar o Apresentador do grande Festival Folclórico de Parintins.

Entre gritos e aplausos da Galera do Boi Garantido e entre o silêncio e olhares atentos da Galera do Boi Contrário, casais de brincantes entram na arena um ao lado do outro formando uma grande linha e logo atrás, três grandes blocos alegóricos carregam os primeiros personagens que irão dar início ao espetáculo, Apresentador, Levantador de toadas e o Amo do Boi.

FIGURA 40 – Blocos Alegóricos – Fonte: Acrítica, 2017



Magia e Fascínio no Coração da Amazônia, tema do Boi Garantido do ano de 2017. Traz a importância e o respeito ao solo amazônico em sua primeira apresentação. Com o subtema da noite, Mágica e Fascinante, com 1.300 brincantes e 450 batuqueiros. “Vamos trazer o Boi no chão, para mostrar a importância desse chão chamado Amazônia” fala o Diretor de Arte, Fred Góes, ao repórter da TV Acrítica (informação verbal)<sup>82</sup>.

Os primeiros brincantes se posicionam no meio da arena. A batucada vem silenciosamente pelas laterais até a sua posição de apresentação – local onde ficam durante toda a encenação.

Imagens das florestas, rios e animais são projetadas no chão, se entrelaçando com os batuqueiros que estão fantasiados de araras vermelhas, cobras, gaviões e onças pintadas. E mesmo com seus instrumentos em silêncio, seus corpos gritam de alegria. Na arquibancada a Galera recebe uma iluminação vermelha. É possível ver a estrutura física vibrar com tanta energia focada em um único lugar, o Bumbódromo. Os módulos começam a fazer seus primeiros movimentos, enquanto os percussionistas se posicionam à frente da arquibancada central, aguardando o Apresentador terminar de fazer a introdução da noite. Esta por sua vez carrega um vasto sentimento de ansiedade, pois é o primeiro Boi a se apresentar no Festival. Então, emoção, é o que o Boi-Bumbá quer causar no espectador e responsabilidade, fruto da competição. Tudo isso reverberando a cada brincadeira feita com a Galera e nas toadas que elevam as energias no Bumbódromo.

Por um instante, silêncio. O Apresentador pede ajuda da Galera para fazer a tradicional contagem: 1, 2, 3 e já! E uma explosão de alegria toma conta do lugar.

Ainda no módulo alegórico, o Levantador de toada se revela, e coloca mais emoção no espetáculo. Enquanto isso, o apresentador vai pontuando os itens que estão, nesse instante, fazendo parte da competição do festival. Essa condução do apresentador é feita durante toda a encenação na arena.

O Boi Garantido, ao som das toadas, surge de um gigantesco coração que está no meio da arena, carregado por uma entidade, que logo fará parte de outra composição. Entre insetos, anfíbios e pássaros, ganha o chão para concorrer ao item Boi-Bumbá Evolução.

O Amo do Boi se posiciona próximo; aliás, seu boi amado está em cena. Após a apresentação do Boi, o Amo é chamado. Há um arranjo musical específico para a entrada desse item, tanto no Garantido, como no Caprichoso. Ele é um indicativo para os espectadores, além da condução do Apresentador. O primeiro verso do Amo faz referência ao tema da noite, costurando a dramaturgia, já apontada pelo Diretor de Artes Fred Góes.

<sup>82</sup> Entrevista concedida a emissora TV Acrítica, no dia 31 de junho de 2017.





FIGURA 41 – Garantido no Coração da Amazônia – Fonte: Acritica, 2017

A terra que nós pisamos, antes do branco chegar  
Bem antes dos portugueses, que aqui vieram explorar  
Aqui viviam e moravam, a tribo Tupinambá  
A terra era do índio, nativo deste lugar  
Mas foi tomada por homens  
Que vindo do além-mar  
Não respeitaram a cultura e o povo deste lugar  
Mataram milhões de índios, pra esta terra tomar  
E hoje aqui na Amazônia, eu canto pro mundo inteiro  
Miscigenado de sangue, dos nossos pais pioneiros  
Negros, brancos e índios, somos irmãos brasileiros  
(GARANTIDO, 2017a)



O verso proferido mostra o caminho que está sendo traçado na arena. Entre as toadas, a alegria da Galera e o bailado dos brincantes, novas alegorias vão ganhando proporção na arena ao se juntarem aos três módulos alegóricos que compuseram o ato para o Boi Garantido e que já se encontram no espaço. Agora elas são onze, no total, formando uma grande cenografia.

As dezenas de brincantes dialogam com as alegorias, travestidos de insetos, pássaros e anfíbios que revelam um jogo de cores e movimentos, dando destaque a composição feita na arena.

O levantador, ao som cadenciado da batucada, convida a galera para a festa. E em explosão, ela pula e canta “eu tenho a alma vermelha, minha galera incendeia, arquibancada a delirar” (GARANTIDO, 2009). A euforia incentivada pelas toadas é direcionada às alegorias que simbolizam o tema em cena.

Em meio a tantos acontecimentos, o Apresentador tem que deixar claro o que se está julgando, dizer para os jurados o momento que certa Toada (letra e música) será avaliada, já que a cada noite uma toada é selecionada e apresentada para a competição. Após anunciar a toada, as atenções se voltam para o Levantador de Toada, ele senta de frente para os jurados em um piano, e encanta com a toada tema do Festival, Minha Natureza:

O voo da garça celebrando a paz  
Inefável candura da mãe-natureza  
Onde a nova oração florescerá  
As nuances da vida em aldeias de sonhos  
A flor da vitória que inspira a poesia  
É canção ao poeta à luz do luar  
Minha terra sagrada de encanto e magia  
Do rio que espera o beijo do sol da mais pura harmonia  
Vergel de sonhos, altar de libélulas  
Murmúrio de belas cascatas  
Gotas de orvalho que tecem o véu das matas  
Meu chão brasileiro  
De um povo de alma vermelha  
Que ecoa a sua paixão  
E faz pulsar mais forte o coração  
Da Amazônia!  
Vamos brincar de boi  
Vamos cantar o amor  
Esse é meu Boi Garantido  
Esse é meu canto de vida  
Minha natureza!  
(GARANTIDO, 2017a)



O Garantido brinca com as projeções, refletindo nos figurinos dos brincantes e nas alegorias um efeito mais expressivo pensado para aquela cena. Após a apresentação da toada tema do Festival, alguns módulos ficaram na arena, e se agrupam a outros blocos alegóricos, formando uma nova Alegoria, o Nosoken – A Floresta Encantada – Lenda Amazônica, que retrata o paraíso mágico da criação do mundo Sateré-Mawé segundo o Boi-Bumbá Garantido (2017).

A lenda se faz diante de todos, criaturas encantadas entre os brincantes ou os brincantes entre as criaturas na arena. Entro no devaneio do artista parintinense, aceito sua proposta, participo e interajo nesta fantasia construída, que por sua vez, revela a Cunhã Poranga em cima da cabeça de uma cobra grande, reluzindo na arena e contagiando a Galera com a força da sua dança.

O Apresentador chama mais uma vez a Galera, que brinca com a Cunhã. Esse jogo proposital distrai a atenção para os Kaçaueres trabalharem as montagens e desmontagens da próxima cena. Neste instante, as Tribos Indígenas, os Tuxauas e o Pajé são convocados pontualmente para assumirem o espaço onde estavam posicionados os blocos alegóricos e uma nova encenação acontece. O Pajé vem a frente, representando a resistência tribal, explicita o Apresentador. Os tuxauas com suas luxuosas indumentárias, carregam a beleza e os mistérios da natureza e as tribos se juntam “para celebrar a vida, celebrar a terra, o povo, a água e o ar” (GARANTIDO, 2014), descrita na toada abaixo:

FIGURA 42 – Nosoken, a floresta encantada – Fonte: Acrítica, 2017



Todo mundo tem seu momento  
De celebrar a Fé  
As tribos se reúnem num dabacuri<sup>83</sup>  
Para celebrar a vida  
Para celebrar a terra, o fogo, a água, a mata e o ar  
Todo mundo tem seu momento  
De celebrar a Fé  
Celebram o nascimento e a criação  
A iniciação, a paz e a união  
Ao som de tambores, flautas e maracás  
(GARANTIDO, 2014)

A cena se completa entre cores, luzes e movimentos. As Tribos Indígenas constroem imagens geométricas grandiosas. Hoje ao observar as filmagens pude ter noção da complexidade que foi executar esses movimentos.

O espetáculo ferve, as ações são constantes, reveladoras e enigmáticas aos meus olhos. Mas, de repente, sobre um lagarto com asas aparece a Rainha do Folclore. Comparado a outros anos, o Boi Garantido perde no quesito surpresa deste item. Esse bloco alegórico que trouxe a Rainha do Folclore já estava parado atrás das Tribos Indígenas, Pajé e os Tuxauas, durante toda a apresentação, disputando as atenções, o que criou em mim uma expectativa referente a encenação dos três itens que acabei de citar e que não aconteceu. E foi neste momento, na minha perspectiva, que senti a energia cair, tanto dos brincantes na arquibancada quanto dos brincantes na arena.

A pesar dos esforços do Apresentador e do Levantador de Toada, houve uma demora considerável para restabelecer a energia em cena. O tempo está correndo, e na arena mais uma alegoria está se exibindo aos espectadores. Uma homenagem aos Quilombolas da Amazônia, concorrendo ao item Figura Típica Regional.

Nesta encenação, o Garantido traz alguns personagens com instrumentos africanos como o Xequerê, por exemplo, que vem a somar com os instrumentos tradicionais que são usados nos Bois-Bumbás de Parintins. A culinária, a dança, as brincadeiras do negro se misturando à vida do caboclo, miscigenando suas culturas e se transformando no povo ribeirinho.

Na encenação do auto do boi parintinense, Garantido reuniu um número significativo de itens como: 02, 06, 07, 10, 16, 18, 20 e 21. Um belíssimo teatro apresentado na arena, o apogeu do espetáculo da primeira noite, o auto do Boi Garantido revelou para nossos olhos apaixonados: interpretação, dança e música em perfeita sincronia, trouxe os

<sup>83</sup> Um ritual milenar dos povos indígenas do Alto Rio Negro.



tradicionais personagens oriundos do Bumba-meu-boi – Pai Francisco, Catirina e Cazumbá – com os demais personagens que deram identidade ao Boi de Parintins – os mitos, ritos e lendas indígenas.

A noite respira o Ritual de passagem, “cuja iniciação consiste na escarificação e tatuagem do corpo de um índio guerreiro escolhido para ser pajé” (GARANTIDO. 2017b, p. 51), indicando a apoteose do Boi e seu último ato. Esse é momento onde os Bois mostram todo o potencial de planejamento artístico, creio que seja a encenação mais esperada de cada Boi-Bumbá, todos fazem questão de assistir, até mesmo o contrário.



**FIGURA 43** – Ritual de Escarificação – Fonte: Acritica, 2017

Como de costume nos dois Bois, Garantido encerra com uma grande festa e promessas para a próxima noite. Um detalhe importante, os últimos a saírem da arena, são os ritmistas – batucada – sempre do lado da sua torcida, o que leva o Boi a entoar as canções de desafios ao contrário, demonstrando a rivalidade até o último momento da apresentação.

Na sua segunda noite – o Boi Garantido traz para o bumbódromo o tema: Folclore e Resistência Cultural. Em sua revista de apresentação – a mesma que vai para as mãos dos jurados – afirma que a identidade do folclore foi construída à custa da resistência dos

povos da floresta que sofreram a violência da colonização, mas souberam manter viva a essência, principalmente, dos povos indígenas.

souberam manter viva a essência, principalmente, dos povos indígenas. É com esse argumento que o Apresentador, Levantador de Toada, Amo do Boi e Boi-Bumbá Garantido iniciam a apresentação da segunda noite. Entram na arena à frente da batucada sendo conduzidos por um cordão de lindas brincantes de mãos dadas e acompanhados pela Vaqueirada.

O apresentador sentado no meio da arena, de frente para sua Galera, convida a todos para brincar de Boi-Bumbá. “Boa noite povo amazonense vem ver, Boi Garantido chegou e serenou, fazendo inveja pro povo contrário de azul” (GARANTIDO)<sup>84</sup>.



FIGURA 44 – Apresentador sentado no meio da arena – Fonte: Acrítica, 2017

Poucas vezes vi uma galera tão animada, foi de parar e admirar tanta disposição. O Amo do Boi ao lado do apresentador, não perde tempo e logo inicia a noite com seus versos, provocando o contrário que acabara de deixar a arena.

<sup>84</sup> Não há registro do ano desse verso. Mas se sabe que onde Lindolfo Monteverde chegava, ele logo tirava esse verso para provocar o contrário.



Durante os versos do Amo, a batucada está em silêncio. O Levantador de Toada canta as canções da década de 80 e 90, alvo dessa resistência que o Boi Garantido traz para sua segunda apresentação

O Apresentador envolve a Galera na cena e direciona as atenções a um brincante na arena, o neto do criador do Boi Garantido, ritmista, que por sua vez, com um instrumento nas mãos (tambor) dispara o primeiro batuque da noite, dando início ao espetáculo da resistência cultural.

São precisamente três toques no surdo (tambor); no terceiro, automaticamente, a galera dispara em euforia. Batucada e arquibancada se unem à voz do apresentador, envolvendo a todos na teatralidade do evento, reunindo o observado (brincante/artista) os que estão na arena fazendo a encenação e o observador (brincante/visitante) os que estão nas arquibancadas, nos camarotes, no júri e até mesmo os que veem pela TV (FERNANDES apud THOMAZ, 2016).

Em meio a tantas ações, a alegoria intitulada de Caboclo Ribeirinho desfralda no palco do bumbódromo poesias à Amazônia verde e bela, ao mesmo tempo, misteriosa e desafiadora.

Boa noite povo presente  
Boa noite gente animada  
Eu vim trazer o Garantido  
Com suas lindas toadas  
Trago a melhor brincadeira  
E a melhor batucada  
Minha galera chegou  
Pro Garantido amado  
Pra ensinar o contrário  
Que estava desanimado  
Mais parecia velório  
Rezando pelo finado  
(GARANTIDO, 2017b)<sup>85</sup>

O Caboclo Ribeirinho é a mais marcante figura típica Amazônia, herança cultural do processo de colonização. Ele compõe os mais de 80 biótipos identificados na Amazônia, segundo o sociólogo Samuel Benchimol. Vivendo essencialmente da grande variedade de peixes que povoam lagos, rios e igarapés, seu mundo é povoado por seres fantásticos das profundezas das águas [...] O Caboclo Ribeirinho é a figura que identifica a região, com seu chapéu de palha, o remo e a canoa, na perfeita simbiose com a paisagem da grande floresta (Revista Boi-Bumbá Garantido, 2017).

<sup>85</sup> Verso de provocação ao boi contrário, declamado pelo Amo do Boi Garantido (2017).

FIGURA 45 – Caboclo Ribeirinho – Fonte: Acrítica, 2017



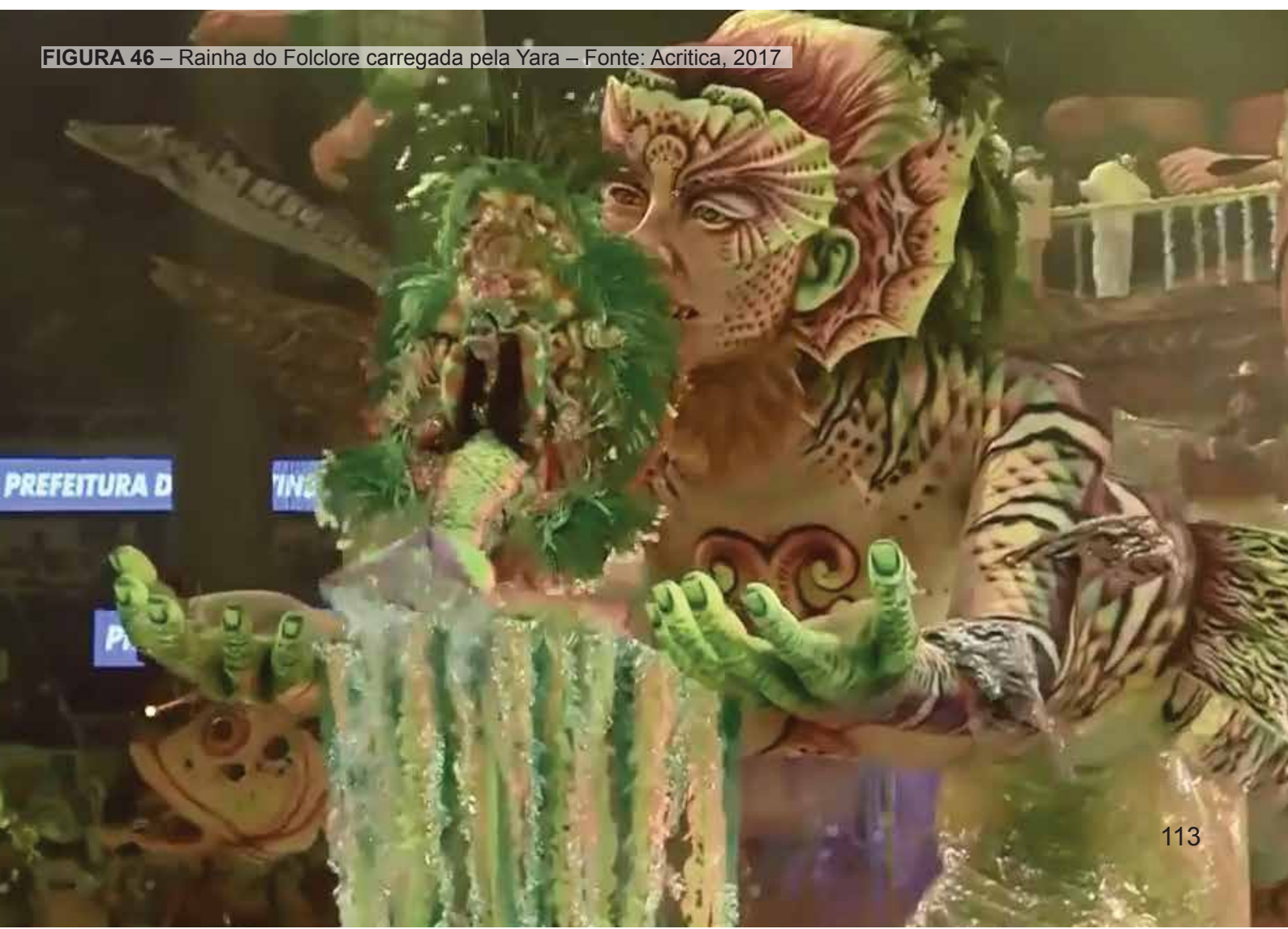
Entre beleza e cor na superfície da alegoria, o imaginário surge com a Rainha do Folclore carregada por uma criatura subaquática – Yara mãe D’água – que traz a rainha como um troféu, que vem em forma de sereia, e logo abandona a sua cauda, ganha o chão e determina sua evolução.

Entre cada ato da apresentação, o preenchimento da cena é por conta do Apresentador, do Levantador, do Amo do Boi e do Boi Garantido. Esse último, o Boi (boneco ou carcaça cenográfica) e o tripa (o brincante debaixo do Boi) – tornados um só, agora – fazem então o que se chama de Boi-Bumbá evolução: come capim, solta fumaça pelo nariz e se exhibe para sua galera com o seu gingado; são esses movimentos expansivos que chamam atenção e prendem o espectador.

Enquanto as Tribos Indígenas se preparam na arena para a dança tribal, o pajé profere um texto de lamento e resistência dos índios do Brasil, dando início a uma grande batalha contra o branco invasor, retratando a resistência do herói Ajuricaba<sup>86</sup> e sua tribo, onde o guerreiro preso, preferiu se jogar no encontro das águas do Rio Negro e Solimões a ser julgado pela coroa portuguesa. Ações dessa resistência retratada na encenação e nas letras da toada Pindorama (Pátria tribal).

<sup>86</sup> Líder da nação indígena dos Manaos no século VIII.

**FIGURA 46** – Rainha do Folclore carregada pela Yara – Fonte: Acritica, 2017





A celebração tribal traz nos corpos dos brincantes movimentos de conflitos e lamentos, de uma Amazônia invadida e subjugada ao invasor, contada e encenada em coreografias pelas Tribos e contemplada pelos tuxauas que carregam nesta segunda noite, em suas minis alegorias, sempre o tema da apresentação, ilustrada na foto abaixo:



**FIGURA 47**– Tuxaua – Fonte: Acritica, 2017

E em todas as mudanças de cena, o apresentador ampara com introduções pontuais para melhor compreensão dos espectadores. As coreografias que os brincantes fazem nesse ato contracenam com as caravelas, que estão na arena, simbolizando a chegada do invasor, momento importante até o surgimento da Porta-Estandarte que entra soberanamente imponente, com uma luxuosa indumentária, mas percebo que não houve o tempo certo para sua entrada, ou pelo menos não ficou claro, pois ela apenas surgiu, sem surpresa e impacto, o que geralmente o público espera dos bois.

Enquanto a porta estandarte faz sua encenação, apresentador evolui com a Galera e o Boi-Bumbá. O palco é preparado para mais uma dose de imaginação com a Lenda Amazônica A Fera Kanaimã, “um ser gigantesco do mundo sobrenatural, híbrido de homem e animal da floresta, que aterroriza índios e caboclos da Amazônia” (GARANTIDO. 2017b, p. 13).

“Embora gigantesco e apavorante, Kanaimã faz parte dos seres protetores da floresta que compõem o universo mítico-lendário da Amazônia, como o Curupira, o Mapinguari e o Juma, todos seres recorrentes do mundo sobrenatural indígena” (GARANTIDO. 2017b, p. 13).

Amistosa recepção  
Resposta com morte e terror  
Não existia pecado além da  
Linha do Equador  
Quero a verdade na história  
Por isso canto a minha  
versão  
Qual será a verdadeira  
Descobrimto ou invasão?  
Foram heróis nacionais  
Ou cruéis assassinos  
Que rezavam em latim  
Ao som de toques de sinos  
Impuseram uma nova ordem  
Sem justiça social  
Liberdade, igualdade  
Virou luta, resistência,  
ritual  
(GARANTIDO, 2017a)



**FIGURA 48** – A Fera Kanaimã – Fonte: Acrítica, 2017

Vários módulos alegóricos formam uma única cenografia para a entrada da Cunha-Poranga, que rasga a barriga da grande fera e flutua diante dos espectadores para atingir o solo e embebedar os olhos do público com sua performance e plasticidade.

Já o Apresentador e o Levantador de Toadas estão juntos, próximo a Galera vermelha, envolvendo-a para um outro universo de sentimentos e desejos, nessa grande brincadeira a Galera traz uma imensa bandeira, cobrindo toda a arquibancada que tremula sem parar, causando uma visualidade primorosa.



**FIGURA 49** – Galera tremulando sua bandeira – Fonte: Acrítica, 2017



E na arena tudo pronto para a próxima cena, o movimento é frenético e calculado por todos os organizadores. O Apresentador está na arquibancada, no meio da Galera, e de lá dá continuidade ao espetáculo da noite. O Boi Garantido resgata e expõe para o público, um personagem que hoje não tem tanta expressividade, porém, outrora era considerado peça fundamental nas apresentações do Boi: Belezão, um boi de pano idêntico ao próprio Boi-Bumbá, mas em uma proporcionalidade gigantesca, criação do Boi Garantido na década de 80 e adotado pelo boi contrário, com o objetivo de banhar os brincantes com “água de cheiro”, como mostrado na imagem abaixo:



FIGURA 50 – Boi Belezão – Fonte: Acrítica, 2017



FIGURA 51 – O Auto do Boi Parintinense – Fonte: Acrítica, 2017



O Boi-Bumbá Garantido, no seu último ato da noite, recria o ritual de cura dos índios Kaiabi, do Mato Grosso do Sul. Ao som das flautas sagradas, o grande Pajé inala o paricá<sup>87</sup> e toma a bebida das ervas da visão do além, para transcender ao mundo sobrenatural (GARANTIDO, 2017b).



**FIGURA 52** – Pajé no Ritual Pajé dos Pajés – Fonte: Acritica, 2017

Em meio às criaturas, o Pajé dos Pajés surge para curar sua tribo. A encenação é realizada na própria alegoria, com módulos extremamente gigantescos, ocupando grande parte da arena do Bumbódromo, e tendo em sua Alegoria um número expressivo de brincantes para sua composição. O Ritual Indígena, como já mencionado anteriormente, sempre é o mais esperado, geralmente encerra a noite das apresentações. As formas dos seres, que se desenvolve na cena, aguça a curiosidade e incita o devaneio dos espectadores, criando uma peculiaridade de admiração, espanto e imaginação.

As alegorias são retiradas, o Pajé evolui no solo do Bumbódromo. As tribos se dirigem ao centro da arena, esperam a batucada e juntas finalizam, cantando, a noite da resistência cultural.

<sup>87</sup> Um ritual milenar dos povos indígenas do Alto Rio Negro.



A terceira noite – “Ilumina esse curral/ Essa arena vai ferver/ Você não viu nada igual/ Nem tão cedo vai ver” (GARANTIDO, 1998). E como tradicionalmente é feito, o Apresentador anuncia a terceira e última noite do festival, com a primeira batida de tambor feita pelo neto de Lindolfo Monteverde, e junto com a percussão a galera vermelhada enlouquece na arquibancada.

Loucos, apaixonados e eufóricos como ilustra a imagem abaixo:



**FIGURA 53** – Galera vermelha, eufórica – Fonte: Marina Souza/ G1 AM

É dessa forma que a torcida do boi revela sua paixão. A paixão de suportar as três noites de vibração e calor, cantando as toadas e se emocionando a todos os instantes.

O Boi-Bumbá Garantido, na sua última apresentação, apresenta o tema da noite: “Amazônia, Esperança e Fé.

A poesia reverbera na voz do Levantador de Toadas, com uma brilhante performance, se destaca na arena, ao seu redor um grupo de brincantes dançam, tirando a atenção do espectador para construção do cenário que está sendo montado nos escuros da arena.



E com muita coragem, o Boi Garantido já revela sua Lenda Amazônica, pronta para evoluir, “a lenda dos bichos que vivem no mundo encantado do fundo dos rios, presente no imaginário do caboclo [...] Ypupiara, ser gigantesco, misto de homem e de peixe, temido e respeitado pelos ribeirinhos” (GARANTIDO, 2017b).



FIGURA 54 – Ypupiara, bicho do fundo – Fonte: Acrítica, 2017

A Alegoria possui riquezas de detalhes impressionantes. A própria alegoria já faz o jogo de interpretação, os bonecos ou módulos alegóricos, possuem uma maleabilidade que possibilita a interação com outros módulos. Casas flutuantes, pescadores em suas canoas, vitórias régias, répteis e pássaros fazem parte desse mundo ribeirinho simbolizado na arena do Bumbódromo nessa Alegoria. Que logo, em na sua evolução, revela a Cunhã Poranga, em cima de uma imensa arraia, que a leva a um ser com braços de poraquê, com uma boca no peito, rabo de peixe e a cabeça de “gente”, o Ypupiara, que se desprende da grande alegoria e desfila com a Cunhã pela arena.

Após a apresentação da Cunhã, a euforia dá lugar ao sentimento de fé. Uma alegoria de Nossa Senhora do Carmo, fazendo referência ao tema religioso, é posicionada no meio da arena. Ao redor, organiza-se uma procissão, com tanta devoção na encenação que chega a causar dúvidas, se é representação teatral ou realmente um culto religioso.





O Boi Garantido surge com a Sinhazinha aos pés da imagem, com isso, o Apresentador muda o discurso religioso para abrilhantar o público com a graciosidade e a beleza da filha do Amo do Boi. A Vaqueirada, item que aparece sempre para acompanhar o Boi Garantido, reaparece para o festejo, preenchendo o espaço vazio do módulo Alegórico que está sendo retirado da arena, o que, por sua vez dá espaço para as Tribos Indígenas, Pajé e os Tuxauas.

**FIGURA 55** – Cunhã Poranga carregada por Ypupiara - Fonte: Acritica, 2017

Após a apresentação dessa celebração tribal, onde envolve os três itens citados acima, o Apresentador anuncia o item Figura Típica Regional – Ceramista da Amazônia – homenageando a “transfiguração entre os povos da floresta, que absorveram dos índios a arte de trabalhar o barro para transformar em utensílios” (GARANTIDO, 2017b).



**FIGURA 56 e 57** – Ceramista da Amazônia e Brincante na encenação – Fonte: Acritica, 2017

Nas figuras acima, é possível perceber as ações realizadas pelos módulos alegóricos e a encenação dos brincantes na arena. Do pote de cerâmica a Porta-Estandarte emerge e ganha o solo Tupinambá, dançando e exibindo o estandarte vermelho mantendo viva a cultura do povo parintinense.

A Galera brinca e joga com os brincantes na arena. O Garantido está na arquibancada, causando alvoroço, e segue o ciclo da encenação para o próximo ato. Na arena,

duas grandes tribos se preparam para a batalha, e a Rainha do Folclore, com uma indumentária que revela a lenda da cobra grande, poetizada na toada do compositor Paulinho Du Sagrado de A Máscara de Sucuri, toma a frente desse confronto tribal, como mostra a letra abaixo:

Filhos de Baíra<sup>88</sup> vermelhos  
Contam o segredo desta terra  
Toca o tambor pra festejar  
A vida do parintintin  
Baíra, Baíra  
Baíra semideus do fogo  
Baíra, Baíra  
Baíra semideus  
Lá vem Baíra  
Com a máscara da sucuri  
E os guerreiros parintintin  
Pra na guerra lutar  
Lá vem Baíra  
Com a fera dos aningais  
A senhora dos temporais  
O temor dos mortais  
Sucuriju no leito do rio  
Teu rebojo causa arrepio  
No inimigo  
Toda a aldeia irá te flechar  
Oh! grande sucuri  
Baíra quem fez pra se disfarçar  
(GARANTIDO, 2017b)

As tribos que se encontram e batalha, ao mesmo tempo, são os guardiões, brincantes que acompanham a Rainha do Folclore em sua dança, e responsáveis por preencher o espaço cênico.

Nessa última noite, o Boi Garantido trouxe uma diversidade de apresentações coreográficas que ajudaram nas transições das alegorias, ou seja, além do jogo que o Apresentador faz com a Galera, o Amo do Boi e o Levantador de Toada, esses grupos que compuseram em cena as coreografias já apontadas, contribuíram na dinâmica de todo o espetáculo da terceira noite, tornando a apresentação mais interessante e dinâmica. Nas outras noites, era possível observar essa ausência de preenchimento, deixando muito

<sup>88</sup> Derivação de Bairy, herói mítico dos índios Kawhiwa Parintintin, que significa a condensação das experiências, tradições e histórias daquele povo tupi (<http://www.boicaprichoso.com/glossario.asp>. Acessado abril de 2018).

tempo a brincadeira entre o Apresentador e a Galera, o que no meu entendimento, causou uma monotonia.

Sobre esses grupos mencionados acima, Mencius Melo, brincante e compositor do Boi Garantido mencionou, na TV Acrítica, detentora da transmissão do 52º Festival Folclórico de Parintins, que toda a cênica apresentada nas três noites do Boi Garantido:



Tem a participação de grupos vindos de várias partes da Amazônia, como os brincantes do Grupo Wanko Kaçauêre de Manaus (AM), o Grupo Festa de Carimbó de Santarém (PA), o Grupo Explode Coração de Mocambo, Grupo Garantido Show de Manaus (AM), o Grupo Somos um Show de Manaus (AM), o Grupo Porantim de Maués (AM) e o Grupo Agatha de Presidente Figueiredo (AM) (informação verbal).

Festa em pleno calor, cenário pronto para apoteose do Boi Garantido, o Ritual Indígena – O Eldorado – mito que permanece na memória dos povos da floresta amazônica e brasileira, que sofreram o terror da violência da colonização, de origem pré-colombiana encarnada no palco do bumbódromo de Parintins (GARANTIDO, 2017b).

Na evolução da alegoria, o Pajé, representando o filho do deus sol, surge carregado por um índio que sai da carranca, posicionado no centro da alegoria, desprendendo-se e mostrando o poderoso Pajé, com um luxuoso figurino, revela em dança o seu ritual. O Eldorado, consegue despertar no público essa busca do invasor por esse delírio danoso para a floresta amazônica. O Boi Garantido apresenta esse ponto culminante na arena, fazendo assim sua última apresentação do 52º Festival Folclórico de Parintins.

Do Ritual a festa dos povos, uma grande celebração cultuada e ovacionada pela Galera vermelha que não para de gritar que já venceu. O Apresentador em êxtase eleva o Boi Garantido, e ao som das toadas de Galera, e no compasso da sua Batucada se dirigem ao portão para encerrar a noite e aguardar as notas do festival.



**FIGURA 58** – Ritual indígena O Eldorado

Fonte: <https://www.deamazonia.com.br/?q=278-conteudo-55170-eldorado-fecha-apresentacao-do-garantido>







### 3. Conclusão da festa na festa da vitória

Para encerrar esta pesquisa optei em seguir o caminho que os brincantes parintinenses fazem na festa da vitória do boi campeão, ou seja, registrar os últimos acontecimentos da festa. São nestas ações, também, que percebo com mais expressividade a igualdade e o “contato livre e familiar entre indivíduos normalmente separados na vida cotidiana pelas bandeiras intransponíveis da sua condição, sua fortuna, seu emprego, idade e situação familiar” (BAKHTIN, 1999, p. 09), festejando e comemorando pelas ruas da cidade, aclarado mais à frente.

O som dos tambores da Marujada/Batucada ainda pulsam no meu corpo. A alegria daquele momento continua latente na minha alma, mesmo meses depois do festival.

Antes de ganhar os rios, o retorno para casa, ainda permaneço na ilha para acompanhar os acontecimentos da festa da vitória do boi campeão.

Assim que o último boi se apresentou na arena do Bumbódromo, a grande maioria dos brincantes se dirigiu às suas casas, hotéis, pousadas e barcos para iniciar a partida. Outros, ganharam as ruas para as últimas cervejas com os amigos nos bares, que ficam abertos até o amanhecer.

É madrugada, as pessoas se aglomeram em frente a praça da catedral, misturam-se às centenas de outras que estão indo em direção ao porto fluvial com suas bagagens. É nítido perceber o teor das conversas nas rodas: o Caprichoso arrebentou! Já ganhou, o Garantido estava de mais!

No porto, as embarcações organizadamente desatracam da orla e seguem em direção ao horizonte do rio Amazonas. Na medida que os barcos se distanciam da ilha, tornam-se pontos reluzentes no rio. Os que ficaram (me incluo), certamente irão aproveitar mais um pouco na Festa da Vitória.

Na manhã de segunda-feira, dia 03 de julho de 2017, inicia-se a apuração do 52º Festival Folclórico de Parintins. Poucos são os brincantes/visitantes que estão acompanhando no bumbódromo a contagem das notas, maior parte deles já está nos rios em viagem, ligados no rádio para saberem o resultado do festival.

No Bumbódromo os brincantes na sua grande maioria são locais. A comunidade deixa seus afazeres para então, realmente participar, assume esse momento, e vai para as arquibancadas para ouvir as notas do seu boi.

Para conseguir transitar livremente entre as torcidas, precisei ir com uma vestimenta o mais neutra possível, pois mesmo na apuração as regras ainda são válidas para o uso das cores nas arquibancadas. Na arena, apenas os agentes de segurança pública, estão ali para coibir qualquer situação que possa envolver violência entre os brincantes.

Nas casas, nos barcos, nos triciclos, nos bares, nos currais dos bois, enfim, em todo os lugares da ilha as pessoas então sintonizadas via rádio/tv na apuração – dinâmica

que não difere daquela que acontece na apuração das escolas de samba, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Cada décimo que um boi passa a frente é motivo de comemoração.

Para conseguir transitar livremente entre as torcidas, precisei ir com uma vestimenta o mais neutra possível, pois mesmo na apuração as regras ainda são válidas para o uso das cores nas arquibancadas. Na arena, apenas os agentes de segurança pública, estão ali para coibir qualquer situação que possa envolver violência entre os brincantes.

Nas casas, nos barcos, nos triciclos, nos bares, nos currais dos bois, enfim, em todo os lugares da ilha as pessoas então sintonizadas via rádio/tv na apuração – dinâmica que não difere daquela que acontece na apuração das escolas de samba, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Cada décimo que um boi passa a frente é motivo de comemoração.



**FIGURA 59 e 60** – Galera do Boi Garantido na Apuração das notas no Bumbódromo e Galera do Boi Caprichoso na Apuração das notas no Bumbódromo – Fonte: O Autor, 2017.

Enquanto a galera do boi vermelho se recolhe em seu silêncio, os brincantes do boi azul irradiam alegria. Os torcedores comemoram, se abraçam e cantam em coro as toadas. Felicidade revelada nas imagens da galera do Boi Caprichoso.

A Festa da Vitória tem início assim que o resultado da competição é anunciado. Caprichoso é CAMPEÃO! Gritos e fogos são disparados no ar. A diretoria do boi campeão recebe o troféu, corre para a rua e cai nos braços da torcida.

As pessoas na cidade, ao saberem da notícia da vitória do Boi azul, vão para a frente das suas casas aguardar a passeata.

A festa do boi, a festa do parintinense, a festa dos brincantes. Todos juntos, comemorando a vitória do seu boi.





FIGURA 61 e 62 – Diretoria do Boi Caprichoso nas ruas e Diretoria no Cortejo – Fonte: O Autor, 2017

Um grande cortejo é formado em direção ao Curral Zeca Xibelão. Os membros da diretoria do Boi Caprichoso assumem a linha de frente da passeata. A chuva timidamente começa a cair e, como um ingrediente preciso, torna-se um presente para os brincantes festejarem ainda mais, lembrando dos tempos que o natural e o simples eram apoteóticos.

Durante a caminhada, abraços calorosos presenteam a diretoria, que retribui no mesmo calor, agradece, ri e, juntos, choram. Por onde passam, outros brincantes agregam a grande procissão azulada, a emoção toma conta de todos. Sentimento revelado na expressão do diretor de arte do Boi Caprichoso com o troféu de campeão na cabeça.

Quando o cortejo chega no curral Zeca Xibelão, é recebido a salvas de tiros de foguetes. A quadra já está lotada, esperando o troféu e o Boi campeã. A rua em frente a quadra, logo é tomado pelos BL-1, o espaço fica pequeno para os vendedores de churrasquinho e bebidas que se misturam a dezenas de brincantes que compõem a passeata da vitória.

Os gritos de alegria ressoam no peito dos torcedores, todos querem tocar no boi campeão, tiram fotos para guardar de recordação. Ainda percebo que há muita pessoas que conheci durante os dias de festa na cidade. Algumas pessoas ao me ver, me abram e me beijam; algumas delas, não lembrava se eu conhecia naquele momento.

A diretoria do Boi Caprichoso, junto com outros artistas, toma conta do palco e são todos ovacionados pelos torcedores. A toada do compositor Adriano Aguiar (2017) “amanhã não me chama/ não me espera/ de manhã/ amanhecendo com a galera/ andando pela rua com o meu amor/ do outro lado/ caprichoso e marujeiro no tambor” (CAPRICHOSO, 2017a) é cantada como hino entre os brincantes na quadra.





**FIGURA 63** – Boi Caprichoso nos Braços da Galera – Fonte: O Autor, 2017

As 16hs, é feito outro cortejo, agora com um carro de som, nele estão os principais itens individuais, que se revesam para cantar e brincar com a galera que segue o trio (carro de som) em direção a catedral.

Acompanho toda a caminhada dos brincantes, a festa continua intensa, ao chegarmos a catedral, todo o perímetro da igreja já está tomado por centenas de brincantes. Tento registrar o máximo possível, corro do curral para a catedral, faço e refaço o caminho feito pelo cortejo, subo no trio elétrico onde vários artista estão, retorno ao chão para interagir com os brincantes/locais/visitantes e aproveitar a festa. As imagens abaixo são registro dessa euforia em frente a igreja, na av. Amazonas.



**FIGURA 64 e 65** – Brincantes em frente à Catedral Nossa Senhora do Carmo, comemorando a vitória - Fonte: O Autor, 2017

A festividade, revelada nessas imagens, vai até ao final da tarde. Os mais festeiros retornam ao curral Zeca Xibelão, que continua cheio. A festa da vitória no curral é o momento de extravasar, e é comum ver artistas se exaltarem em seus discursos nada amigáveis ao boi contrário. Nesse momento o palco é liberado para todos que queiram ficar mais próximos dos seus artistas e do Boi Caprichoso.

Devido a tanta bebida alcoólica, as toadas já não são tão cadenciadas, o microfone é livre para quem deseja arriscar-se a cantar.

O fim se aproxima e aos poucos a cidade vai se calando, o que resta são ruas vazias e cheias de lixo, fantasias, garrafas, enfim, largadas pelos próprios brincantes. Nas lanchonetes e restaurantes ainda é possível ver alguns clientes. Os bares já não tem mais tanta alegria assim. O cansaço é nítido no semblante de todos. A madrugada chega e com ela os agentes da limpeza pública, recolhem toda a nossa falta de educação deixada nas ruas.

E do lado de lá?

Essa é a expressão usada pelo parintinense quando se refere ao contrário.

No Curral do Boi Garantido, a festa aconteceu, porém, como brincante e pesquisador tive que tomar a decisão sobre qual festa iria participar, a festa da vitória ou a festa da derrota? Fui para a festa do Caprichoso, o vencedor. Triste, pelo fato de saber que não conseguiria acompanhar o Boi Garantido. Mas posso garantir nesta pesquisa que o sentimento que se forma no curral do vermelho é o de força e paixão ao seu boi. E ao mesmo tempo em que cada brincante consola uns aos outros, não se intimidam em xingar o boi campeão, fato que pude presenciar em edições passadas.

Agora todo esse jogo, construído, proporcionado ou acionado pela e na festa chega ao fim, e com ela o brincante, visitante e pesquisador inicia seu ritual de despedida, ali mesmo, na rua onde poucos estão a beber. Me despeço de cada ponto que meus olhos conseguem captar, desde a calçada ao ponto mais alto da torre que sustenta a imagem de Nossa Senhora do Carmo, imagens que ornem meus olhos, imagens que logo estarão no rol das lembranças mais saborosas e importantes dos meus impulsos.

Até a próxima! Falo para um amigo parintinense, e sigo em direção aonde estou hospedado, não mais com aquela impolgação que ruflava em meu peito durante toda a semana da festa, mas com a alma limpa e tranquila.

Com uma mochila nas costas, alguns adereços do festival que consegui com alguns brincantes, como um capacete usado na terceira noite pelos marujeiros do Boi Caprichoso, viajo pelas ruas que me levam até ao Porto Fluvial de Parintins. Ainda é madrugada e o silêncio é o meu companheiro, prefiro me antecipar para escolher um bom lugar e atar a minha rede e descansar.

Já no barco, tentando pegar no sono, sou despertado pelos amigos e parentes que chegam de bando, falando alto, competindo com o barulho das máquinas da embarcação,



trazem café, água e até um ventilador nas mãos, se organizam perto um dos outros, aos poucos todos se acomodam e o silêncio vai retornando. O barco desatraca, o vento compartilha sua força com os viajantes e da minha rede vejo a ilha minimizando, alguns minutos depois só horizonte permanece e a saudade toma conta dos sentimentos.

A viagem será de aproximadamente 25 horas até a capital Manaus. Durante algum tempo, as lembranças da festa retornam, assim também como a compreensão que a investigação me proporcionou sobre as questões da teatralidade que me propus investigar.

Trazer a teatralidade para este trabalho, me permitiu dialogar e compreender o jogo dos brincantes dos Bois-Bumbás de Parintins, e também, me possibilitou refletir sobre a organização das apresentações que o Festival proporciona à cidade, aos brincantes – tanto aos nativos quanto aos visitantes – e ao espetáculo encenado na arena do Bumbódromo nas três noites.

Falar sobre a teatralidade é despertar um olhar diferente, ou seja, a forma de ver o que está sendo apresentado, e isso aconteceu dentro da arena, com o teatro em desenvolvimento nas suas mais variadas dramaturgias: sonoplastia, iluminação, interpretação, direção e outras cênicas que compõe a encenação. Fora da arena, uso como exemplo meu percurso como brincante: na embarcação, na cidade e suas festividades preparadas pelos brincantes locais até a festa da vitória e o momento da partida, que trago neste capítulo final.

A noite chega e com ela o cansaço revela-se, satisfeito e cansado, meu corpo aos poucos desagarra da teatralidade que me cercava, pois meus pensamentos se dividem em reflexões de responsabilidade que me aguardam em Manaus.

Durmo e só desperto na manhã seguinte para o café matinal. A cor barrenta do Rio Amazonas dá lugar a cor escura do Rio Negro, já estamos entrando no perímetro da cidade de Manaus. Agora tudo se tornará lembranças, se tornará, para este pesquisador, material a ser sistematizado e dialogado com o mundo acadêmico e com a arte que faz parte de mim. Evoé!

Assim, trazer a teatralidade para este trabalho, me permitiu dialogar e compreender o jogo dos brincantes dos Bois-Bumbás de Parintins, e também, me possibilitou refletir sobre a organização das apresentações que o Festival proporciona à cidade, aos brincantes – tanto aos nativos quanto aos visitantes – e ao espetáculo encenado na arena do Bumbódromo nas três noites.

Falar sobre a teatralidade é despertar um olhar diferente, ou seja, a forma de ver o que está sendo apresentado, e isso aconteceu dentro da arena, com o teatro em desenvolvimento nas suas mais variadas dramaturgias: sonoplastia, iluminação, interpretação, direção e outras cênicas que compõe a encenação. Fora da arena, uso como exemplo meu percurso como brincante: na embarcação, na cidade e suas festividades preparadas

pelos brincantes locais até a festa da vitória e o momento da partida, que trago neste capítulo final.

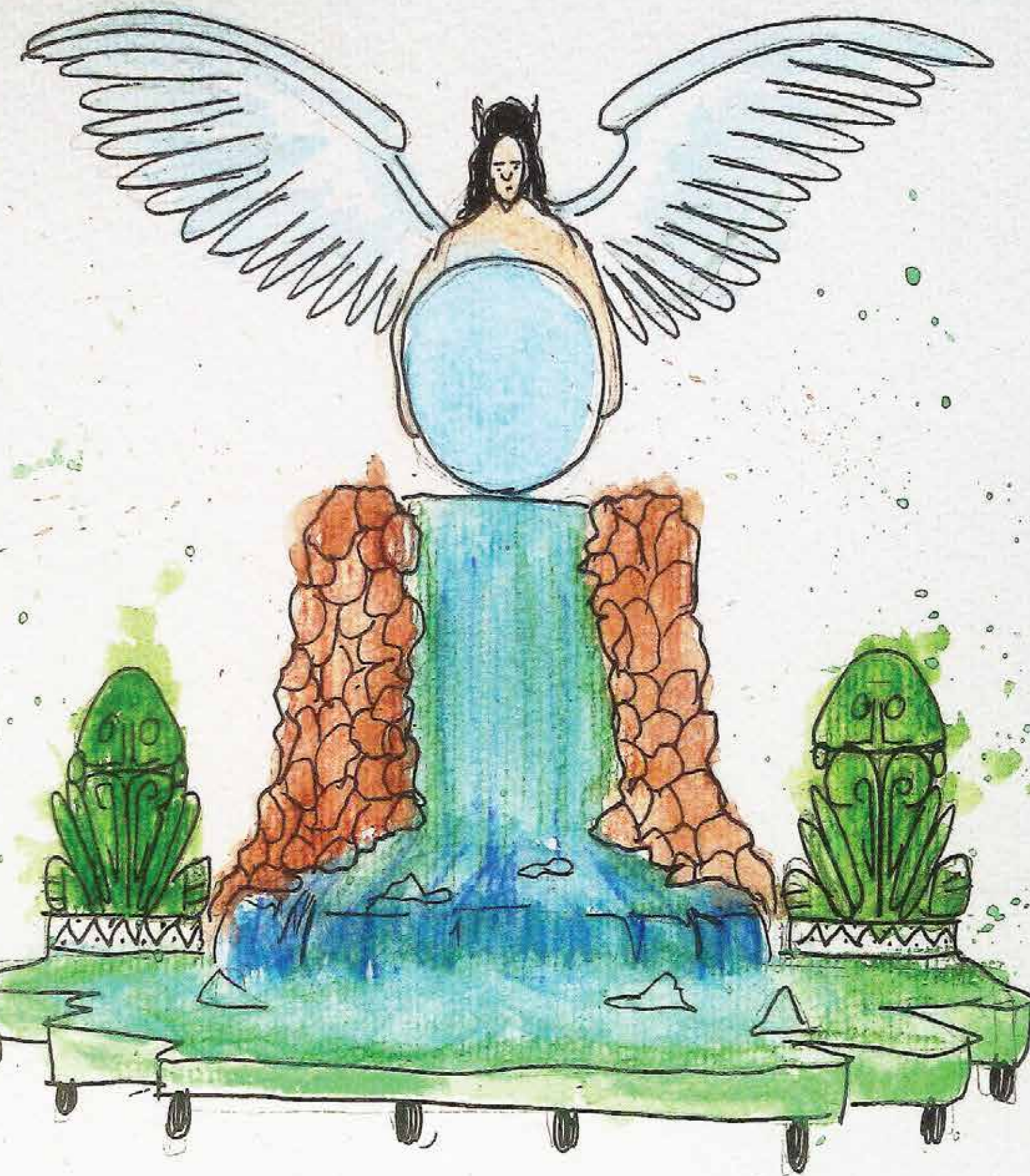
São essas representações descritas nesta pesquisa que ativaram a teatralidade que eu, como pesquisador, buscava para responder questões tão inerentes que só o Festival Folclórico de Parintins possui.

Mas para que toda essa teatralidade pudesse existir, precisou de um fator fundamental, o olhar externo, o observador, ou seja, o meu olhar como espectador – sustentado aqui pelos autores que venho percorrendo ao longo deste trabalho, sobre a teatralidade – deu vida a representação que estava se desenvolvendo naquele momento, o que ocasionou o acionamento da teatralidade, intrínseca daquele espetáculo que considero tão teatral. “Quanto mais esse olhar se torna presente na representação do ator, na representação plástica ou literária, mais teatral a consideraremos. A combinação desses elementos define distintas estratégias de teatralidade” (CONARGO, 2008, p. 22).

É importante deixar claro que, o estudo adotado neste trabalho, referente a teatralidade do Festival Folclórico de Parintins é único, pois, cada situação possui suas particularidades. O acionamento da teatralidade não é algo que se pode mudar de um lugar para outro, cada festa, evento, representação, manifestação, show, enfim, atuará de maneira diferenciada. As festas de Bois existente no Amazonas podem até parecer “iguais”, com todas as regras, itens e outras características que o Festival Folclórico de Parintins possui, mas suas teatralidades serão diferentes.

Deste modo, espero que esta pesquisa, que considero como ponto de partida como pesquisador, proporcione ao leitor informações pertinentes sobre o Festival Folclórico de Parintins, aguçando sua curiosidade em conhecer o folguedo do Amazonas e suas diversas histórias, contos, míticas e linguagens artísticas do espetáculo dos Bois-Bumbás de Parintins.





Santhizinger



# REFERÊNCIAS

## 1. Livros

AMARAL, Rita de Cassia de Melo Peixoto. **Festa à Brasileira Significados do festejar, no país que não é sério**”. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, 1998.

BATALHA, Socorro de Souza. **“Gingando e balançando em sincronia”: uma antropologia da dança do boi-bumbá de Parintins – AM**. 149 f. Dissertação – Universidade Federal do Amazonas, 2015.

BARBOSA, Raimundo Oliveira. **A indústria cultural: sua influência no festival folclórico de Parintins/am**. Trabalho Monográfico – Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Campus de Parintins/AM, 2014.

BHARTES, Roland. **O Prazer do Texto**. Editora Perspectiva. 2008.

BRAGA, Sergio Ivan Gil. **Os Bois-Bumbás de Parintins**. Rio de Janeiro: Funarte. Coedição com a Editora Universidade do Estado do Amazonas, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. 1 Ed. São Paulo. Brasiliense, 1982.

BOI BUMBÁ CAPRICHOSO. **A Poética do Imaginário Caboclo**. Manaus – Parintins-AM, 2017.

BOI BUMBÁ GARANTIDO. **Magia e Fascínio no coração da Amazônia**. Manaus – Parintins-AM, 2017

CABRAL, Osvaldo R. **Cultura e Folclore: bases científicas do Folclore**. Ed. Comissão Catarinense de Folclore. 1954. 299 p.

CATALÃO, Laranna Prestes. **Mãos que tecem o festival folclórico de parintins: um estudo sobre as condições de trabalho e saúde dos artistas de galpão do boi-bumbá**. 108f.. Dissertação – Universidade Federal do Amazonas. Manaus-AM, 2014.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Festa na floresta: o boi-bumbá de Parintins**. Rio de janeiro: FUNARTE/ CNPQ/ SESC, 2000.

CAVALCANTI. **“O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da**

**festa”**. In: História, Ciências, Saúde — Manguinhos, vol. 6, supl. 0, Rio de Janeiro, set, 2000. Disponível em: <http://dx.doi.org/180.1590/S0104-59702000000500012>.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 9 ed. Revista atualizada e ilustrada. São Paulo: Global, 2000.

CASCUDO, L. C. **Folclore do Brasil: pesquisas e notas**. 2 ed. Natal: Fundação José Augusto, 1980.

CORDEIRO, Maria Audirene de Souza. **“A Canoa da cura ninguém nunca rema só”: o se ingerar e os processos de adoecer e curar em Parintins (AM)**. 2107. 282 f.. Tese - Universidade Federal do Amazonas. Manaus-AM. 2017.

CORNAGO, Óscar. **Teatralidade e Ética. Próximo Ato: questões da teatralidade contemporânea**. São Paulo. N. 6, p. 20-31. Itaú Cultural: 2008.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. [em linha], 2008 2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/oraturas> > Acesso em: 25 de maio de 2017.

EVREINOV, Nicolás. **El teatro en la vida**. Buenos Aires. Ediciones Leviatán.

FESTIVAL Folclórico de Parintins 2017. **Regulamento do concurso de bumbás**. Parintins, s/e., 2017.

FÉRAL, Josette. **Além dos Limites: teoria e prática do teatro**/ Josette Feral; tradução J. Guinsburg ... [et al]. – 1. Ed. – São Paulo: Perspectiva, 2015.

FÉRAL, Josette. **Acerca de la Teatralidad**. Ediciones Nueva Generación. Buenos Aires, 2003.

FERNANDES, Sílvia. **Teatralidades contemporâneas**. – São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2010.

FILHO, Raimundo Pereira Pontes. **História do Amazonas**. Manaus: Editora Cultural do Amazonas, 2011.

FORTIN, Sylvie & GOSSELIN, Pierre - **Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico**. In: ARJ – Revista de Pesquisa em Arte. Natal: UFRN, 2014, p. 1-17.

**FRAGMENTOS DE CULTURA**, Goiânia, v. 21, n. 4/6, p. 229-248, abr./jun. 2011.

FREIRE, Sergio. **Amazonês – expressões e termos usados no Amazonas**. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, 2017.

GONÇALVES, Afrânio Viana. **Guardiões da Cultura** – texto escrito para o Movimento Marujada. 2016.

GUINSBURG, J; FARIA, João Roberto; LIMA, Mariangela Alves de. **Dicionário do Teatro Brasileiro: temas, formas e conceitos**. São Paulo: Perspectiva: Sesc São Paulo, 2006.  
OK

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

JUNQUEIRA, Flávia. **A Teatralidade da Vida Cotidiana**. 2014. 167 f. Dissertação - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

LEMOS. Verena Cansanção da Silva. **O Festival Folclórico de Parintins**. Centro Universitário de Brasília UNICEUB. 2005.

MEGALE, Nilza B. **Folclore Brasileiro**. 2ª Edição. Editora Vozes LTDA. Rio de Janeiro, 1999.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Boi-Bumbá: História, análise fundamental e juízo crítico**. Manas: Edição do Autor, 2004.

MOURA, Carlos Eugênio Moreira de. **O teatro que o povo cria**. Belém: Secult, 1997.

NOGUEIRA, Wilson. **Boi-bumbá – Imaginário e Espetáculo na Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2014.

NOGUEIRA, Wilson de Souza. **A espetacularização do imaginário amazônico no boi-bumbá de Parintins**. 244 f. Tese – Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2013.



PATRÍCIO, Patrícia Sales. **Na ilha do boi de pano: uma reportagem ensaio para além do dogma da objetividade jornalística**. 2007. 158f. Tese – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

RODRIGUES, Allan Soljenítsin Barreto. **BOI-BUMBÁ: EVOLUÇÃO** – livro – reportagem sobre o festival de Parintins. Manaus: Editora Valer, 2006.

SANCHES, Cleber Cid Gama. **Auto do Boi-Bumbá**. 2ª edição – Manaus: Editora Valer/ Instituto Cultural Fundação Rede Amazônica, 2009.

SAUNIER, Tonzinho. **Parintins: Memórias dos Acontecimentos Históricos**. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2003.

SAYÃO, Thiago Juliano. **Nas veredas do Folclore**. Florianópolis, 2004.

SEARA, Nádia Tobias de Souza. **Devaneios poéticos e a cultura do brincar de boi-bumbá em Parintins-amazonas**. Monografia – Instituto Superior de Educação Vera Cruz. São Paulo, 2011.

SILVA, Rosângela Gomes da. **A Festa do Boi-Bumbá e a Reprodução da Cultura Popular**. FRAGMENTOS DE CULTURA, Goiânia, v. 21, n. 4/6, p. 229-248, abr./jun. 2011.

SUZANO, João de Matos. **Brincando de Boi em Parintins**. Manaus: Grafisa, 2006.

SOARES, Doralécio. **Folclore Catarinense**. Editora da UFSC. Florianópolis, 2006.

TEIXEIRA, Heraldo Marconi da Costa. **A Festa do Bumba-Meu-Boi da Maioba na configuração do estilo de vida e lazer**. Dissertação – Campus de Rio Claro. São Paulo, 2008.

TENÓRIO, Basílio. **A Cultura do boi-bumbá em Parintins**. Parintins: Gráfica e Editora João XXIII, 2016.

THOMAS, Suzana. **Teatralidade, entre Teorias e Práticas: um olhar sobre a abordagem do Théâtre du Soleil**. Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 309-330, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/presenca>. Acesso em: 8 ago. 2016.

VALENTIN, Andreas. Contrários: **A celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins**. Manaus: Editora Valer, 2005

VALENTIN, Andreas; CUNHA, Paulo José. **Caprichoso: A Terra é Azul**. Rio de Janeiro, 1999.

## 2. Material Documental

### 2.1. Entrevistas

ARMANDO, Luiz. Brincante e compositor do Boi-Caprichoso. Entrevista concedida a este pesquisador. Manaus-AM, setembro de 2016.

CARDOSO, Chico. Membro do Conselho de Arte do Boi-Caprichoso e Vice-Secretário de cultura de Parintins. Entrevista concedida a este pesquisador. Parintins-AM, 2016/ 2017.

CANAVARRO, Luciano. Compositor do Boi-Bumbá Caprichoso. Entrevista concedida a este pesquisador. Parintins – AM, 29 de junho de 2017.

GÓES, Fred. Diretor da Comissão de Arte do Boi-Bumbá Garantido. Entrevista concedida a este pesquisador. Parintins-AM, agosto de 2017.

LIMA, Juarez. Artista e membro do Conselho de Arte do Boi-Bumbá Caprichoso. Entrevista concedida a este pesquisador. Manaus-AM, agosto de 2017.

NAKANOME, Ericky. Presidente do Conselho de Arte do Boi-Bumbá Caprichoso. Entrevista concedida a este pesquisador. Parintins-AM, agosto de 2017.

SILVA, Luciano. Brincante do Boi-Bumbá Garantido. Entrevista concedida a este pesquisador. Manaus – AM, novembro de 2017.

VIANA, Karla. Secretária da Prefeitura de Parintins. Entrevista concedida a este pesquisador. Parintins-AM, agosto de 2017.

VASCONCELOS, Amaury. Compositor do Boi-Bumbá Caprichoso. Entrevista concedida a este pesquisador. Parintins – AM, 29 de junho de 2017.

XAVIER, Adriano. Batuqueiro do Boi-Bumbá Garantido. Entrevista concedida a este pesquisador. Parintins – AM, agosto de 2017.

## 2.2. Toadas

HAIDOS, Demetrius; PANTOJA, Geandro; CRUZ, Naferson. Toada Minha Natureza. In.: **Garantido: Magia e Fascínio no Coração da Amazônia**. Manaus e Parintins-AM, 2017. <https://www.letras.mus.br/garantido/minha-natureza>. Acesso em: 03 de março de 2018.

GORETE. Toada Cabroké. In.: **Caprichoso: Criação Cabocla**. Manaus e Parintins-AM, 1996. <http://www.boicaprichoso.com/player>. Acesso: 03 de março de 2018.

BARBOSA, Ronaldo. Toada Saga de um Canoeiro. In.: **Caprichoso: Boi-Bumbá de Parintins**. Manaus e Parintins – AM, 1994. <http://www.boicaprichoso.com/player>. Acesso: 03 de março de 2018.

AGUIAR, Adriano. Toada Amazônia nas cores do Brasil. In.: **Caprichoso: Amazônia**. Manaus e Parintins-AM, 2015. <http://www.boicaprichoso.com/player>. Acesso: 03 de março de 2018.

AGUIAR, Adriano. Toada O Ritmo é de Boi. In.: **Caprichoso: Amazônia Tawapayera**. Manaus e Parintins-AM, 2014. <http://www.boicaprichoso.com/player>. Acesso: 03 de março de 2018.

CARNEIRO, Moisés; CARNEIRO, Sandro; GOMES, Jeane; COSTA, Varlindo. Toada Mar Azul de Amor. In.: **Caprichoso: A Poética do Imaginário Caboclo**. Manaus e Parintins-AM, 2017. <http://www.boicaprichoso.com/player>. Acesso: 03 de março de 2018.

AGUIAR, Adriano; BASTOS, Geovane. Toada Sensibilidade. In.: **Caprichoso: Viva a Cultura Popular**. Manaus e Parintins-AM, 2015. <http://www.boicaprichoso.com/player>. Acesso: 03 de março de 2018.

AGUIAR, Adriano. Toada Povo Festeiro da Ilha. In.: **Caprichoso: A Poética do Imaginário Caboclo**. Manaus e Parintins-AM, 2015. <http://www.boicaprichoso.com/player>. Acesso: 03 de março de 2018.



QUEIROZ, Júlio; MEDEIROS, Paulinho. Toada Fé. In.: **Garantido: Fé**. Manaus e Parintins-AM, 2014. <https://www.letras.mus.br/garantido/fe>. Acesso em: 03 de março de 2018.

AZEVEDO, Ademar; FILHO, Mauricio. Toada Camisa Encarnada. In.: **Garantido: Vida**. Manaus e Parintins-AM, 2015. <https://www.letras.mus.br/garantido/camisa-encarnada>. Acesso em: 03 de março de 2018.

MEDEIROS, Inaldo; LIMA, MARCOS. Toada Coração de Batuqueiro. In.: **Garantido: Amazônia, Coração Brasileiro**. Manaus e Parintins-AM, 2004. <https://www.letras.mus.br/garantido/coracao-de-batuqueiro>. Acesso em: 03 de março de 2018.

SILVA, Chico da. Toada Vermelho. In.: **Garantido: Lendas, Rituais e Sonhos**. Manaus e Parintins-AM, 1996. <https://www.letras.mus.br/garantido/vermelho>. Acesso em: 03 de março de 2018.

MORAIS, Cesar; AZEVEDO, Márcio. Toada Coração Brasileiro. In.: **Garantido: Amazônia, Coração Brasileiro**. Manaus e Parintins-AM, 2004. <https://www.letras.mus.br/garantido/coracao-brasileiro>. Acesso em: 03 de março de 2018.

AZEVEDO, Ademar; FILHO, Mauricio. Toada De Coração. In.: **Garantido: Celebração**. Manaus e Parintins-AM, 2016. <https://www.letras.mus.br/garantido/de-coracao>. Acesso em: 03 de março de 2018.

SILVA, Chico da. Toada O Amor está no Ar. **Bois de Parintins**. Vol 2. Manaus e Parintins-AM, 1998. <https://www.letras.mus.br/garantido/o-amor-esta-no-ar>. Acesso em: 03 de março de 2018.

KAITA, Carlos; ASSAYAG, David; MAKLOUF, Joel; MEDEIROS, Paulinho; FREITAS, Romildo. Toada Caprichoso, Eterno Amor. In.: **Caprichoso: Viva Parintins**. Manaus e Parintins-AM, 2016. <http://www.boicaprichoso.com/player>. Acesso: 03 de março de 2018.

ASSAYAG, Davi; SAGRADO, Paulinho Du; VALENTE, Ruth. Toada Emoção. In.: **Garantido: Emoção**. Manaus e Parintins-AM, 2009. <https://www.letras.mus.br/garantido/emocao>. Acesso em: 03 de março de 2018.

DIAS, Eneias; KENNED, João; BOI, Marcos. Toada Pindorama, Pátria Tribal. In.: **Garantido: Magia e Fascínio no Coração da Amazônia**. Manaus e Parintins-AM, 2017. <https://www.letras.mus.br/garantido/pindorama-patria-tribal>. Acesso em: 03 de março de 2018.

ARAGÃO, Jorge. Toada Garantido Sou Eu. In.: **Garantido: 500 Anos do Passado para Construir o Futuro**. Manaus e Parintins-AM, 1998. <https://www.letras.mus.br/garantido/garantido-sou-eu>. Acesso em: 03 de março de 2018.

SAGRADO, Paulinho Du. Toada Máscara de Sucuri. In.: **Garantido: Magia e Fascínio no Coração da Amazônia**. Manaus-AM, 1998. <https://www.letras.mus.br/garantido/mascara-de-sucuri>. Acesso em: 03 de março de 2018.

### 2.3. Sites

Arquibancada da Galera Vermelha, 2012. Disponível em: < <https://www.eleazaraleitao.com.br/2012/06/bumbodromo-bumbando-em-azul-e-vermelho.html/>>. Acesso em março de 2018.

Bumbódromo. Disponível em: <http://www.deamazonia.com.br/>. Acesso em março de 2018.

Boi de Rua Caprichoso. Disponível em: <http://www.acritica.com/channels/parintins-2016/news/caprichoso-organiza-boi-de-rua-para-levar-multidao-as-ruas-de-parintins/> Acesso em março de 2018.

Galera Vermelha. Disponível em: <https://www.blogvambora.com.br/festival-de-parintins-passo-passo-viagem/>. Acesso em março de 2018.

Orla de Parintins. Disponível em: <http://brazildemuchilao.blogspot.com.br/2013/03/>. Acesso em março de 2018.

PEIXE EXÓTICO: <http://www.flickr.com/photos/ninacantu/5207571225/> > Acesso em: 10 de abril de 2017.

PORTO DE MANAUS. <https://www.portodemanaus.com.br/?pagina=historia>.> Acesso em: maio de 2017.

Ritual indígena O Eldorado. Disponível em: <https://www.deamazonia.com.br/?q=278-conteudo-55170-eldorado-fecha-apresentacao-do-garantido/>. Acesso em março de 2018.

Vaqueirada Azul e Vermelha. Disponível em: <https://noamazonaseassim.com.br/saiba-tudo-sobre-o-festival-folclorico-de-parintins/>. Acesso em março de 2018.





sanftzinger



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS**

**AUTORIZAÇÃO**

Eu....., autorizo a Fabiano Baraúna Bentes, pesquisador discente do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Uberlândia - MG, a utilizar as informações por mim prestadas em entrevista realizada no dia ---/---/---, no(a) ----- (espaço onde foi realizada a entrevista: barracão do boi, no bar, na casa de alguém etc) -----, na cidade de -----, bem como o uso, se necessário, da minha imagem e voz, para a elaboração da sua dissertação, que tem como título – A Teatralidade no Festival Folclórico de Parintins: O Jogo dos Brincantes dos Bois-Bumbá.

Manaus, ..... de ..... de 20\_\_\_\_\_ .

---

Assinatura do entrevistado

**APÊNDICE I**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**  
**A TEATRALIDADE NO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS:**  
**O Jogo dos Brincantes dos Bois-Bumbás**  
**“FRED GÓES”**  
**(DIRETOR DA COMISSÃO DE ARTE DO BOI-BUMBÁ GARANTIDO)**  
**ENTREVISTA REALIZADA DO MÊS DE AGOSTO DE 2017.**

1. Como se concretizou processo de criação do Boi-Bumbá Garantido para o 52º Festival Folclórico de Parintins (2017)?
2. Depois da escolha do tema, imediatamente já começa os trabalhos?
3. O que o senhor achou do resultado desse Festival?

**APÊNDICE II**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**  
**A TEATRALIDADE NO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS:**  
**O Jogo dos Brincantes dos Bois-Bumbás**  
**“ERICKY NAKANOME”**  
**(PRESIDENTE DO CONSELHO DE ARTE DO BOI-BUMBÁ CAPRICHOSO)**  
**ENTREVISTA REALIZADA DO MÊS DE AGOSTO DE 2017.**

1. Qual a função do presidente do conselho de artes?
2. Como foi a dinâmica do trabalho na construção do espetáculo do Boi Caprichoso?
3. Como foi a escolha do tema para o festival de 2017?
4. Como é o trabalho com os artistas nos galpões?
5. Toda a cena apresentada no bumbódromo é pensada no espaço?



**APÊNDICE III**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**  
**A TEATRALIDADE NO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS:**  
**O Jogo dos Brincantes dos Bois-Bumbás**  
**“JUAREZ LIMA”**  
**(ARTISTA E MEMBRO DO CONSELHO DE ARTE DO BOI-BUMBÁ CAPRICHOSO)**  
**ENTREVISTA REALIZADA DO MÊS DE NOVEMBRO DE 2017.**

1. Entendo como cultura que: sem as nossas raízes não podemos viver. Para você, de onde vem essa raiz?
2. Porque o espetáculo de Parintins tem uma dramaticidade gigantesca?
3. As expressões artísticas todos os anos se renovam?
4. O que trouxe do carnaval do Rio para o Boi de Parintins?
5. Boi e Carnaval?
6. Espera a vitória?

**APÊNDICE IV**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**  
**A TEATRALIDADE NO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS:**  
**O Jogo dos Brincantes dos Bois-Bumbás**  
**“LUIZ ARMANDO”**  
**(BRINCANTE E COMPOSITOR DO BOI CAPRICHOSO)**  
**ENTREVISTA REALIZADA DO MÊS DE SETEMBRO DE 2016.**

1. Como vê o jogo político dentro do Boi?
2. Você não é brasileiro, então como se aproximou do Boi-Bumbá?
3. Como você avalia o brincante local, ou seja, o que mora em Parintins?
4. Qual foi a sua contribuição para o Boi-Bumbá de Parintins?

**APÊNDICE V**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**  
**A TEATRALIDADE NO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS:**  
**O Jogo dos Brincantes dos Bois-Bumbás**  
**“KARLA VIANA”**  
**(SECRETÁRIA DA PREFEITURA DE PARINTINS)**  
**ENTREVISTA REALIZADA DO MÊS DE AGOSTO DE 2017.**

1. Porque a Prefeitura de Parintins abraçou o Festival desse ano?
2. Houve mudanças no Regulamento do Festival?
3. Como fizeram a escola dos jurados para esse ano?
4. Como funciona a organização das apurações do Festival?



**APÊNDICE VI**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**  
**A TEATRALIDADE NO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS:**  
**O Jogo dos Brincantes dos Bois-Bumbás**  
**“CHICO CARDOSO”**  
**(MEMBRO DO CONSELHO DE ARTE DO BOI-CAPRICHOSO E VICE SECRETÁRIO DE**  
**CULTURA DE PARINTINS)**  
**ENTREVISTA REALIZADA DO ANO DE 2016/ 2017.**

1. Como você vê Festival atualmente?
2. Quem são essas pessoas que brincam na arena?
3. É verdade que o Boi não usa tecnologias robóticas?
4. O que mudou com o novo regulamento, dentro da arena?
5. Do ponto de vista estético, o Festival obteve alguma mudança expressiva?
6. Como o Boi trabalha a dramaturgia no espetáculo?







# GLOSSÁRIO

**ACARI-BODÓ** – peixe típico do Amazonas, muito comum na mesa do parintinense.

**ALEGORIAS** – gigantescas estruturas que fazem, no espetáculo, a imaginação dos espectadores flutuar.

**AMO DO BOI** – o Amo do Boi no Festival de Parintins lembra os repentistas do Nordeste. É o famoso fazendeiro, dono do Boi-Bumbá, símbolo da festa.

**APRESENTADOR** – é o narrador do espetáculo, conduz a dramaturgia encenada na arena, mestre-de-cerimônia, anima a galera e apresenta para os espectadores as figuras que compõem o imaginário do caboclo.

**BANZEIRO** – rio forte, agitado vagarosamente.

**BARRACÕES** – onde são construídas as alegorias dos bois.

**BATUCADA** – grupo de percussionistas do Boi Garantido.

**BATUQUEIROS** – ritmistas do Boi Garantido.

**BOI-BUMBÁ CAPRICHOSO** – um boneco de pano que representa as cores azul e branca.

**BOI-BUMBÁ GARANTIDO** – um boneco de pano que representa as cores vermelha e branca.

**BRINCANTES** – indivíduos que participam da festa do Boi-Bumbá.

**BUMBÓDROMO** – palco da batalha artísticas dos Bois-Bumbás.

**CABOCLO** – indivíduo nascido do índio e do branco.

**CALAFATE** – oficina onde constroem as embarcações de madeiras.

**CANOA** – definição que se aplica a embarcação do ribeirão.

**CAZUMBA (GAZUMBA)** – personagem do Bumba-meu-boi.

**COMANDO GARANTIDO** – torcida organizada do Boi Garantido.

**CUIA** – fruto da cuieira, utensílio doméstico comum do índio e do ribeirão.

**CUNHÃ PORANGÃ** – Representa a força da mulher indígena, está diretamente incorporada no místico das lendas Amazônicas, simboliza a guardiã e protetora da sua tribo e da floresta.

**CUNHATÃ** – menina

**CURRAL DO BOI** – nome dado ao local onde os brincantes dos bois se reúnem, para ensaiar ou para festejar.

**CURUMIM** – menino

**FAB** – Força Azul e Branca, torcida organizada do Boi Garantido.

**FIGURA TÍPICA REGIONAL** - é a forma mais expressiva que os bois tiveram para homenagear e mostrar a cultura do caboclo, a resistência da tradição e os costumes de um povo simples e rico no fazer artístico.

**GALERA** – é a energia humana que impulsiona com as suas enérgicas coreografias nas





arquibancadas, o Boi-Bumbá na arena.

**GARANTIDO SHOW** – grupo de brincantes que dançam no Boi Garantido.

**IGAPÓ** – floresta alagada.

**KAÇAUERES** - nome dado ao grupo, do Boi Garantido, que trabalham com os artistas nas alegorias, são responsáveis por toda a montagem e desmontagem dentro e fora da arena.

**LENDAMAZÔNICA** – a imaginação do ribeirinho e do indígena se transfiguram nesse item na arena.

**LEVANTADOR DE TOADAS** – é o cantor das toadas do Boi-Bumbá.

**LINDOLFO MONTEVERDE** – criador do Boi Garantido.

**MAROMBA** – é uma balsa de madeira feita pelos ribeirinhos na época da enchente, onde os animais permanecerão até a vazante dos rios.

**MÃE CATIRINA** – personagem negra, mulher de Pari Francisco, do auto do Boi-Bumbá (Bumbá-meu-boi).

**MAPINGUARI** – um gigante peludo com um olho na testa e a boca no umbigo.

**MARUJADA** – grupo de percussionistas do Boi Caprichoso.

**MONNAN** – deus da bondade.

**MOVIMENTO MARUJADA** – grupo que organiza os ritmistas que moram em Manaus – AM.

**MOVIMENTO AMIGOS DO GARANTIDO** – grupo organizado do Boi Garantido que residem em Manaus – AM.

**ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO FOLCLÓRICO** – funciona como no carnaval com a harmonia, responsável pelo sincronismo na avenida. No Boi-Bumbá, a Organização do Conjunto Folclórico é responsável pela limpeza e coerência da dinâmica da apresentação na arena.

**PAI FRANCISCO** – personagem negro do auto do Boi-Bumbá (Bumbá-meu-boi).

**PAIKCÉS** – nome dado ao grupo, do Boi Caprichoso, que trabalham com os artistas nas alegorias, são responsáveis por toda a montagem e desmontagem dentro e fora da arena.

**PAJÉ** – o ícone vital no momento cênico tribal. O poderoso Xamã, o curador de todos os males da tribo. A apresentação do Pajé é o ápice da festa, o mestre da iniciação dos rituais é responsável por guiar a tribo e defendê-la das entidades maléficas.

**PAVULAGEM** – pessoa de orgulho próprio.


**PARINTINS** – município do estado do Amazonas, onde acontece o festival folclórico dos Bois-Bumbás Caprichoso e Garantido.

**PEARA** – o regente da Marujada/Batucada. Para o carnaval é o mestre de bateria.

**PERRECHÉ** – o parintinense que mora na parte onde o Boi Garantido reside. Nome adotado pelos torcedores do boi.

**PORONGA** – Luminárias feitas de latas e que tem como combustível o querosene.

**PORTA ESTANDARTE** – o estandarte do Boi-Bumbá é um símbolo que identifica o folgue-



do e suas cores. É a bandeira da expressão aguerrida do povo (torcedor), sempre marcando o tema da noite.

**PUPUNHA** – fruto de poupa fibrosa da pupunheira, um fruto muito conhecido na região norte.

**RAÇA AZUL** – torcida organizada do Boi Garantido.

**REBOJO** – redemoinho que se forma no rio.

**RIBEIRINHO** – indivíduos que moram na beira dos rios.

**RAINHA DO FOCLORE** – marcada pela beleza e pujança, a bela morena carrega a responsabilidade de representar as lendas e os mistérios amazônicos.

**SINHAZINHA** – filha do Amo do Boi, sempre graciosa e bela, tem um grande carinho pelo seu boi, com o qual interage e a quem alimenta em plena arena.

**TABA** – oca, maloca, casa do índio.

**TAMBAQUI** – peixe de água doce, um dos peixes mais comum na mesa dos amazonenses.

**TAPIOCA** – uma goma extraída da raiz da mandioca.

**TOADAS** – Música tradicional entoada pelos levantadores de toadas dos Bois Bumbás de Parintins, acompanhada por instrumentos como: tambores indígenas, matracas e surdos. Ao longo do tempo, incorporaram o charango andino e os instrumentos eletrônicos, como o teclado, guitarras e outros.

**TRIBOS** – fazem parte do universo mítico apresentado na arena, com coreografias diferentes do tradicional dois-pra-lá e dois-pra-cá. Usam uma rica plumaria em suas indumentárias e carregam em seus corpos pinturas que simbolizam a identidade de etnias contemporâneas e até mesmo extintas.

**TRICICLO** – veículo muito utilizado em Parintins para transportar pessoas e pequenas cargas.

**TUCUMÃ** – frutos amarelos com tons avermelhados de uma palmeira – o tucumanzeiro.

**TUPÃ** – designação Tupi do trovão.

**TUXAUAS** – o chefe da tribo, responsável pela harmonia do seu povo. No Festival de Parintins vem sempre com indumentárias que mais parecem pequenas alegorias, que podem chegar até 80 quilos.

**VAQUEIRADA** – guardiões do Boi-Bumbá, estão sempre prontos para defender o seu boi.

**XAMÂNICO** – sacerdote ou feiticeiro, mágico.